



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PPG
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS – ODEERE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E
CONTEMPORANEIDADE-PPGREC



PÁBULO GUIMARÃES MENDES

ANÁLISE DA BRANQUITUDE EM RELACIONAMENTOS
GAYS COM BASE NAS INTERAÇÕES EM UM GRUPO DAS
REDES SOCIAIS

JEQUIÉ-BA
2023



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS
E CONTEMPORANEIDADE-PPGREC**



PÁBULO GUIMARÃES MENDES

**ANÁLISE DA BRANQUITUDE EM RELACIONAMENTOS
GAYS COM BASE NAS INTERAÇÕES EM UM GRUPO DAS
REDES SOCIAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza

JEQUIÉ - BA

2023

M538a Mendes, Pábulo Guimarães.

Análise da branquitude em relacionamentos gays com base nas interações em um grupo das redes sociais / Pábulo Guimarães Mendes. - Jequié, 2023.
100f.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza)

1.Relações étnico-raciais 2.Homossexualidade 3.Branquitude 4.Redes sociais
I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.Título

CDD – 306.766

PÁBULO GUIMARÃES MENDES

“ANÁLISE DA BRANQUITUDE EM RELACIONAMENTOS GAYS COM BASE NAS INTERAÇÕES EM UM GRUPO DAS REDES SOCIAIS”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade

Linha de Pesquisa 2: Etnias, Gênero e Diversidade Sexual

Aprovado em: 04 de outubro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARCOS LOPES DE SOUZA**
Data: 05/10/2023 17:55:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza (UESB)

Presidente da Banca/Orientador

Documento assinado digitalmente
 **ANDERSON FERRARI**
Data: 17/10/2023 09:32:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Anderson Ferrari (UFJF)

Examinador Externo

Documento assinado digitalmente
 **ALEXANDRE DE OLIVEIRA FERNANDES**
Data: 17/10/2023 11:58:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Fernandes (IFBA)

Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
 **DANILO CESAR SOUZA PINTO**
Data: 17/10/2023 12:51:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Danilo César Souza Pinto (UESB)

Coordenador do PPGREC

JEQUIÉ

2023

AGRADECIMENTO

[...] Prefiro queimar o mapa
traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar.
E um homem não me define
minha casa não me define
minha carne não me define
eu sou meu próprio lar
ela desatinou
desatou nós
vai viver só.

(Triste, louca ou má - Francisco, el Hombre)

Primeiramente, agradeço toda a espiritualidade que me acompanha, me guia, me ilumina e me resguarda e vem contribuindo para o meu crescimento espiritual e pessoal.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao Professor/amigo Dr. Marcos Lopes de Souza por sua orientação e apoio inestimáveis ao longo deste processo de pesquisa. Seu conhecimento e orientação foram fundamentais para o sucesso deste trabalho.

Quero agradecer a todos os participantes da pesquisa que generosamente dedicaram seu tempo e com muita responsabilidade compartilharam suas experiências, tornando possível a realização deste estudo.

Minha família, em especial minha mãe Dulcinha que merece um agradecimento diferenciado por seu apoio constante, incentivo e reconhecimento.

Agradeço aos meus amigos, as minhas amigas e colegas que me apoiaram e compartilharam suas ideias ao longo deste processo. E em especial Beatriz Rodrigues, Francys Cerqueira,

Aroldo Fernandes e Natalino Perovano Filho. Suas contribuições foram inestimáveis. E hoje meu grande amigo, companheiro e cúmplice José Davi por tanto carinho, companhia e amor.

Expresso minha gratidão à instituição a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) por fornecer os recursos necessários e um ambiente propício para a pesquisa acadêmica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001-Portaria CAPES 206/2018.

Agradeço a todas as pessoas que direta e indiretamente moldaram meu caminho acadêmico e me proporcionaram as ferramentas necessárias para esta conquista.

O que seria de mim se não fossem vocês?

Tenho certeza que sem vocês esta jornada teria sido muito mais desafiadora.

Muitíssimo Obrigado!

RESUMO

ANÁLISE DA BRANQUITUDE EM RELACIONAMENTOS GAYS COM BASE NAS INTERAÇÕES EM UM GRUPO DAS REDES SOCIAIS

A questão da branquitude tem sido objeto de intensos debates nas últimas décadas, à medida que se buscam compreender as complexidades e implicações das relações étnico-raciais em nossa sociedade. Ser branco não é apenas uma questão relacionada às características fenotípicas, mas, também aos valores socioculturais a elas associados. Entendendo a branquitude enquanto privilégio, esta pesquisa teve como questão norteadora: Quais os efeitos da branquitude nos relacionamentos homossexuais e como os gays brancos lidam com essa prerrogativa, especialmente quando se relacionam com gays de outras etnias/raça? O objetivo geral do trabalho foi investigar os efeitos da branquitude nos relacionamentos gays tomando como base as interações produzidas em um grupo criado por meio das redes sociais. Já os objetivos específicos foram: a) analisar como o marcador étnico-racial atravessa as construções identitárias dos homens gays acessados via redes sociais; b) investigar como os gays brancos lidam com o privilégio da branquitude; c) discutir como a branquitude interfere nos relacionamentos entre homossexuais considerando as diferentes identidades étnico-raciais e outros possíveis marcadores sociais. Este estudo se ancorou nas perspectivas pós-críticas e pós-estruturalistas e, para a construção das informações, foi criado um grupo nomeado “Bate Papo no Vale”, na rede social *WhatsApp* em que foram discutidas, dentre outras coisas, os relacionamentos gays por meio dos aplicativos e os efeitos da branquitude nestas relações. As análises foram feitas com base em entrevistas semiestruturadas realizadas com seis gays que participaram do grupo e também por meio dos registros de mensagens de textos e de imagens publicadas no grupo “Bate Papo no Vale”. Ao dialogar com os participantes entrevistados sobre a identidade étnico-racial em que se identificavam, notou-se, especialmente, por conta do debate da miscigenação, o autorreconhecimento como pardo e apenas um dos sujeitos já se percebia como branco desde mais jovem por conta de suas características fenotípicas quanto de ascendência. Reconhecer a branquitude, em nosso país, ainda é uma questão não enfrentada por boa parte dos brancos que, preferem não problematizar seus privilégios e as vantagens advindas do racismo. Os participantes reconhecem, preponderantemente, os privilégios materiais dos brancos, como maior poder aquisitivo e bens materiais, o que possibilita aquisição de moradia, garantia maior de saúde e o acesso e permanência na educação escolar. Ser blindado e protegido pelo racismo e ter sua homossexualidade menos questionada e mais reconhecida foram privilégios simbólicos da branquitude apontados pelos sujeitos da pesquisa. Quanto às vivências dos relacionamentos, os participantes narraram que os aplicativos e grupos das mídias sociais se constituem como espaços para relações sexuais mais casuais e variadas. Relacionamentos mais duradouros e vínculos de amizade construídos por meio dos encontros nas redes sociais também foram mencionados pelos sujeitos da pesquisa. A estética da branquitude marcada pelo corpo branco, cabelos lisos, olhos claros, másculo, viril e ativo, se aproximando daquilo se lê como heteronormativo, ainda é construída como o mais desejável para a comunidade gay e, quanto mais se distancia disso, sobretudo, sendo preto, efeminado e passivo, menos se é desejado. Também foram discutidos outros privilégios brancos nos relacionamentos gays mais estáveis, como ser assumido e reconhecido pela família e amigos(as) do companheiro; não necessitar de uma validação social na construção dos relacionamentos e não ser lido como aquele que tem interesse econômico na relação.

Palavras-chave: relações étnico-raciais, homossexualidade, branquitude, redes sociais.

ABSTRACT

ANALYSIS OF WHITENESS IN GAY RELATIONSHIPS BASED ON INTERACTIONS IN A SOCIAL MEDIA GROUP

The issue of whiteness has been the subject of intense debate in recent decades, as we seek to understand the complexities and implications of ethnic-racial relations in our society. Being white is not just a matter of phenotypical characteristics, but also the socio-cultural values associated with them. Understanding whiteness as a privilege, this research had as its guiding question: What are the effects of whiteness on homosexual relationships and how do white gays deal with this prerogative, especially when they relate to gays of other ethnicities/races? The general aim of the study was to investigate the effects of whiteness on gay relationships based on the interactions produced in a group created through social networks. The specific objectives were: a) to analyze how the ethnic-racial marker crosses the identity constructions of gay men accessed via social networks; b) to investigate how white gay men deal with the privilege of whiteness; c) to discuss how whiteness interferes in relationships between homosexuals considering the different ethnic-racial identities and other possible social markers. This study was anchored in post-critical and post-structuralist perspectives and, in order to construct the information, a group called "Bate Papo no Vale" was created on the WhatsApp social network in which, among other things, gay relationships through apps and the effects of whiteness on these relationships were discussed. The analysis was based on semi-structured interviews with six gay men who took part in the group, and also on the records of text messages and images published in the "Bate Papo no Vale" group. When talking to the participants interviewed about the ethnic-racial identity in which they identified themselves, it was noted, especially because of the debate on miscegenation, that they self-recognized as brown and only one of the subjects already perceived himself as white from a young age because of his phenotypical characteristics and ancestry. Recognizing whiteness in our country is still an issue not faced by many whites, who prefer not to problematize their privileges and the advantages of racism. The participants predominantly recognize the material privileges of whites, such as greater purchasing power and material goods, which make it possible to buy housing, better health care and access to and permanence in school education. Being shielded and protected by racism and having their homosexuality less questioned and more recognized were symbolic privileges of whiteness pointed out by the research subjects. As for their experiences of relationships, the participants reported that social media apps and groups were spaces for more casual and varied sexual relationships. Longer-lasting relationships and bonds of friendship built through encounters on social networks were also mentioned by the research subjects. The aesthetic of whiteness marked by the white body, straight hair, light eyes, masculine, virile and active, approaching what is read as heteronormative, is still constructed as the most desirable for the gay community and, the further one moves away from this, especially being black, effeminate and passive, the less one is desired. Other white privileges in more stable gay relationships were also discussed, such as being assumed and recognized by the partner's family and friends; not needing social validation when building relationships and not being seen as having an economic interest in the relationship.

Keywords: ethnic-racial relations, homosexuality, whiteness, social networks.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| O ENCONTRO COMIGO MESMO, AS LEITURAS DAS MINHAS EXPERIÊNCIAS E A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA..... | 09 |
| CAPÍTULO 1 - BEBENDO EM VÁRIAS FONTES: A CONEXÃO ENTRE OS REFERENCIAIS, O CAMPO ESTUDADO E SEUS ATRAVESSAMENTOS..... | 21 |
| 1.1. A expansão das redes sociais e a construção de novas sociabilidades para a comunidade gay..... | 21 |
| 1.2. Principais aplicativos para relacionamentos gays, bissexuais e hétero “curioso”: <i>grupos do Facebook, WhatsApp e Telegram</i> | 23 |
| 1.3. Desnudando e encurralando o privilégio da branquitude..... | 27 |
| CAPÍTULO 2 – PASSEANDO E INTERAGINDO COM AS VITRINES DOS CORPOS DIGITAIS: POR ONDE CAMINHOU A PESQUISA?..... | 36 |
| 2.1. Flertando com os estudos pós-críticos e pós-estruturalistas e se lambuzando com a etnografia virtual..... | 36 |
| 2.2. Olhando o catálogo, consumindo corpos | 38 |
| 2.3. Entrando no provador: aplicação dos procedimentos..... | 40 |
| CAPÍTULO 3 – O PRIVILÉGIO DA BRANQUITUDE NA PRODUÇÃO E VIVÊNCIA DOS RELACIONAMENTOS GAYS..... | 47 |
| 3.1. Qual a sua identidade étnico-racial? As incertezas de alguns sujeitos da pesquisa em se reconhecerem como brancos..... | 47 |
| 3.2. Como os gays autorreconhecidos brancos percebem/lidam com o privilégio da branquitude?..... | 59 |
| 3.3. Como a branquitude opera na produção e vivência dos relacionamentos gays?..... | 65 |
| QUAIS OS RASTROS DEIXADOS PELA PESQUISA? QUE NOVAS QUESTÕES SE ABREM COM ESTE TRABALHO?..... | 79 |
| REFERÊNCIAS..... | 82 |
| ANEXO A - Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa..... | 90 |
| APÊNDICE A – Roteiro de entrevista..... | 94 |
| APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... | 96 |

O ENCONTRO COMIGO MESMO, AS LEITURAS DAS MINHAS EXPERIÊNCIAS E A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Começo este texto descrevendo o meu processo de (re)construção e de identificação enquanto homem cis, branco, gay, nordestino, interioriano e de classe popular. Compreendo que o processo identitário não se dá por uma essência prévia, fixa e única. Portanto, ao longo dos anos fui me compreendendo com base nessas múltiplas identidades, ao mesmo tempo que as resignifico.

Mesmo compreendendo que a identidade é resignificada todo o tempo, percebo que para ela existir, o outro é necessário. Neste caso, me refiro ao meu lugar de homem cis, branco, gay e nordestino, por exemplo, e que algumas das identidades que carrego são lidas como referências, enquanto outras são marginalizadas.

Stuart Hall já nos apontava que, para a compreensão pós-moderna, nossas identidades não são pré-definidas, essências ou um dado natural. Para o autor, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2014, p. 12). Portanto, daqui alguns anos, talvez, não serei mais essa pessoa que escreve este texto.

Sou filho de Luiz Carlos Lopes Mendes e Ducidalva Guimarães Silva. Painho é pardo, assim ele se considera, fruto de um casamento entre uma mulher negra e um homem branco, que estudou até os anos finais do ensino fundamental incompleto, hoje aposentado como agente de saúde em nível federal. Mainha é branca de acordo com sua identificação, fruto de um casamento entre um casal branco. Ela tem o ensino fundamental incompleto e trabalha nas tarefas do lar. Painho e mainha é uma forma carinhosa de se referir ao Pai e Mãe na região do Nordeste, especificamente falando na Bahia. Ambos nasceram e se criaram na cidade de Iramaia, Bahia, localizada na mesorregião do centro-sul baiano, sul da região de serras da Chapada Diamantina e na microrregião de Jequié, Bahia.

Eu nasci em 1980, na cidade de Jequié (BA) e fui criado em Iramaia (BA) até os meus 22 anos de vida. A partir dos meus 22 anos, fui morar na cidade de São Paulo. Naquela época, no ano de 2002, ainda acontecia a procura pelas grandes metrópoles em busca de trabalho. São Paulo era um dos destinos mais procurados pelos nordestinos em busca de uma vida melhor. E foi aí que aconteceu minha ida para São Paulo, a procura de um sonho que não era só meu, mas de todos aqueles e aquelas que desejavam trabalhar, estudar e ter uma

qualidade de vida melhor. Coisa que, naquele momento, a minha pequena cidade, Iramaia, com um pouco mais de 10 mil habitantes, não poderia me oferecer.

Outro fator importante que me fez mudar de cidade foi a minha sexualidade. Eu era uma pessoa silenciada pela vergonha e pelo medo. Eu me sentia preso em meu corpo, em meus pensamentos e nos meus desejos internos. Entendo, conforme Richard Miskolci (2012), que a nossa sexualidade é controlada pelo Estado e as instituições nos cercam. Muitas dessas regras nos inibem e nos recriminam.

A minha sexualidade não era aceita/compreendida por muitos/as que ali viviam. Os olhares, os comentários, as piadas, as dúvidas e as exigências de uma masculinidade hegemônica, pautada na produção de gestos, andares e atitudes consideradas masculinas, eram persistentes, sobretudo em assumir uma heterossexualidade compulsória e viver, obrigatoriamente, a heteronormatividade. De acordo com Miskolci (2012):

A heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou - mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto - para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida (p. 15).

E para que isso se concretizasse, me sentia na obrigação de ter uma namorada e até mesmo casar-me com uma mulher. E o que me cabia era o medo, o isolamento e o silenciamento, não podendo assumir a sexualidade enquanto jovem gay, que tinha desejos por outros jovens, que nem chegavam a ser correspondidos. Nos dizeres de Robert W. Connell e James W. Messerschmidt (2013, p. 244): “A ideia de hierarquia das masculinidades cresceu a partir da experiência de mulheres e homens homossexuais com a violência e com o preconceito dos homens heterossexuais dominante”.

Mesmo sabendo do meu desejo por outros homens, ainda assim, vivia em conflito comigo mesmo e um dos lugares que mais me causava medo era o ambiente escolar, e isso começou nos anos iniciais do ensino fundamental e perpetuou até o ensino médio. Com a dúvida entre ser certo ou errado, e pecado ou não, acabei deixando-me levar pela ideia do que a sociedade pregava como correto.

Assim, namorei com uma menina dos meus quatorze até os dezoito anos de idade. Além dessa, houve outras experiências com mulheres. Essas vivências foram marcadas por trocas de afetos, beijos, carícias e sexo. Hoje, analiso que me produzi em um modelo de masculino preponderante, sobretudo, no interior, que deveria ser e provar a heterossexualidade, permanente. Criei uma vigilância em torno da minha sexualidade. Como

dito por Connell e Messerschmidt (2013, p. 245), a masculinidade hegemônica “[...] incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens”.

Retomando sobre a minha ida a São Paulo, lá, convivi com pessoas de diferentes culturas, etnias, raças e grupos identitários, como as lésbicas, os gays, as/os bissexuais, as travestis e as/os transexuais. Não tive a oportunidade de conviver com alguém intersex e nem que se identificava como *queer* ou não-binário, embora essas produções identitárias sejam mais recentes.

Então, por intermédio dessas vivências, mesmo sem os estudos acadêmicos, comecei a entender que a heteronormatividade, que produzia uma determinada referência de masculinidade hegemônica, não era um modelo que eu deveria seguir obrigatoriamente. Morar em São Paulo foi o primeiro divisor de águas em minha vida. Foi daí que comecei a entender quem eu era, qual lugar da sociedade eu pertencia e quais caminhos deveria seguir.

Hoje, lendo Miskolci (2012), compreendo que, mesmo involuntariamente, tirei a herança da heterossexualidade da zona de conforto, comecei a questionar o que seria normal, trazendo minhas experiências, os estigmas e as humilhações sociais (xingamentos, piadinhas, perseguições e dentre outras) que vivenciei por causa da minha sexualidade.

A minha ida para São Paulo foi importante para que eu pudesse me descobrir como gay, mas, essa descoberta não foi tão fácil, lembro que na época, eu tinha que disfarçar para minha família com quem morava (tia materna, seu esposo e filho). E quando minhas amigas lésbicas ligavam para casa da minha tia, ela e ele achavam que era minha namorada e eu deixei que pensassem assim. Quando chegavam os finais de semanas, eu tinha que sair um dia com meus familiares e outro dia com minha prima que é lésbica, nós dois acobertávamos um ao outro.

Meus familiares cobravam de mim uma heterossexualidade que não existia e eu reforçava com medo da repressão. Lembro-me de umas das frases do meu pai quando nos falávamos por telefone: “quando vai vir para a Bahia e trazer a namorada?”, “já casou? Quem é ela? e, dos meus tios: “Pábulo, tua namorada está aqui no telefone querendo falar com você”. Ou então, “Pábulo está namorando”! Eu tinha medo de me assumir para minha família, medo da rejeição, eu não sabia qual seria a reação.

Outros entraves que tive em São Paulo, foi quando arrumei meu primeiro trabalho. Por ser baiano e nordestino, e ter um sotaque diferenciado, era discriminado pelos

paulistanos, vivenciando a xenofobia regional. Além disso, as pessoas achavam que a Bahia se restringia apenas à capital, Salvador, e que todos os baianos eram pretos.

Em relação à minha homossexualidade, embora não escondesse das/os meus/minhas colegas de trabalho, não sentia que isso os/as incomodava, talvez porque eu me enquadrava em um perfil de gay branco, cisgênero e heteronormativo.

Depois de um longo período em São Paulo, capital, voltei para Bahia e fixei residência na cidade Jequié, na qual vivo até hoje. Foi em Jequié que consegui realizar um dos sonhos que havia procurado em São Paulo, o de estudar.

Entre 2010 e 2016, como aluno do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB-*Campus* Jequié), militante do movimento social em prol dos direitos humanos da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais e Bacharel em Serviço Social, desenvolvi uma pesquisa intitulada “Dos sapatos “masculinos” de Janice à bolsa de “mulher” de Marcelo: considerações sobre Teatro, Sexualidade e Homofobia”, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Licenciatura em Teatro.

Neste trabalho, teço considerações sobre como as questões referentes à sexualidade e à homofobia eram abordadas ou se estabeleciam no/com/em relação ao teatro. O texto foi dividido em três capítulos. O primeiro discorre a partir do contexto histórico, contextualizando todo o percurso do movimento gay no Brasil articulando com o teatro; no segundo é feita uma análise do espetáculo *The Célio Cruz Show* - aqui o ibope é você, no qual eu participei como ator/intérprete de uma personagem transexual e um gay surdo; e no terceiro apresento uma pesquisa-ação com base nas técnicas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, desenvolvida especificamente para o trabalho de conclusão de curso.

Ainda durante esse período, pude também participar enquanto membro colaborador do Órgão de Educação e Relações Étnicas (Odeere)¹, onde tive a oportunidade de conhecer sobre as questões étnico-raciais, gênero, sexualidade e a respeito das religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras, por meio dos cursos de extensão, da festa do Caruru que faz parte de um dos módulos, da vivência com os professores e alunos que frequentaram naquele período em

¹ O Odeere é um Órgão de Educação e Relações Étnicas, fundado em 2005, vinculado à Universidade Estadual do Sudeste da Bahia, localizado na cidade de Jequié, Bahia, no bairro do Pau-Ferro e que desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão no campo dos estudos acerca das Relações étnicas, Gênero e Diversidade sexual. Disponível em: http://www2.uesb.br/odeere/?page_id=106, acessado em 28 de fevereiro de 2023.

que contribui. Os temas relativos à sexualidade e de gênero sempre estiveram em meu campo de atuação, da minha trajetória de vida e acadêmica.

De acordo com Dagmar Esterman Meyer e Marlucy Alves Paraíso (2012), tudo aquilo que lemos, vemos e vivemos nos constroem e nos transformam em uma grande potência, tirando-nos de um lugar de engessamento e levando a pensar, pesquisar, escrever, dialogar, questionar a partir das nossas vivências pessoais e acadêmicas, da teoria e da prática. Portanto, somos sujeitos formados por linguagens, dos discursos, dos textos, das representações, da subjetividade e das relações de poder e saber. Com esse processo vivencial entre a vida pessoal e acadêmica, trago as perspectivas pós-críticas e pós-estruturalistas para dialogar com minha pesquisa. Para Guacira Lopes Louro (2007, p. 235), “Os rótulos incomodam. Eles fixam e aprisionam – ainda que provisoriamente. Por isso os rejeitamos [...]”. Então as provocações e ou questionamentos são necessárias para nos tirarmos de uma zona de conforto, contribuindo para rompimento daquilo que paralisa e rótula.

Para também justificar minha pesquisa, parto das minhas vivências enquanto militante e acadêmico/pesquisador citado acima, e também de uma fala de uma amiga preta, quando estávamos em seu apartamento conversando sobre o racismo. Ela me disse: “preto tem vantagens e brancos têm privilégios”, e isso me fez refletir. Foi ali que pude começar a questionar o meu lugar de homem branco e gay e como a branquitude tem hegemonia na sociedade, sobressaindo-se em todos os aspectos sociais, e estando em uma situação confortável.

Para Ana Helena Ithamar Passos (2013, p. 19), o conceito de branquitude “está ligado à construção política das diversas identidades brancas no contexto das relações raciais brasileiras”. Lia Vainer Schucman (2014a, p. 84) nos aponta que o lugar do branco não é definido por uma essência ou natureza, mas “[...] pela posição e lugares sociais que os sujeitos ocupam. [...] ser branco assume significados diferentes, compartilhados culturalmente, em diferentes lugares. [...] no Brasil, ser branco está ligado à aparência, ao status e ao fenótipo”.

Depois do diálogo com minha amiga, fui indicado a assistir duas minisséries e um espetáculo de Teatro.

A primeira minissérie dramática, com a centralidade sobre crimes, era dividida em quatro partes. Intitulada “Olhos que condenam”, foi criada e dirigida por Ava Du Vernay, em 2019, e exibida pela Netflix. A dramaturgia da minissérie é baseada em fatos reais, sobre a história de cinco jovens pretos do Harlem, bairro de Nova York, habitado pela população preta. Os adolescentes vivem um grande pesadelo quando são acusados injustamente por um

ataque brutal no Central Park (um grande parque na cidade de Nova York). O contexto se passa na primavera de 1989. Eles são interrogados e obrigados a confessarem um ataque desumano (estupro) a uma mulher branca, no parque. No decorrer da minissérie, os adolescentes sofrem todos os tipos de violências física e emocional e vamos percebendo o quanto isso afeta as suas famílias, gerando uma grande desestabilidade.

A segunda minissérie é "Hollywood", de 2020, criada por Ryan Murphy, Ian Brennan e exibida pela Netflix. É um drama que acontece após a Segunda Guerra Mundial. Um grupo de atores, atrizes e cineastas fazem de tudo para realizar seus sonhos de fama e sucesso, abordando temas como, raça, gênero e sexualidade.

E a terceira indicação foi o espetáculo "Pele Negra, Máscaras Brancas", que inclusive assistimos juntos. A montagem é da Companhia de Teatro da Universidade Federal da Bahia - UFBA e o elenco é formado somente por negros(as), dentre eles(as), o dramaturgo, e a primeira mulher negra como diretora, Fernanda Júlia, de um espetáculo feito pela companhia, desde 1981. A peça teatral baseada na tese reprovada em 1950 de Frantz Fanon, faz uma abordagem sobre o racismo pessoal, interpessoal e institucional causando tanto sofrimento nas vidas das pessoas negras como nas mentes delas. A peça também faz uma denúncia sobre como o período da colonização influenciou na construção dos corpos negros por meio dos sofrimentos psicológicos, e trazendo o próprio Fanon como personagem.

Portanto, a arte é essencial na formação do ser humano, desenvolvendo a sensibilidade, o senso crítico e a socialização, proporcionando reflexões e, até mesmo, propondo soluções (CELDON FRITZEM; JANINE MOREIRA, 2008).

Já João Francisco Duarte Junior (1988, p. 106) vai dizer que as pessoas “[...] utilizam a linguagem para ordenar e significar o mundo, mas ela condiciona sua percepção e seu pensamento”. A arte é uma área do conhecimento e por isso, está ligada à formação integral das pessoas, na qual pode ser expressada por meio das linguagens verbais e não-verbais, possibilitando respostas à realidade que ela mesmo pode transformar.

Depois da fala da minha amiga e das reflexões feitas com base nas minisséries e no espetáculo teatral, pude perceber a necessidade de (re)pensar as questões étnico-raciais na sociedade com base no pensamento e atitudes do branco e, neste caso, dos gays brancos.

Portanto, pesquisar sobre as questões étnico-raciais é cooperar para a desnaturalização de um pensamento normatizado hoje em dia sobre a “normalidade” existente na sociedade e também refletir sobre a construção de identidade branca (im)posta, desde a colonização e, que na atualidade, se faz tão mais presente, afirmada por discursos feitos por pessoas que têm uma representatividade social de grande repercussão nacional (pessoas públicas; políticos,

artistas, religiosos dentre outros). Para além disso, é importante também refletir sobre a etnicidade, pois ela faz parte de uma sociedade particular que determina estruturas, assim como relação de classe, a separação dos estatutos sociais e do poder (PHILIPPE POUTIGNAT; JOCELYNE STREIFF-FERNART, 2011).

Segundo Ruth Frankenberg (2004) citada por Lia Vainer Schucman (2014a, p. 84), a identidade branca é “[...] vivida imaginadamente como se fosse uma essência herdada e um potencial que confere ao indivíduo poderes, privilégios e aptidões intrínsecas”. E ela vai além, “[...] desvelar a branquitude é expor privilégios simbólicos e materiais que os brancos obtêm em uma estrutura racista [...]” (p. 84).

Maria Aparecida Bento (2022) evidencia que existe um pacto não verbalizado da branquitude, que mantém os brancos nos lugares de privilégio social e, com isso, reforçando sua supremacia em relação a outros grupos étnico-raciais. Enraizadas na cultura, essas práticas contribuem para a manutenção do racismo estrutural. Tomarei esse pensamento para refletir sobre as questões relacionadas à etnia/raça, ao racismo estrutural, às construções de identidades e relações de poder, sob ponto de vista do homem cis, branco e gay.

Situando esta questão da branquitude, o intuito deste trabalho é problematizar a construção dos privilégios em homens brancos e gays. Assim, esse pensamento reforça a importância de compreendermos que “todo homem branco, seja gay ou não, pode ser um racista em desconstrução, caso deseje se repensar”, parafraseando o ator e humorista Fábio Porchat (2020)² em uma frase da campanha criada para desconstrução do racismo.

Refletir a respeito da “branquitude”, neste projeto, não é só falar da cor da pele ou de outros traços fenotípicos compreendidos como construtores da identidade branca, mesmo que sejam um fator importante para entender o lugar da etnia/raça branca, mas também discutir sobre privilégios, poder, identidade social, questões étnico-raciais, cultura, gênero, violência e racismo.

De acordo com os estudos de Abdias Nascimento (2016), as questões que envolvem o embranquecimento acontecem desde a época da escravidão, com o objetivo de limitar o crescimento da população negra. Ainda nos dias atuais, percebo que o genocídio da população negra vem legitimando esse pensamento do não crescimento desse grupo no Brasil. Os homens brancos não querem perder os privilégios e nem compartilhar os seus direitos. A população negra é privada de direitos sociais e é perseguida por causa do racismo que ainda se faz presente no atual momento.

² Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/ola/2020/08/fabio-porchat-encabeca-campanha-pela-desconstrucao-do-racismo.shtml>. Acesso em: 10 de novembro de 2020.

Os dados do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudo Socioeconômico (DIEESE) mostram como a desigualdade entre a população negra e não negra se aprofundaram no Brasil entre 2020 e 2021. A taxa de desocupação por raça/cor entre o 1º e 2º trimestre de 2020 e 2º trimestre de 2021 foi maior entre homens negros (13%) e mulheres negras (13,2%) do que em relação aos homens não negros (9,3%) e mulheres não negras (12,1%).

Quanto à violência, de acordo com Daniel Cerqueira (2021, p. 38), em Atlas da Violência 2021, “66% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras”. Analisando os dados, o autor aponta que, em 2009, a taxa de mortalidade de mulheres negras era 48,5% superior à de mulheres não negras, e, depois de uma década, a taxa de mortalidade de mulheres negras é 65,8% superior à de não negras.

Ainda conforme Cerqueira (2021), em 2019, os homens negros representavam 77% das vítimas de homicídio. Entre 2009 e 2019, as taxas de homicídio entre os homens não negros reduziu 30,5% enquanto dos negros, a redução foi de 15,5%. Essa discrepância entre a população negra e branca nos mostra o quanto há um privilégio da branquitude que é menos atingida, por exemplo, pela violência e pelo desemprego.

No caso desta pesquisa, a inquietação se deu no sentido de entender como a branquitude aparece entre a comunidade gay.

Percebendo a necessidade de conhecer as pesquisas desenvolvidas sobre branquitude e homossexualidades com foco para os aplicativos de relacionamento, foram selecionados artigos, teses e dissertações sobre o tema, com textos completos, no idioma português, nos períodos de 2016 a 2021.

Foram utilizadas as seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo de Tese e Dissertações da CAPES (CTD/CAPES), Google Acadêmico e *Scientific Electronic Library Online (SciELO/Brasil)*. A busca foi dividida por etapas, conforme descrevo abaixo.

Primeiramente, foi feita uma revisão por meio das literaturas selecionadas e com os estudos que mais se aproximavam do objetivo desta pesquisa, utilizando-se do emprego das seguintes palavras-chaves: aplicativos de relacionamentos gays, identidades, sociabilidade gay, raça e etnia.

Foram encontrados um total de 2.773 trabalhos, sendo 35 na BDTD, 57 no CTD/CAPES, um na SciELO e 2.680 no Google Acadêmico.

Depois, selecionou-se os trabalhos conforme os seguintes critérios de inclusão: artigos na íntegra, disponíveis online, escritos em português, produzidos entre 2016-2021 e que

contemplassem um ou dois descritores utilizados nesta pesquisa: aplicativo, sociabilidade, identidade, raça e etnia. As publicações que não atendiam esses critérios foram excluídas. Depois disso, foi feita uma leitura seletiva dos resumos, palavras chaves e das considerações finais. Ao final encontramos cinco trabalhos.

Para continuar a revisão foi realizada uma análise com base na leitura atenta das obras (resumo e texto completo), enfocando a análise dos objetivos, da metodologia da pesquisa e dos achados dos trabalhos. Esse levantamento não exclui a possibilidade de existir outras pesquisas com os mesmos descritores parecidos nos anos de buscas e ou em anos anteriores. Algumas informações desses trabalhos se encontram no quadro 1.

Quadro 1: Publicações sobre relacionamentos gays em aplicativos, considerando as questões étnico-raciais e encontradas na BDTD, CTD/CAPES, SciELO e Google Acadêmico.

| Autor(a) | Título | Tipo | Ano | Objetivo |
|---|---|--------------------------------------|------|--|
| Gustavo Grandini Bastos | Os sujeitos gays nas tramas das rede(s): um discurso sobre os aplicativos de relacionamento | Tese (Doutorado em Psicologia) | 2018 | Investigar de que modo os sujeitos-gays e os aplicativos de relacionamento voltados para eles são abordados nos discursos jornalísticos produzidos por espaços de imprensa disponibilizados on-line. |
| Fábio Morelli Rosa | Não existe amor em app? Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay | Dissertação (Mestrado em Psicologia) | 2017 | Investigar os aplicativos Grindr e Hornet, voltados para o estabelecimento de encontros e relações afetivos e sexuais entre o público gay. |
| Vinícius Nogueira Silva; Shemilla Rossana de Oliveira Paiva | A construção do corpo masculino como objeto de consumo e identidade gay através do aplicativo Grindr | Artigo em evento | 2018 | Busca abordar a discussão referente ao consumo de um possível culto ao corpo feito através do aplicativo de sociabilidade gay (Grindr) como uma das dimensões dos estilos de vida construído através dos usuários. |
| VIEIRA, M C; CORRADI, A; SANTOS, L C G | Aplicativos mobile LGBT e a vitrine de corpos: identidades, performances e sociabilidades a partir de representações | Artigo em evento | 2016 | Observar como os usuários dos aplicativos de relacionamento LGBT, Grindr e Scruff se apropriam destas mídias interativas como “vitrines”, mediante intencionalidades e construções de identidades, práticas de sociabilidades e de |

| | | | | |
|--|---|-------------------|------|--|
| | imagéticas. | | | performances. |
| Delton Aparecido Felipe; Samilo Takara | Corpos negros nos aplicativos de relacionamentos gays: entre discursos, dinâmicas e subjetivações. | Capítulo de livro | 2018 | Analisa como os corpos dos homens negros são apresentados nos aplicativos de relacionamentos gays, quais sejam, Grindr e o Scruff. |

Das cinco pesquisas analisadas, foram discutidas: aplicativos de relacionamentos gay, sociabilidade, identidade, raça e etnia. No estudo de Bastos (2018) foi identificada a discriminação relacionada à raça, ao corpo ou à posição socioeconômica nas relações existentes. Esta pesquisa foi desenvolvida na cidade de São Paulo, SP e percebeu-se que, na busca dos relacionamentos, em geral, não são curtidos os negros, os gordos, os asiáticos, os nordestinos, quem não mora no centro ou na zona leste da cidade.

As pesquisas de Rosa (2017) e Silva e Paiva (2018) apontaram que os aplicativos têm reforçado algumas padronizações como, por exemplo, normas de raça, percebida na evidência e na preferência pelo corpo branco, além de padrões de masculinidade, por meio dos elementos que, normativamente, são intrínsecos aos homens cisgêneros tais como pênis avantajado, corpo musculoso para indicar força, barba, aparente heterossexualidade, entre outros. Daí fica a indagação: esses aplicativos também podem ser considerados como heteronormativos? Vieira, Corradi e Santos (2016) ressaltam que esses aplicativos reconfiguram as relações homossexuais.

O preconceito é percebido também entre as relações gays. Segundo Bastos (2018) restringir o outro por critérios da “raça, status social ou até mesmo cultural” encontra eco na tecnologia com elementos presentes no aplicativo, como os filtros. Por meio deles é possível delimitar e indicar o que é desejado pelo sujeito no momento de busca nessas redes.

O homem gay enfrenta dois desafios simultaneamente: o primeiro deles é o fato de ser gay e o segundo diz respeito a sua raça/etnia. O homem negro gay enfrenta esses dois estereótipos negativos, que acabam refletindo em maior desafio para a sociabilidade desses indivíduos (SILVA; PAIVA, 2018).

A discriminação étnico-racial e homoafetiva pode ser identificada nas relações homossexuais, demonstrando que esse fenômeno pode ser (re)produzido, mesmo por aqueles que são vítimas constantes dela, se configurando como círculo vicioso, difícil de ser extirpado das relações sociais.

No estudo de Felipe e Takara (2018) é ressaltado que homens negros, ao se apresentarem nos aplicativos de relacionamento gay, estabelecem uma prática de representação identitária que sedimentam significados, estabelece atributos físicos e culturais e definem papéis sexuais que, muitas vezes, são naturalizados no decorrer da história. Nessa mesma pesquisa, os autores ressaltaram que a discriminação sofrida por homens negros gays acontece de forma dual, o que exige desse grupo maior habilidade para relacionar-se por meio desses aplicativos. Isso se deve porque, nas relações de poder, a cultura branca, que determina os padrões étnico-raciais e sociais de beleza, é determinante quando se busca um parceiro para se relacionar.

Logo, percebendo a necessidade das discussões pertinentes ao tema, acredito que a concretização de uma produção acadêmica falando sobre a branquitude e gay nos trará mais uma perspectiva sobre como olhar estas questões e até mesmo contribuir para a mudança de pensamentos e atitudes, no que se refere ao olhar para o outro (homem preto gay).

Essa pesquisa permitirá uma reflexão sobre os possíveis privilégios que os homens brancos gays possuem em relação aos homens gays de outras identidades étnico-raciais, especialmente, os negros. Embora tenha encontrado alguns trabalhos que dialogam sobre a sociabilidade gay nos aplicativos de relacionamentos, percebo uma carência de discussões que abordem o privilégio branco nessas relações.

Este trabalho também pretende trazer reflexões para os participantes, em relação ao seu lugar de branco, reconhecendo sua identidade étnico-racial e como esta interfere nos seus relacionamentos. Espera-se que a pesquisa contribua para uma reflexão sobre os relacionamentos dos gays brancos com os de outras identidades étnico-raciais, especialmente, os negros.

Sendo assim, a questão de pesquisa deste trabalho é: **Quais os efeitos da branquitude nos relacionamentos homossexuais e como os gays brancos lidam com essa prerrogativa, especialmente quando se relacionam com gays de outras etnias/raça?**

O objetivo geral do trabalho é **investigar os efeitos da branquitude nos relacionamentos gays tomando como base as interações produzidas em um grupo criado por meio das redes sociais.**

Já os objetivos específicos são:

a) analisar como o marcador étnico-racial atravessa as construções identitárias dos homens gays acessados via redes sociais;

b) investigar como os homens brancos gays percebem/lidam com o privilégio da branquitude;

c) discutir como a branquitude interfere nos relacionamentos entre homossexuais considerando as diferentes identidades étnico-raciais e outros possíveis marcadores sociais.

Diante disso, esta dissertação está organizada em três capítulos.

No capítulo 1 são apresentados e discutidos os referenciais do campo da pesquisa com base em autores e autoras que dialogam sobre aplicativos de relacionamentos gays, sociabilidades, identidade étnico racial e branquitude. Está dividido em três subseções: (1.1) A expansão das redes sociais e a construção de novas sociabilidades para a comunidade gay; (1.2) os principais aplicativos para relacionamentos gays, bissexuais e hétero “curioso”: *grupos do Facebook, WhatsApp e Telegram* e (1.3) Desnudando e encurralando o privilégio da branquitude.

No capítulo 2 é traçado o caminho metodológico da pesquisa, percorrendo as principais redes sociais, narrando sobre a criação de um grupo específico no aplicativo para a produção das informações deste trabalho e discorrendo sobre os participantes da pesquisa que concordaram em ser entrevistados. O capítulo está dividido em três partes: (2.1) Flertando com os estudos pós-críticos e pós-estruturalistas e se lambuzando com a etnografia virtual; (2.2) Olhando o catálogo, consumindo corpos e (2.3.) Entrando no provador: aplicação dos procedimentos.

Já o capítulo 3 é feita uma problematização das informações construídas nesta pesquisa, tanto por meio dos registros das interações no grupo Bate papo no Vale criado no WhatsApp, quanto por meio das entrevistas realizadas com alguns dos participantes do grupo. Neste capítulo, me debrucei sobre branquitude, racismo, homossexualidades, mídias digitais e relacionamentos com o intuito de provocar reflexões com base na leitura cuidadosa e insistente do material empírico

O capítulo 3 é apresentado em três subseções: (3.1) Qual a sua identidade étnico-racial? As incertezas de alguns sujeitos da pesquisa em se reconhecerem como brancos; (3.2) Como os gays autorreconhecidos brancos percebem/lidam com o privilégio da branquitude? e (3.3) Como a branquitude opera na produção e vivência dos relacionamentos gays?

CAPÍTULO 1 - BEBENDO EM VÁRIAS FONTES: A CONEXÃO ENTRE OS REFERENCIAIS, O CAMPO ESTUDADO E SEUS ATRAVESSAMENTOS

A fundamentação teórica foi feita por meio de uma abordagem sobre o crescimento dos aplicativos de relacionamentos nas redes sociais com o processo da globalização, o que influenciou na produção de novas sociabilidades para a comunidade gay, discute as principais redes sociais, nas quais os gays têm interagido em busca de relacionamentos e, ao final, traz uma discussão sobre a branquitude e como essa se constrói em homens gays.

1.1. A expansão das redes sociais e a construção de novas sociabilidades para a comunidade gay

Com o crescimento da globalização mundial no final do século passado, o mundo passou por grandes transformações geográficas, econômicas, políticas, culturais e sociais (MARCOS IRONDES COELHO DE OLIVEIRA, 2018). A globalização pode ter sido uma grande ponte para a modernização e o desenvolvimento mundial, porém, também trouxe efeitos prejudiciais, principalmente em relação às questões sociais.

A tecnologia contribuiu para o desenvolvimento da globalização, garantindo uma abertura econômica mundial, fortalecendo o capitalismo e a lei da oferta e da procura. Para além disso, repaginou as relações de consumo, espalhando o “fetichismo da mercadoria” e a transformação das pessoas. Isso também afetou as relações sociais.

De acordo com Elson Silva dos Santos e Manuela do Corral Vieira (2018), o processo da comunicação por meio dos equipamentos tecnológicos e o acesso à internet propiciou os avanços progressivos da sociedade. Com as tecnologias, as inter-relações se tornaram amplas e complexas. Diante disso, as relações humanas e, especialmente, os mecanismos de relacionamentos, se transformaram com o passar do tempo.

Dos anos 1990 para cá, então, temos percebido uma ampliação das redes de sociabilidade online, de início mais restritas ao uso no computador e, posteriormente, tendo o acesso ampliado por meio do uso dos aparelhos de celulares, como os smartphones, em qualquer lugar, ou qualquer hora, desde que exista conectividade com a internet (VINÍCIUS DE PAIVA COSTA; JOÃO LÚCIO MARIANO CRUZ, 2018).

O estudo de Santos e Vieira (2018) ressalta que o ciberespaço é um novo espaço de sociabilidade e que os indivíduos realizam interações no meio em que participam com outros agentes sociais e por meio de trocas, constroem sociabilidades.

Miskolci (2016), Anderson Reis Sousa, Fernando Jorge Nascimento Santos Junior e Tilton Nunes Mota (2020) e Bastos (2018) ressaltam que, cada vez mais, a sociabilidade gay tem se intensificado nos ambientes virtuais. Talvez, algumas redes sociais destinadas à comunidade LGBTTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneras, queer, intersex, assexuais e demais possibilidades identitárias a serem construídas) tenham se ampliado para atender a essa demanda específica.

Embora a internet tenha intensificado a exposição dos corpos e a sociabilidade gay, não podemos esquecer que temos também outros lugares de produção das relações, como por exemplo, as boates, festas de camisas, as próprias paradas gays e dentre outros espaços. Contudo, não entendemos que haja a substituição de um pelo outro, mas apostamos mais em uma sobreposição desses ambientes virtuais e presenciais. Para Marco Antonio Vieira de Oliveira Paranhos e Maria Salete de Souza Nery (2020), com os aplicativos de relacionamentos gays, há uma reinvenção dos espaços comuns de homossociabilidade, como os bares e boates gays, que até então, preponderavam como espaços de encontros.

Entendemos que as redes sociais favorecem uma ampliação do processo de sociabilidade gay, uma vez que esse público ainda vive a marginalização em seus relacionamentos, mesmo no atual contexto, ainda caracterizado pela violência simbólica, física e social desse público, protagonizando uma injustiça social para com a população gay. O processo de sociabilidade dos aplicativos pode se configurar como um meio de expressar desejos e exercer sexualidades dissidentes (PAULO ALAN DESLANDES FRAGOSO, 2017; DIEGO COUTO DOS SANTOS, 2018).

De acordo com Felipe André Padilha (2019, p. 122):

[...] diante da ausência de espaços que permitam sociabilidade do público gay, como bares e boates, no interior, as mídias digitais constituem uma saída tecnológica e provisória que possibilita o arranjo estratégico de relações homoeróticas ao abrigo do olhar público.

O mesmo autor ainda prossegue: “na ausência de uma sociabilidade gay acessível, meus interlocutores se enveredam em busca de outras sociabilidades mediadas e enquadradas pelas interfaces digitais” (PADILHA, 2019, p. 122). Esta afirmação reitera o pensamento de que as formas de relacionamento e sociabilidade gay têm se intensificado nas mídias sociais.

Neste sentido, a sociabilidade gay, especialmente, para o relacionamento, tem acontecido, talvez, com maior frequência e, traz segurança, por meio dos aplicativos de relacionamentos, possibilitando o extravasamento de atitudes e comportamentos, que talvez, presencialmente, eles não teriam coragem de exprimir, ficando mais à vontade para manifestar seus fetiches e fantasias sexuais.

Reconhecendo a importância das redes sociais na produção das sociabilidades gays, na próxima subseção, farei uma apresentação e discussão de alguns aplicativos/grupos de mídias sociais mais comumente utilizados pela comunidade gay e bissexual.

1.2. Principais aplicativos/grupos para relacionamentos gays, bissexuais e hétero “curioso”: *grupos do Facebook, WhatsApp e Telegram*

Consoante ao que já foi relatado neste trabalho, as mídias sociais têm se configurado como sendo um dos principais instrumentos de interação e relação para a comunidade gay e bissexual e para aqueles homens que não se reconhecem como tais, mas desejam manter relações homoeróticas.

A rede social *Facebook* permite a criação de grupos específicos, que facilitam a interação entre pessoas que se tornam membros. Os grupos são espaços que podem ser privados ou públicos onde se compartilham mensagens, vídeos e fotos. Já os grupos do *WhatsApp* e *Telegram* são bem parecidos, sendo uns dos meios tecnológicos mais usados no mundo, tornando-se os aplicativos mais populares de bate-papo, especialmente entre a comunidade LGBTTQIA+. No *Whatspp* e *Telegram* é possível criar grupos e reunir pessoas que tenham interesses em comuns, com quantidade limitada de membros e com regras.

Um dos intuitos desses grupos é que os usuários encontrem parceiros adequados ao perfil desejado, não perdendo tempo com aqueles que não o interessariam. Assim, fazer uso dos aplicativos de relacionamentos requer dos seus usuários habilidades específicas para utilizá-los de forma apropriada.

O perfil dos usuários está dividido entre gays, bissexuais e héteros que desejam conhecer e/ou se relacionar com outros homens. O êxito desses grupos é provocado, exclusivamente, pela facilidade para conhecer outros homens, com diferentes desígnios, seja para amizade, namoro, encontros casuais, pegação ou apenas “relação sexual sem compromisso” (MARCOS DA SILVA CRUZ, 2020).

Uma das principais características desses aplicativos/grupos é visibilizar a diversidade de corpos em perfis em busca de encontros (DELTON FELIPE; SAMILO TAKARA, 2018;

VINICIUS DE PAIVA COSTA; JOÃO LUCIO MARINHO CRUZ, 2018; MISKOLCI, 2016; ANDERSON REIS SOUZA; FERNANDO JORGE NASCIMENTO SANTOS JÚNIOR; TILSON NUNES MOTA, 2020; VENAN LUCAS DE OLIVEIRA ALENCAR, 2017).

Os encontros mediados pelos grupos podem se caracterizar em torno de muitas expectativas em relação ao parceiro. Seus reflexos na vida dos envolvidos podem ser notáveis, como por exemplo, entusiasmo, esperança de ter encontrado o parceiro ideal, além da possibilidade de vivenciar algo novo, trazendo possibilidades de “pegar” e “experimentar” novas possibilidades de relacionamentos.

Thiago Benitez Melo e Maria Helena Pires Santos (2020, p. 87) ressaltam que, com o aumento das mídias digitais interativas, a vida sexual considerada destoante “[...] deixou de estar apenas no “armário” (espaço físico) e passou também à clandestinidade dos aplicativos de relacionamentos (espaço virtual)”.

Cada indivíduo que usa esses aplicativos/grupos tem a possibilidade de performatizar a vida cotidiana em diferentes “eus”, ou seja, elaborar distintas identidades, construindo e moldando um perfil com discursos (imagéticos e textuais) sobre si, às vezes, manipulando suas próprias representações (ALENCAR, 2017; JOÃO DAMIÃO TRINDADE ROCHA; MARCOS IRONDES COELHO, 2018).

Nesta perspectiva, esses grupos utilizados para relacionamentos homoeróticos se configuram como campo propício para atrair homens que se dedicam a descobrir um espaço em que podem preencher um lado secreto de sua sexualidade (FRAGOSO, 2017; PARANHOS; NERY, 2020; ROSA, 2017; SILVA; PAIVA, 2018).

Sendo assim, esses grupos facilitam a “pegação” e “cassação” para aqueles que desejam o sexo, casual ou não, entre homens, declarados gay ou não, em especial para aqueles homens que procuram por encontros sigilosos.

Na maioria das vezes, o que visualizamos nesses grupos é uma exibição com um propósito de alcançar aquilo que se procura por meio de uma propaganda feita de seus perfis e, neste caso, ressaltando um modelo de masculino exacerbado, pautado na virilidade e na posição de ativo na relação sexual e, negando, por sua vez, homens que se constituam como femininos. Existem aqueles que fogem as essas regras e evidenciam os seus desejos por aqueles que se dizem afeminados, passivos, magrinhos e dentre outros.

Fragoso (2017) resalta que, nesses aplicativos de relacionamentos, é bastante comum encontrar homens cis héteros casados, mas que mantêm relações encobertas com outros homens, curiosos, além de homens não assumidos publicamente.

Para Edivaldo Souza Couto, JDF Souza e Sirlaine Pereira Nascimento (2013, p. 7) “o exibicionismo é categórico pois, para se sobressair neste contexto, os usuários têm que apresentar uma “mercadoria” desejável”. Para esses autores, a divulgação do próprio corpo, ou seja, o marketing pessoal, ajuda os usuários a fazer uma propaganda/promoção deles mesmos para atrair aqueles que os desejam com base naquilo que eles oferecem, e, na maioria das vezes, são corpos idealizados e padronizados.

E, segundo Zigmunt Bauman (2013, p. 12), o “desejo é vontade de consumir. Absorver, devorar, ingerir e digerir — aniquilar”, como se descrevem os membros dos aplicativos abaixo que se expõem para saciar seus desejos e vontade de consumir e ser consumidos.

Tais consumos estão ligados às exposições nas vitrines virtuais. Para Couto, Souza e Nascimento (2013, p. 7) “as vitrines virtuais são locais onde homens se exibem em buscas de encontros fugazes e/ou relacionamentos amorosos”. Ou seja, os frequentadores desses aplicativos usam esse espaço para expor/oferecer aquilo que consideram o melhor e, uma das formas, é usando seus corpos para atrair e seduzir seus parceiros a fim de conseguir as práticas desejáveis.

O estudo realizado por Silva e Paiva (2018), intitulado de “A construção do corpo masculino como objeto de consumo e identidade gay através do aplicativo/grupos”, retrata um fenômeno bastante peculiar na sociedade contemporânea, o “cuidado excessivo com o corpo” sendo essa interface, um marcador de identidades, especialmente, entre a população gay.

Os autores prosseguem ressaltando que “o culto ao corpo deve ser compreendido como forma de consumo cultural, de identidade gay e disputas sociais, no qual o ato de consumir faz parte de uma ação sociocultural que define o papel e o poder de um indivíduo na sociedade” (SILVA; PAIVA, 2018, p. 7).

Pode-se afirmar que essa busca se caracteriza como um causador de conflitos entre as distintas classes/grupos sociais, configurando-se como um demarcador de status, e identificador de uma cultura (SILVA; PAIVA, 2018). Desta forma, para que tenham êxito nessas práticas de sociabilidade, como é o caso dos aplicativos, os usuários precisam, em geral, apresentar determinadas exigências estéticas, sendo que isso acaba determinando quem é (in)desejado (VIEIRA; CORRADI; SANTOS, 2016).

Segundo Miskolci (2016), as mídias sociais apresentam redes relacionais seletivas que produzem segregação e preferências por perfis “socialmente aceitáveis” “cancelando” aqueles que fogem dos padrões “estéticos estabelecidos”. Assim, nos aplicativos de relacionamento, a

sociabilidade gay é caracterizada por várias formas de exclusão, divisão, preconceitos e divergências por diversos grupos que ali estão, grupos esses definidos por questões físicas como corpo, trejeitos, masculinidade, idades, classes sociais, bairros em qual residem (SILVA; PAIVA, 2018).

Na discussão sobre os corpos expostos nos aplicativos gays de relacionamento, Oliveira (2018) nos traz que,

[...] o corpo é exacerbadamente cultuado, hipermasculinizado, midiaticado, parece evocar uma identidade homossexual que se aproxima mais de uma identidade heterossexual. Nos deparamos frequentemente com gays que além de terem corpos definidos, sarados, fazem uso de barbas e bigodes (p. 43).

Ainda, Oliveira (2018) descreve que, na maioria das vezes, os gays *barbie* (que tem um corpo físico malhado/sarado) e/ou jovem *twink* (jovens com barbas feitas, brancos e corpo magros) fazem críticas aos corpos das gays “femininas”, “pintosas”, “passivas”, “molinhas”, “viadinhos”, “pocs”, classificando-as como um corpo do passivo (aquele que quer fazer sexo com outro homem e ser penetrado no cu), o que nem sempre é correspondido, pois, ser um gay efeminado não determina que seja passivo, ao mesmo tempo que, ser um gay masculino não significa ser ativo.

De qualquer maneira, os gays efeminados são produzidos como aqueles como uma masculinidade fragilizada e delicada. “Enquanto mais os corpos dissidentes e abjetos se fazem desobedientes, mais são rechaçados e combatidos” (OLIVEIRA, 2018, p. 43).

Corroborando com esse pensamento André Luiz Coutinho Vicente (2020) ressalta que o perfil dos usuários desses aplicativos evidencia comportamentos e atitudes que demonstram uma preferência de reincorporação de elementos políticos e imagéticos/visuais de uma sociedade masculina, cisgênera, heterossexual, branca, problemática e altamente opressora.

À princípio, talvez, não se esperasse que, nesses grupos, ocorressem divergências e segregações, uma vez que a história desses indivíduos é marcada por preconceitos e discriminações de gênero e sexualidade, todavia, nem sempre a comunidade repensa em como ela se produz em termos de estética, gênero, sexualidade, etnia/raça, classe, deficiência, geração, regionalidade e entre outros marcadores sociais. Entendo este como um desafio nosso. Até que ponto nos distanciamos desses modelos tidos como padrões?

As pesquisas de Rosa (2017), Silva e Paiva (2018) e Melo e Santos (2020) ressaltaram que, nos aplicativos, têm se reforçado algumas padronizações, como por exemplo, normas de

etnia/raça, percebida na evidência e na preferência pelo corpo branco, além de padrões de masculinidade, por meio dos elementos normativos e estereotipados, como ter pauzão, ter corpo musculoso para indicar força ou ser magro, barba, não ser efeminado, ter uma aparente heterossexualidade, ser discreto em relação à sua sexualidade e entre outros.

Dáí ficam as indagações: esses aplicativos também podem ser considerados como produtores da branquitude e da cisheteronormatividade? Há rupturas ou fissuras nas normas? São questões a serem discutidas nas análises.

Na próxima seção, discutiremos sobre a branquitude e os seus efeitos para os brancos e negros.

1.3. Desnudando e encurralando o privilégio da branquitude

Podemos perceber o quanto o racismo é escancarado em nossa sociedade por meio de relações de poder em que a branquitude é tida como referência. A branquitude se refere à identidade étnico-racial branca, tida como aquela que tem a vantagem estrutural, os privilégios simbólicos e materiais que naturalizaram os brancos como superiores hierarquicamente, enquanto os não-brancos são entendidos como inferiores (SCHUCMAN, 2014a; LOURENÇO DA CONCEIÇÃO CARDOSO, 2020).

Para Schucman (2022), a definição sobre branquitude está associada às categorias sociológicas que se cruzam entre si como por exemplo a etnia, a cor e a raça. Portanto, para a autora, ser branco e estar em lugar simbólico da branquitude não quer dizer que é algo estabelecido só por questões genéticas, mas sim, pelas posições e lugares sociais que os sujeitos ocupam. Então a branquitude é concretizada a partir da concentração de eventos históricos, políticos, econômicos e culturais.

Apesar das vantagens estruturais apresentadas pelos brancos, estes não as reconhecem. O silêncio dos brancos em relação ao reconhecimento e combate aos seus privilégios pode ser compreendido enquanto uma estratégia que os mantém neste lugar vantajoso em relação aos outros grupos étnico-raciais. Ao não se admitirem como brancos, não aceitam que, de alguma forma, sejam beneficiários do racismo. Este silêncio foi produzido desde o processo de colonização e fortalece a subordinação dos não-brancos aos brancos, mantendo uma hierarquia étnico-racial (IRARY CARONE; MARIA APARECIDA SIVA BENTO BENTO, 2014).

Enquanto brancos, precisamos reconhecer que, muitas vezes, aquilo que conquistamos e classificamos como mérito, está relacionado ao privilégio numa sociedade racializada, fruto

de um período cruel da colonização. Portanto, ser branco faz a diferença, pois não estamos lutando contra o racismo, mas tirando proveito dele. Aí volto a fala da minha amiga quando disse que “preto tem vantagens e branco tem privilégios”, e que, “negros nas mesmas condições que brancos não costumam ter as mesmas oportunidades, os mesmos tratamentos” (BENTO, 2014b, p. 169).

Neste sentido, entendemos que a problemática das relações étnico-raciais não está associada, exclusivamente, à população negra. Inclusive, quando se faz isso, reitera-se a identidade branca como aquela que está posta, portanto, não precisando ser nomeada. É como se o branco não tivesse raça ou fosse uma raça neutra, sem cor ou com a cor padrão e apenas os outros, como os negros e indígenas tivessem cor, raça e etnia (TÂNIA M.P MÜLLER; CARDOSO, 2017; SCHUCMAN, 2020).

Ao mesmo tempo, compreendemos que ter essa possibilidade de não assumir ou negar a identidade étnico-racial é exclusivo de quem não é discriminado e assassinado por conta da sua etnia/raça. A mulher negra e o homem negro não têm essa prerrogativa. No nosso contexto brasileiro, aonde quer que ele/ela estejam, são vistos(as) como negros(as) (SCHUCMAN, 2020).

Ao mesmo tempo, por meio da branquitude, o branco tomou a si mesmo como referência, o que incluiu tanto os elementos fenotípicos quanto os culturais e classificou os não-brancos com base em seu ponto de vista, entendendo-os como os racializados e, ao mesmo tempo, subordinados.

No Brasil, o branco se constituiu como símbolo da europeidade, como a referência para todos os grupos, o padrão que todas as pessoas devem seguir, ou seja, o branco se produziu como universal (ANTONIO SPERGIO ALFREDO GUIMARÃES, 1995). Isso constitui a branquitude e, ao mesmo tempo, fortalece o racismo (SCHUCMAN, 2020).

Compreendemos, portanto, que o racismo é um problema relacional para todos/as e, sobretudo, para os brancos que se beneficiam dele. Porém, na maioria das vezes, os brancos se isentam da produção de racismo, inclusive o reconhecendo como algo que acontece “distante” deles e que jamais estão envolvidos. Outras vezes, buscam justificativas sobre o racismo argumentando que todas as pessoas sofrem discriminações ou culpabilizando o negro pelo racismo vivenciado (BENTO, 2014b).

A branquitude também deseja encobrir ou esconder os privilégios dos brancos, mantendo suas vantagens. Por isso, muitos brancos também não querem aceitar o racismo, inclusive dificultam o debate e o diálogo sobre essa questão, com medo de que sua posição

social advinda de sua identidade étnico-racial seja questionada (BENTO, 2014b; ANA AMÉLIA DE PAULA LABORNE, 2017).

Para Schucman (2022), o sujeito branco além de ser favorecido pela estrutura racializada, porque ele é próprio criador dessa estrutura, é um sujeito ativo que usa estratégias de discriminação étnico-racial e da proliferação de um discurso que propaga a democracia racial e o branqueamento e, desta forma, reitera o racismo.

Entendemos o racismo como a crença em uma divisão e hierarquização racial essencialista, em que uma determinada raça é compreendida como referência e as outras estão subordinadas a ela. O pensamento e as práticas racistas geram discriminações permanentes que continuam sendo naturalizadas na sociedade, tanto por parte dos indivíduos quanto das instituições (GUIMARÃES, 1995; KABENGELE MUNANGA, 2004a).

Esta hierarquização racial, que, por exemplo, coloca os brancos como superiores e os negros inferiores, se produz por meio do estabelecimento de relações inerentes entre as características fenotípicas (como cor da pele, cor do cabelo, formato do nariz e entre outras) e elementos culturais, linguísticos, religiosos, intelectuais, valores morais etc. (MUNANGA, 2004a).

Há múltiplas formas de racismo em nossa sociedade. Um dos poucos problematizados é o institucional.

Cotidianamente, nas abordagens policiais, uma pessoa negra nunca é tratada da mesma forma que a branca. Como aconteceu no ano de 2015, estava eu, um rapaz negro que eu ficava na época e mais três amigos gays brancos indo para a Festa da Virada de ano na cidade Salvador. Naquele momento a festa acontecia na região do Comércio, cidade baixa da capital baiana. Antes dos foliões entrarem ao local dos festejos, são separados por filas para homens e mulheres.

Quando chegou o momento de nós entrarmos, eu e mais os três amigos brancos fomos liberados sem revista, mas, o rapaz que eu ficava foi retirado da fila, abordado e revistado. Lembro-me que o policial pediu para ele suspender a camisa e abrir as pernas com os braços abertos (não me recordo se foi para cima ou para os lados). O policial o revistou por inteiro. Eu e meus amigos ficamos estarecidos, pois percebemos o racismo.

O tratamento discriminatório se deu porque eu e meus três amigos éramos brancos e o rapaz que me acompanhava era negro. Este não foi um fato isolado, sempre vi isso acontecendo no Carnaval de Salvador. Portanto, nessas abordagens que presenciei, observei o racismo manifestado com discriminação e muita agressividade em relação aos meus amigos e companheiros negros gays, enquanto comigo, acontecia de forma pacífica. Fui ao longo da

minha vida percebendo o quanto o privilégio da branquitude me favorecia em várias circunstâncias, como esta que acabei de descrever.

Conforme Bento (2018), as instituições funcionam com base em uma perspectiva do grupo social tido como referência, no nosso caso, os brancos. Ainda há uma sub-representação de negros nos comandos das muitas instituições do nosso país e isso mantém os interesses e os privilégios da branquitude.

Os outros, no caso, os negros, são vistos como ameaças, sendo perseguidos e excluídos porque pertencem a um grupo que não interessa aos brancos. Nos dizeres de Bento (2018, p. 121): “[...] sobre o “eles”, ficará depositado o pior do “nós”. E esse pior do “nós” justificará a rejeição, a preterição, a exclusão e o genocídio”.

Com base em Schucman (2014a):

[...] o racismo institucional se configura por meio de mecanismo de discriminação inscritos no corpo da estrutura social, e que funcionam mesmo sem a intenção dos indivíduos, ou seja, se estabelece nas instituições traduzindo os interesses, ações e mecanismos de exclusão perpetrados pelos grupos racialmente dominante (p. 86).

Analisamos que os privilégios advindos da branquitude são concretizados, sustentados e enraizados nas diferentes instituições públicas e privadas, as quais criam estratégias de manutenção e apropriação dos privilégios dos brancos e fortalecem a discriminação étnico-racial. Esses espaços ocupados pela branquitude que garante aos brancos o acesso aos recursos materiais e simbólicos foram propiciados desde o período colonial e, ainda são fortemente conservados e aclamados nos dias atuais, inclusive, por isso a branquitude contesta as políticas de ações afirmativas.

Essas discriminações também são percebidas no tratamento dado para pessoas negras ao adentrar em lojas de comércio. Na maioria das vezes, a pessoa branca é logo atendida e recebida com privilégio e acolhimento, mas, quando são pessoas negras, não existe a mesma atenção e recepção, como muitas amigas negras e amigos negros já me relataram, diversas vezes.

Um caso que me causou indignação aconteceu em 2020, com o jovem e entregador Matheus Fernandes, de 18 anos. Por ser negro, ele foi previamente identificado como ladrão, como criminoso, no shopping na Zona Norte do Rio, na Ilha do Governador. O jovem foi abordado e imobilizado por dois homens que foram identificados como policiais. Segundo a entrevista da mãe de Matheus concedida ao site G1:

Foi por causa da cor da pele. Não tem outra explicação. Eu não sou tão negra, então eu posso ir ao shopping, mexer em todas as roupas, posso provar as coisas de graça. Se ele está sozinho, ele não pode fazer nada disso. Foi o que aconteceu. Ele sozinho não pode? Ele vai ter que sempre estar com alguém do lado? Alguém branco? (Relato da mãe de Matheus por ALEXANDRE HERDERSON; FILIPE FERNADES, 2020).

O branco entra e sai dos lugares sem, em nenhum momento, se sentir desconfortável pela sua cor/raça/etnia, diferente do negro que convive sempre com o medo de ser barrado em uma loja, no shopping, no prédio, em um show etc.

O privilégio simbólico do branco é justamente o do reconhecimento em termos morais, intelectuais, estéticos, profissionais, não sendo identificado como assaltante, estuprador, enfim, como alguém que pode cometer algum delito. E mesmo quando o branco cometeu algum crime, na maioria das vezes, duvida-se do fato, o que quase nunca acontece com o negro.

Diante dessas vantagens estruturais, ser branco é: ser o único humano ou mais humano que os “outros”, os não brancos; é ter privilégios econômicos, jurídicos e apropriar-se de territórios dos outros; é ser o padrão de beleza; é ser virtuoso; é ter história; é ser cientista; é assumir os cargos de maior hierarquia. Já o negro é o objeto para ser analisado pelo branco; ser negro é ter o branco como parâmetro, enquanto o branco não tem parâmetro por ser único e exclusivo (CARDOSO, 2020).

Para Nascimento (2016), há séculos, no Brasil, o homem branco mantém a centralização do poder em termos político, econômico e social. Por isso, ele tem o controle e condições de difundir as informações por meio dos instrumentos educacionais, usando para criar conceitos, estratégias e os valores para a convivência social.

Por isso, no Brasil, “a masculinidade hegemônica é branca, heterossexual e burguesa [e incluiria cristã]” (ROLF MALUNGO DE SOUZA, 2014, p. 36). Esta masculinidade hegemônica é compreendida como padrão de práticas que possibilitam a dominação de determinados homens sobre aqueles ou aquelas considerados grupos subordinados (mulheres, negros, indígenas, LGBTTQIA+) que fogem e não se enquadram às suas regras (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Para focalizar a branquitude e a masculinidade, Osmundo Pinho (2004) nos faz observar que a masculinidade possui diversas vertentes no ambiente sociocultural das sociedades contemporâneas, podendo ser identificadas como dominantes, apenas parcialmente e subordinadas. “A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras

masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 5). Essas masculinidades são estruturadas com base em representações predominantes, referente ao masculino ou delas marginalizadas.

Para Souza (2009), a masculinidade do homem negro tem se constituído como uma ameaça constante para o homem branco, porque ela traz elementos culturais concebidos com base no pensamento ocidental em relação às suas características, definindo, assim, o homem negro como forte, ágil, viril e com um pênis avantajado. Diante disso, o homem negro foi associado como violento, criminoso e não civilizado a fim de que não ameaçasse a masculinidade branca.

É importante lembrar que a ideia de inferioridade do negro é um construto social criado pelo branco, pois este nunca se colocou como equânime ao outro, e nem aceita o lugar de subalternidade ao negro (CARDOSO, 2020).

Dando continuidade ao pensamento de Pinho (2004), alguns aspectos que devemos compreender quando falamos em masculinidade hegemônica é aquela que se entende como supremacia de um povo sobre outro (povo branco sobre o povo preto) e ou de subordinação de alguém ou um grupo (povo preto sobre o povo branco). O autor também fala da dinâmica existente na construção e reconstrução de hegemônias ou das consonâncias parciais sobre o sentido das relações sociais. Para ele, hegemônicos e subalternos são atores políticos engajados nas disputas de poder e dominação que acontecem em situações sociais estruturadas, entretanto com a possibilidade de inovação.

Se formos pensar a relação dualística hegemônico/subalterno quando falamos de diversidade sexual, podemos perceber que, em geral, a posição social do homem branco heterossexual é predominante em relação ao homem branco gay e, quando se trata de um homem negro gay, ele é subordinado às duas identidades anteriores. Assim, também pode acontecer quando se trata de um casal gay inter-racial. Podemos perceber esse lugar de privilégio, ou seja, “um indivíduo masculino pode apresentar uma posição hegemônica em dada situação e, em outra, estar colocado em situação subordinada” (PINHO, 2004, p. 66).

Para pensar em subordinação, é preciso compreender que, no decorrer dos séculos, o homem negro foi e ainda é um corpo para o trabalho e para a erotização. Desse modo, pensando sobre a homossexualidade, o corpo de um homem negro desperta desejos em homens brancos gays, diante da fetichização construída em torno do ser negro, sendo aquele que tem uma pulsão sexual maior, uma força física e um pau grande (PINHO, 2004).

Como nos traz Pinho (2008),

O homem branco, como o colonizador heterossexual, ocupou o lugar discursivo do macho penetrador e civilizador, ativo sexualmente e produtor de história e cultura, reservando para negros, índios, mulheres e “pervertidos” sexuais, o lugar passivo de objeto da dominação e do disciplinamento, assim como o lugar da sexualidade indomável, abjeta e perigosa, num paradoxo claro, que revela a estrutura da contradição sexual, na formação de corpos coloniais. Esse processo de entronização do macho branco, também é, na verdade, fundamentalmente um processo de legitimação da expropriação econômica, dos bens, dos corpos, dos territórios e dos frutos do trabalho (p. 273).

Souza (2009) destaca que, quando o homem preto é representado no Brasil pelos personagens de romances, na maioria das vezes, esses personagens não estão no lugar de destaque ou privilégio. Até hoje, quase nada mudou. Essas representações saem dos livros, do teatro e do cinema e vão para a vida real. Podemos pensar com base na nomeação de negão e neguinho. O autor nos ajuda a perceber que o primeiro é sempre associado ao homem submisso, ou seja, aquele que não expõe suas vontades próprias, fáceis de ser manipuladas pelos desejos sexuais alheios, e inclusive, muitas vezes, se colocando no lugar de escravizado e do subordinado. Outro pensamento importante do autor é entre pretos gays masculinizados, chamado de “negão”, o grandão, o forte, o viril, o másculo, o ativo e pretos gays efeminados, chamado de neguinho ou neguinha, no diminutivo por ser menor, menosprezado, banalizado, inferiorizado, a bichinha e a passiva.

Entretanto, é importante destacar que o homem preto gay, sendo ou não afeminado, ainda ocupará um lugar de submissão ao gay branco, se tomamos como foco as relações étnico-raciais. Por outro lado, devemos ter o conhecimento que esse corpo preto é um corpo de resistência, de disputas étnico-raciais.

Na própria comunidade gay, enxergamos uma grande diferença em termos de etnia/raça, gênero e classe. Para Carla Akotirene (2019), a interseccionalidade nos permite entender a naturalização das identidades subalternas como os preconceitos, a subordinação de gênero, de classe, de raça e as opressões estruturadas pela colonização, por meio das atitudes, vivências e subjetividade repassadas ao longo dos anos.

Como por exemplo, temos o gay branco com acesso à educação desde a infância até o ensino superior, enquanto os gays pretos têm dificuldade em se manter nas instituições de ensino e, quando conseguem iniciar a vida acadêmica, é com uma idade avançada. Logo, muitos dos homens pretos gays acabam tendo de trabalhar, geralmente, em ocupações que exigem esforço braçal, com pouca escolaridade e remuneração baixa, para se sustentarem e manterem suas famílias.

Existem também as/os “bichas e viados elitizados”, brancos, muitos deles heteronormativos, de classe abastarda, que moram em bairros nobres e frequentam as baladas de classe alta; diferente das/dos “bichinhas e viadinhos pretos”, que vivem em bairros periféricos, frequentam lugares mais acessíveis por causa de sua condição financeira e passam por mais processos de preconceito e discriminação. Para Pinho (2011b), são esses aspectos instituídos tanto interna, como socialmente, que demarcam e enquadram os processos de subordinação e empoderamento, atuando em diferentes contextos e produzindo vários cenários específicos.

Como nos apresenta Souza (2009), em geral, o homem branco e heterossexual desqualifica os negros e homossexuais, colocando-os em lugar subalterno. Por outro lado, percebo que os gays brancos, de classe média e alta, na maioria das vezes, conseguem ser favorecidos de alguma forma, pela sua identidade étnico-racial e pelas suas condições socioeconômicas, culturais e sociais. Como nos traz Schucman (2014b), a branquitude cria uma fronteira externa entre brancos e negros causando distinções internas e potencializando a hierarquia dos brancos por meio da classe social, do gênero, da origem, da regionalidade e do fenótipo.

Ao pensarmos sobre o racismo e a homofobia, entendemos que ambos são problemas estruturais que afetam e escancaram as mazelas causadas pelo ódio, classificando os gays e negros em lugares de inferioridade/subalternidade e mantendo os brancos e heterossexuais em condição privilegiada.

Segundo Passos (2013, p. 21), “o que observamos é que as relações raciais nos espaços considerados de subalternidade se constroem e se estabelecem como mais uma das formas de relação de poder presentes no próprio espaço”. Neste sentido, mesmo entre os gays, a branquitude continua atuando e mantendo o seu lugar de privilégio e soberania, ou seja, os gays negros sofrem, ao menos, o racismo e a homofobia, enquanto os gays brancos, embora experienciem a homofobia, são favorecidos pelo racismo.

E mesmo pensando a homofobia enquanto uma violência estrutural, esta não atua da mesma maneira com todos os gays. De acordo com Miskolci (2012),

A violência atualmente chamada de homofobia não se dirige igualmente a todos/as os/as homossexuais, mas, antes, muito mais frequentemente a quem não segue esse padrão. Nesse sentido, quer sejam heterossexuais ou homossexuais, todos podem ser normalizados e preconceituosos com o Outro, aquele que vive, se comporta ou pensa diferente. Muitos homossexuais também normalizados ajudam na estigmatização e na percepção negativa daqueles que não cabem na heteronormatividade (p. 15).

A heteronormatividade atua sobre todos(as) e, no caso dos gays, é mais incisiva com os negros, pois estes precisam se produzir em um lugar de virilidade maior que os brancos. Uma frase racista muito comumente ouvida pelos gays negros é que o “negro não deve negar a raça”, diferente do branco que, mesmo assumindo uma homossexualidade, não nega a raça branca.

A branquitude também age sobre o negro convencendo a ele e, também, as pessoas, da sua força incondicional. Desde cedo, os negros são marginalizados e taxados como problemáticos. A própria sociedade enxerga-os como irrecuperáveis e ainda afirma que são integrantes de uma família sem estrutura. Enquanto crianças são sempre desencorajadas, nunca são elogiadas e, quando o são, geralmente, é ouvindo “é inteligente, mas é preto”. Com isso percebemos como as crianças pretas crescem ouvindo que são problemas, que nunca vão conseguir algo melhor na vida e que seu futuro como trabalhador sempre será em atividades que não precisam de estudos.

Diante disso, entendemos que, mesmo a branquitude tendo sido construída à custas de uma dominação e exploração de outros grupos, e que, até hoje, ainda, se mantenha como grupo hegemônico, essa branquitude não pode ser revisitada e problematizada? E o que o branco pode fazer pela e para a luta antirracista?

Um dos desafios ao se pensar a hierarquia étnico-racial é de que nós, os brancos, aqui me incluindo, não só devemos reconhecer que nascemos com os nossos privilégios e regalias, mas quebrá-los, agindo para transformá-los e revendo as relações de poder. Portanto, é importante que mais estudos sobre a branquitude ganhem força para que possamos compreender os seus efeitos na sociedade e nos relacionamentos gays.

CAPÍTULO 2 – PASSEANDO E INTERAGINDO COM AS VITRINES DOS CORPOS DIGITAIS: POR ONDE CAMINHOU A PESQUISA?

Com a intensificação das redes sociais, especialmente, para a construção das sociabilidades gays, os aplicativos/grupos de relacionamentos têm possibilitado uma pegação incentivada por determinadas exposições como se estivessem em vitrines de lojas, à espera de quem desejaria nos consumir, de forma virtual ou presencialmente.

Para nos apresentarmos nesses aplicativos, além de postarmos as fotos que desejamos, também podemos ou não mostrar as características que consideramos pertinentes e que desejamos que outros saibam. Diante disso, entendemos que a construção de relacionamentos por meio das mídias sociais requer que passemos por essas vitrines a fim de conhecer e interagir com aqueles que estão nesses espaços, conforme desejarmos.

Tomando esses elementos como constitutivos desta pesquisa, construímos o caminho metodológico, nos (re)fazendo conforme íamos adentrando ao nosso campo de investigação. Quando acessamos as redes sociais, especialmente os grupos ou aplicativos de relacionamentos, nos colocamos à disposição para conhecer e sermos conhecidos. Não só flertamos, mas também somos flertados, algumas vezes, desejados e, outras, bloqueados.

Com a pesquisa, podemos vivenciar situações como as descritas. Embora planejem o que pretendemos fazer, muitas coisas acontecem no processo que nos fazem replanejar nosso trabalho, investindo mais naquilo que tem tido efeito e abandonando o que não contribui para a investigação. Apesar de construirmos indícios sobre aquilo que estamos investigando, temos buscando a flexibilidade, pois, nossas impressões estão, constantemente, sob suspeitas (DAGMAR ESTERMANN MEYER; MARLUCY ALVES PARAÍSO, 2012).

Às vezes, algumas pessoas que convidamos para a pesquisa nos capturam e também somos capturados por elas, outras vezes, o campo diz que não nos quer, desistimos desse e partimos para outra. Temos tentado pensar a pesquisa neste movimento. Estar sensível para interagir com aquilo que desconhecemos, pensar o que, até então, não pensávamos.

2.1. Flertando com os estudos pós-críticos e pós-estruturalistas e se lambuzando com a etnografia virtual

Assumimos trabalhar com os referenciais pós-críticos e pós-estruturalistas, pois estamos interessados em pensar a pesquisa como aquilo que nos inquieta e nos provoca, além de compreender que pensar a realidade é realizar uma leitura parcial e situada e, portanto, interessada e inacabada. Ao mesmo tempo, buscamos nos desprender das metanarrativas iluministas que se apegam na universalização e temos considerado os contextos singulares, únicos e provisórios (THOMAZ TADEU DA SILVA, 1994; PARAÍSO, 2012).

Para as perspectivas pós-estruturalistas, a linguagem não é entendida como natural ou como pré-concebida, é histórica e contextual. Ela é constitutiva dos sentidos que damos à realidade. Ao mesmo tempo, é importante entender que ao expressar a realidade linguagem se constitui incerta e indeterminada (MARISA VORRABER COSTA; MARIA ISABEL EDELWEISS BUJES, 2005; MARCIA ADRIANA BRASIL AGUILAR; JOASIANE PERES GONÇALVES, 2017).

Conforme nos apresenta Silva (1994, p. 249): “[...] a linguagem é encarada como um movimento em constante fluxo, sempre indefinida, não conseguindo nunca capturar de forma definitiva qualquer significado que a precederia e ao qual estaria inequivocamente amarrada”.

Com base nesta perspectiva pós-estruturalista, também procuramos pensar e discutir as múltiplas verdades constituintes das questões que nos interessam. Não operamos com a verdade, mas com regimes de verdade, ou seja, como alguns discursos se constituíram como verdadeiros em um determinado momento e contexto (GUACIRA LOPES LOURO, 2007; PARAÍSO, 2012).

Ainda percebemos o quão é importante a formulação de perguntas e o processo de problematização ao trabalharmos na perspectiva pós-estruturalista. Neste processo, temos nos empenhado em desconfiar daquilo que pensamos previamente e de estranhar aquilo com que estamos familiarizados. É um desafio e tanto (MEYER; ROSNGELA DE FAÁTIMA SOARES, 2005).

Por mais que sejamos seduzidos a dar as respostas, ainda uma herança da modernidade, inclusive com um certo ar de certeza e de finalização ou esgotamento das análises, investiremos nos questionamentos, para que com isso possamos abrir e não fechar as discussões trazidas nesta pesquisa (LOURO, 2007).

Amparados nas vertentes pós-críticas e pós-estruturalistas, nossa intencionalidade é perceber como a branquitude afeta os relacionamentos gays construídos por meio das mídias digitais e, para tentar compreender essas questões, trabalharemos com a etnografia virtual.

Esta é uma perspectiva metodológica mais recente que surgiu após a ampliação das socializações online e que contribui para que possamos compreender as relações que ocorrem

nos espaços virtuais, suas formas de interação e as novas maneiras de sociabilidade (LUIZ PAULO LEOPOLDO MERCADO, 2012; SAMARA SOUSA DINIZ SOARES; MARCIA STENGEL, 2021).

A escolha da etnografia virtual partiu do meu interesse com as novas tecnologias e como elas vêm se tornando cada dia mais presente em nossas vidas, nos proporcionando um convívio on/offline. Nesses espaços formamos grupos de convivências, mantendo relações pessoas próximas ou distantes. Hoje criamos uma dependência das redes sociais e aplicativos não apenas para as sociabilidades como também para resolver assuntos relacionados às questões econômicas, profissionais, familiares, dentre outras.

Conforme Marcelo Simão Vasconcellos e Inesita Soares Araújo (2011) esses novos espaços virtuais de socialização trazem desafios específicos à etnografia virtual, como por exemplo a desterritorialização em relação ao contato social, portanto, o meio por acesso online nos possibilita diferentes meios de navegação simultâneas (sala de bate papos, grupos de bate papos, chats, blogs, fóruns, aplicativos de relacionamentos, etc.). Ainda Vasconcellos e Araújo (2011, p. 2) afirmam que “[...] a etnografia online é, portanto, uma aplicação da etnografia no ambiente do ciberespaço”.

Por ser associada ao campo on-line, conceituadas por diversos pesquisadores e por muitas áreas, inclusive a da antropologia, pude encontrar vários nomes sendo usado para definir essa metodologia, como por exemplo: netnografia, etnografia virtual, webnografia, etnografia digital, etnografia em mídias sociais ou etnografia on-line. Uma das questões comuns a todas elas é a de se constituir como uma metodologia que pretende adentrar as comunidades online a fim de entender como se dão as sociabilidades virtuais.

Perante as novas tecnologias, conforme Samira Cristina Silva Pereira e Sérgio Procópio Carmona Mendes (2020), o ciberespaço passa a ser outro campo de pesquisa, por isso, “[...] faz-se necessário compreender as adaptações que ocorreram no método clássico, e as possibilidades de se explorar a etnografia em um campo virtual (p. 200).

Após apresentar essas escolhas teórico-metodológicas, detalharei alguns dos aplicativos de relacionamentos disponíveis no Brasil e como, em geral, os usuários interagem nesses espaços virtuais em busca de relacionamentos.

2.2. Olhando o catálogo, consumindo corpos

Para desenvolver a etnografia virtual, primeiramente me tornei membro de grupos do *Facebook*, *WhatsApp* e no *Telegram* onde foi realizado um diagnóstico visando sondar os

grupos já existentes nos aplicativos de relacionamentos e verificar como se dão as relações entre os gays nestes espaços, considerando o marcador étnico-racial.

Como por exemplo, no *WhatsApp*, vi os grupos: Malandros Anônimos, Só Machos, Namoro ou Amizade, Toca Pra Mim, Gozada Boa e “Malevulos” Top LGBT; assim como os grupos no *Telegram*: Machos do Zoom, LGBTQIA+, Punheteiros, Clube da Punheta, *Brotheres* - só para homens, Histórias de *UBER*, Depois da Meia Noite, Calor de macho e também grupos no *Facebook*: Relacionamento Gay aos 30/40/50 anos, Relacionamento Gay, Novinhos do Brasil, Gays Brasil, Ai Se Eu Te Pego, Boys Brasil, Homens ativos e passivos e Gays Online Brasil. O único grupo que traz em sua descrição referências sobre a questão étnico-racial é o grupo Negro TOP do Facebook, com a seguinte descrição “Grupo o qual valoriza e enaltece a nossa negritude e sua melanina linda e preta”.

A quantidade de membros por grupo variava muito. No caso do *WhatsApp*, a capacidade é limitada para 200 membros. Em geral, os grupos têm entre 100 e 200 membros, pois quando começa a ficar com menos de 100 pessoas, perde a força e acaba, na maioria das vezes, sendo desativado ou sem movimentação. Já no *Telegram*, a capacidade é bem maior, podendo chegar até 200 mil membros, mas os grupos que observei, variavam entre 327 até, aproximadamente, 8 mil membros. O *Facebook* não limita os números de pessoas nos grupos, sendo o administrador de cada grupo quem define a quantidade de membros.

No *WhatsApp* e *Telegram*, cada grupo tem suas regras, embora algumas sejam comuns entre eles, como por exemplo: não é permitido postagens de conteúdos partidários, apologia à pedofilia, zoofilia, falar sobre incesto, racismo, LGBTTQIA+FOBIA, brigas entre os membros, compartilhamento de links com vírus e propaganda de outros grupos. E no *Facebook* é proibido discurso de ódio contra pessoas LGBTTQIA+, intolerância religiosa, etnia, raça e qualquer tipo de *bullying*.

Nos grupos de relacionamentos do *WhatsApp* e do *Telegram*, muitas vezes, a interação acontece por postagens de nudes (fotos e vídeos pelados ou semipelados) do próprio membro ou de outra pessoa, convites para *videochamada* em grupo ou em dupla, contos eróticos e relatos pessoais sobre experiências sexuais. Percebia que as/os conversas/diálogos eram bem limitadas/os, com pouca interação, mesmo quando falavam de sexo.

E no *Facebook*, as postagens são mais de fotos do rosto, do corpo todo ou não (na sua maioria, sem camisa ou só de cueca/sunga), fazendo sua própria divulgação com base em suas características (idade, localidade, trabalha ou não, ativo, passivo ou versátil, gay ou bi, afeminado ou não). Em geral, os desejos são: encontrar o par perfeito, relacionamento

duradouro (casamento ou namoro) e atrair seguidores para seus perfis no *Facebook* e no *Instagram*. Alguns grupos têm o propósito de disseminar informações sobre a comunidade LGBTTQIA+ e lutar contra a LGBTTQIA+fobia. Nos grupos que analisei, pude observar que as pessoas não comentam sobre as questões étnico-raciais, limitando apenas aos assuntos relacionados ao sexo virtual e a exposição do corpo.

Pude observar que os corpos considerados perfeitos e desejados são aqueles que seguem um padrão de beleza baseado no corpo branco, jovem, magro, másculo, músculos definidos, olhos claros, cabelos loiros e com pau grande. Talvez, o modelo esperado para o masculino. Sobre os negros, os que têm mais curtidas em geral, são os jovens, viris, musculosos e dotados.

Todos recebem curtidas por meio de *emojis*, imagens que transmitem uma ideia de uma reação por meio de símbolos (símbolo: dedo de legal = curtiu, coração = amei, carinho abraçando um coração = força, carinho rindo = haha, carinho com boca aberta = uau, carinho chorando = triste e carinho de raiva = Grr). Já os comentários são poucos e, quando existem, referem-se aos elogios, como: gostoso, sexy, lindo, bonito e prazeroso, e cantadas: casa comigo, namora comigo, quero uma oportunidade, seja meu, vamos fazer sexo, deixa lambar seu corpo e dentre outras. próxima subseção, focalizarei para o grupo construído na mídia virtual para a realização desta investigação, os instrumentos de produção de informações escolhidos para esta pesquisa, os sujeitos que aceitaram participar das entrevistas e os caminhos traçados para as análises.

2.3. Entrando no provador: aplicação dos procedimentos

Com bases nas observações feitas nos grupos específicos citados acima e após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (ANEXO A), visando garantir uma postura ética e coerente e, assim, evitar constrangimentos ou desconfortos com os participantes envolvidos, criei um grupo aberto no *Telegram*, no dia 20 de abril de 2022, chamado “Bate papo no Vale”. A palavra Vale é utilizada por aqueles/as que se reconhecem como LGBTTQIA+. Com a seguinte descrição: “Grupo com finalidade de discutir sobre os relacionamentos gays e os atravessamentos que interferem nessas relações. O grupo produzirá dados para uma pesquisa de Mestrado.”

O grupo foi criado para possibilitar uma relação melhor com os participantes e acompanhar as discussões, periodicamente, com base nas finalidades da pesquisa. Embora, existam outros grupos públicos nos aplicativos de relacionamentos, houve a necessidade de

fazer este grupo por questões de compromisso e ética com os participantes da pesquisa. Além do mais, os grupos públicos possuem administradores e muitos membros, com isso não teria como pedir autorização de todos.

O grupo foi criado com tempo indeterminado, para homens gays maiores de 18 anos, com o objetivo de discutir como as relações étnico-raciais afetam as vivências homossexuais. Para a organização e desenvolvimento do grupo, fiz uma busca ativa de participantes/membros com base nos contatos nos grupos dos quais tinha entrado como membro, nas diferentes redes sociais e aplicativos como: *Facebook, WhatsApp, Telegram*.

O convite foi feito por meio da divulgação de um link, contendo a seguinte informação: “Bate papo no Vale”, grupo criado com a finalidade de discutir sobre os relacionamentos gays e os atravessamentos que interferem nessas relações. O grupo produzirá informações para uma pesquisa de mestrado. Ao entrar no grupo cada membro se apresentou com nome, idade, cidade e Estado onde morava.

Conforme os participantes entravam, eram informados novamente que o grupo estaria atrelado a uma pesquisa de mestrado e era solicitado que se apresentassem.

O grupo tinha em média, 140 pessoas como membros, alguns com participação mais efetiva e outros como ouvintes. As trocas de mensagens foram mais fervorosas nas três primeiras semanas de criação do grupo, chegando em torno de 20 a 30 mensagens diárias, com maior frequência no período da noite e nos finais de semanas. Até o momento em que o grupo estava ativo, foram mais ou menos mil mensagens trocadas no período de dois meses.

Enquanto estava observando e fazendo anotações do grupo sobre a participação dos membros, entrei em contato com alguns participantes e convidei para participar de uma entrevista. Alguns aceitaram tranquilamente e outros não. Mas, um dos obstáculos era que boa parte não se assumia como branco. Dentre as justificativas, destacamos: eram filhos de pais e mães negros/as e ou netos de avós e avôs negros/as e, segundo eles, o Brasil é uma mistura de raça, sendo difícil existir brancos.

O grupo acabou sendo bloqueado por causa de uma postagem, a que tudo indica relacionada à pedofilia, feita por um recente membro. Como o grupo era livre e aberto para que todos pudessem entrar, por meio de um *link* público e divulgado em outros grupos, não tínhamos o controle da entrada e perfis de todos que entravam. Com esse bloqueio, perdemos todo o material que havia no grupo: imagens, vídeos e mensagens de voz e escrita.

Diante disso, mudei de aplicativo e criei um grupo no *WhatsApp*, com o mesmo objetivo e descrição no convite e no perfil do grupo e, dessa vez deixei as regras mais explícitas, como: proibido menor de 18 anos; proibido briga; proibidas postagens com

referência à pedofilia; proibido qualquer tipo de propaganda e proibido divulgar *links*. Também foram adotadas as regras estabelecidas pelo uso aceitável dos serviços do aplicativo *WhatsApp*, tais como: “Termo e políticas” e “Uso lícito e aceitável”.

O grupo iniciou-se no dia 06 de julho de 2022, com 35 pessoas e, atualmente, em janeiro de 2023, permanecem 19 pessoas, sendo que a última interação no grupo foi no dia 08 de outubro de 2022. Dos 19 membros, sete estão sem fotos, e os outros 17 com fotos de rostos nos perfis, de diferentes estados do Brasil, quais sejam, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Novamente, convidei os contatos salvos do grupo do *Telegram* e fiz convites nos outros grupos em que havia feito a divulgação anteriormente. O grupo não foi criado com objetivo de deixar explícita a discussão sobre a branquitude. Os diálogos sobre as questões étnico-raciais foram surgindo no decorrer da conversa e quando provocados pelos pesquisadores.

Para realizar a etnografia virtual, ancorei-me em alguns instrumentos metodológicos apresentados por Mercado (2012), Pereira e Mendes (2020) e Soares e Stengel (2021).

Um deles foram os documentos digitais. Procurei identificar e analisar os principais materiais postados no grupo. A maioria deles postou fotos de si mesmo, poucas imagens para a discussão e pequenos vídeos.

Outro instrumento foi a observação de interação mediadas pelas ferramentas comunicacionais. Nesta pesquisa realizei a observação participante, já que interagi com os participantes permanentemente no grupo. Com a observação do grupo é possível conhecer a dinâmica construída ao longo do tempo pelos participantes. A observação é feita com base nas leituras das mensagens enviadas aos espaços virtuais (*chat*), apresentações pessoais, disponibilidade, tema e a leitura de mensagens do grupo. Os critérios utilizados para a observação foram: as relações estabelecidas entre os membros; número de mensagens e atitudes diante dos problemas que surgiram no grupo (MERCADO, 2012; PEREIRA; MENDES, 2020).

Observei o grupo diariamente, por entender que as relações de sociabilidades nesses espaços se configuram como comunidades virtuais, a partir de pessoas conectadas via internet, tendo como finalidade interesses comuns e que mantém contatos por determinado período de tempo. Em geral, os membros dessas comunidades se envolvem e participam de acordo com sua disponibilidade de tempo e interesse, podendo estar ativos (online), lendo e respondendo as mensagens a todo momento ou apenas observando e só interagindo quando for necessário ou não (MERCADO, 2012).

Além da observação, elaborei um diário de campo virtual, ao longo da pesquisa, buscando anotar algumas questões que chamaram a minha atenção no grupo e que pudessem colaborar na construção da minha pesquisa. Inclusive com essas anotações, eu pensava em como interagiria com o grupo, nos dias subsequentes.

Para Pereira e Mendes (2020, p. 209) “as mídias digitais fornecem um oceano de dados para o etnógrafo realizar o trabalho de campo”. De acordo os autores, as observações dos documentos digitais e o diário de campo sobre os participantes são feitas a partir do campo virtual, onde possibilita a elaboração de um caderno de campo tecnológico e registros das mensagens escritas e áudio, imagens e vídeos postados e da própria interação entre os participantes.

Ao longo das observações que ocorreram, cerca de quatro meses, enviei convites para alguns dos membros para que participassem de uma entrevista online, cujo propósito foi o de conhecer mais profundamente as perspectivas desses sujeitos sobre os efeitos da branquitude nos relacionamentos homossexuais.

A entrevista foi realizada por meio de um roteiro com algumas questões norteadoras (APÊNDICE A). A ordem das perguntas do roteiro foi alterada conforme a dinâmica de cada entrevista e, dependendo das respostas dos entrevistados, algumas sugestões de perguntas foram reformuladas ou suprimidas do roteiro, porque já foram abordadas espontaneamente (ANA MARIA NICOLACI DA COSTA; DANIELA ROMÃO DIAS; FLÁVIA DI LUCCIO, 2009).

Os participantes foram escolhidos conforme os seguintes critérios: concordância em participar da entrevista; preferência por gays brancos ou pardos, mesmo não assumindo a sua branquitude; terem participado mais efetivamente do grupo; maiores de 18 anos.

Foram convidados 10 participantes. Após o aceite em participar da pesquisa, eles receberam cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para uma leitura prévia e, posteriormente, caso concordassem, assinassem e me reenviassem. Entretanto, dois não enviaram o Termo assinado, mesmo depois de algumas tentativas de contato e outro nem chegou a responder as minhas mensagens.

Assim, a princípio, sete aceitaram participar da pesquisa. Contudo, com um desses sete, após ter feito a entrevista, fui assistir e transcrever o vídeo e percebi que tinha sido corrompido. A entrevista tinha uma duração de quase uma hora, mas só foi possível assistir até 8min46s. Tentei remarcar com ele, mas, sempre que entrava em contato para agendar um momento, ele me dizia que estava sem tempo. Mesmo assim, continuei insistindo, mas ele

parou de me responder. Portanto, só foi possível entrevistar seis homens gays, participantes do grupo.

A entrevista foi realizada individualmente, pelo Skype, por se tratar de uma plataforma que grava gratuitamente vídeos e áudios. Ressalto que todos assinaram o TCLE, juntamente comigo. O modelo do TCLE está em Apêndice B.

As entrevistas ocorreram em dia e horário combinados com os participantes e teve uma variação de duração de 36 min a 1h10min. Cada entrevista teve sua particularidade, variando muito de acordo com o participante. Vedete Champagne e Juracy (descrição no quadro abaixo) tiveram dificuldades para compreender e responder, já outros tiveram facilidade para dialogar, como foi o caso de Goldiva, Lady Elza, Donizete e Safira Syan (descrição no quadro abaixo). Uma das provocações ocasionada pela entrevista foi a dificuldade em se reconhecer como branco, mesmo tendo a pele clara e sabendo dos seus privilégios em relação aos outros grupos étnico-raciais, como os negros.

Com o propósito de garantir o anonimato dos participantes da pesquisa, os nomeei com pseudônimos, fazendo referência às personagens da série “Super Drag” produzida pela Netflix, 2018, em formato de animação, com dubladoras drags e gays do Brasil. A escolha da série se deu por se abordar questões da comunidade LGBTTQIA+ e, desta forma ter me capturado.

A série conta a história de três colegas de trabalho, que além de serem funcionárias de uma loja, quando percebem que tem uma pessoa LGBTTQIA+ em apuros, se transformam em drag queens superheroínas, para combater a LGBTTQIA+fobia provocada pela sociedade, inclusive, pelas instituições religiosas.

E como a minha pesquisa fala sobre homens gays que se expõem em aplicativos de relacionamentos, produzindo-se em vitrines virtuais e se colocando como produtos por meio de perfis criados (Fakes ou não) para o consumo do desejo/prazer sexual e afetivo, casual ou não, percebi que a série e a pesquisa estão ligadas mediante alguns símbolos com significados semelhantes, como por exemplo: loja/vitrine/exposição/consumo, criação de perfil/vida dupla/nomes fictícios.

No quadro 2, apresento brevemente um pouco da descrição dos membros do grupo que aceitaram participar da pesquisa.

Quadro 2: Breve descrição dos entrevistados da pesquisa.

| Pseudônimo | Idade | Cor | Raça/Etnia | Estado Civil | Cidade/Estado | Escolaridade | Atuação profissional |
|-------------------|--------------|------------|-------------------|---------------------|----------------------|---------------------|----------------------------------|
| Goldiva | 39 | Pardo | Branco | Solteiro | Belo Jardim/PE | Especialista | Professor/efetivo |
| Lady Elza | 25 | Pardo | Negro | Solteiro | Redenção/CE | Graduação | Empresário/Autônomo |
| Donizete | 22 | Branco | Branco | Solteiro | Jequié/BA | Graduação | Ventoterapia/ Autônomo |
| Safira Cyan | 32 | Pardo | Branco | Solteiro | Salvador/BA | Graduação | Veterinário/efetivo |
| Vedete Champagne | 21 | Branco | Branco | Namorando | Aurelino Leal/BA | Graduação | Comércio/ Contrato temporário |
| Juracy | 19 | Branco | Branco | Solteiro | Jequié/BA | Curso técnico | Não trabalha |

Os participantes Goldiva, Lady Elza e Safira Cyan preencheram um roteiro prévio sobre sua raça e etnia. Nestes casos, os três se consideraram como pardos por causa da ideia da mistura de raça existente no Brasil. Eles entendem que apresentam parentesco de primeiro e segundo grau negros/pretos, portanto, se reconhecem como pardos. No decorrer das entrevistas, Goldiva se percebeu branco e com privilégios em relação aos outros. Safira Cyan e Lady Elza se mantiveram como pardos, mesmo sabendo que possuem privilégio em relação aos pretos.

Diante dos registros construídos nesta investigação, quais sejam: documentos digitais (mensagens escritas e de voz, imagens e vídeos publicados no grupo Bate papo do Vale), anotações do diário de campo e as entrevistas feitas com seis participantes, me debrucei em ler e reler persistentemente esses materiais para que pudesse pensar como construiria as análises em articulação com a questão norteadora e os objetivos deste trabalho (PARAÍSO, 2012).

Desta forma, com as leituras e releituras, fiz, junto com meu orientador, as escolhas das informações registradas, buscando aquelas que seriam pertinentes ao trabalho, delimitando o corpus de análise (PARAÍSO, 2012; SOARES; STENGEL, 2021). Portanto, compreendo que, muitas outras questões presentes nos materiais produzidos ficarão para trás e não serão discutidas nesta dissertação.

Neste movimento de (re)ler os materiais, também me debrucei sobre as autoras e autores que dialogam sobre branquitude, racismo, homossexualidades e mídias digitais e relacionamentos a fim de que nos ajudassem a problematizar nossas leituras sobre o material empírico desta pesquisa. Neste exercício, busquei desmontar as informações encontradas nos materiais e montar possibilidades de interpretação, em diálogo com a literatura e exercitando o processo de interrogar, permanentemente, nossas análises (PARAÍSO, 2012).

Apostamos nesses (des)encontros com os referenciais a fim de que não os tomemos como um porto seguro, mas enquanto perspectivas que nos desacomodem, permitindo rever e estranhar algumas verdades cristalizadas, confrontando-as com o material empírico e, assim, buscando produzir análises mais abertas e questões provocativas para o trabalho (BUJES, COSTAS, 2002; MEYER; SOARES, 2005).

Para finalizar esta seção e com base em autores(as), como Alfredo Veiga-Neto (2002), reconhecemos que as análises apresentadas no próximo capítulo são contextuais e dizem da nossa visão de mundo, das escolhas teórico-metodológicas e das leituras ativistas que fizemos, portanto, são compreensões provisórias e sujeitas a questionamentos novas (re)análises. Destaco, que todo o material construído nesta investigação ficará armazenado comigo, pesquisador, em um local seguro e com privacidade.

CAPÍTULO 3 – O PRIVILÉGIO DA BRANQUITUDE NA PRODUÇÃO E VIVÊNCIA DOS RELACIONAMENTOS GAYS

Esta seção visa analisar e discutir como a branquitude afeta os relacionamentos gays. Na subseção 3.1, nomeada “Qual a sua identidade étnico-racial? As incertezas de alguns sujeitos da pesquisa em se reconhecerem como brancos”, será discutido o que significa ser branco e pardo em nossa sociedade e como os gays, autoidentificados como brancos, lidam com a sua identidade étnico-racial.

Sobre a subseção 3.2, intitulada “Como os gays autorreconhecidos brancos percebem/lidam com o privilégio da branquitude?”, serão abordadas as questões sobre o privilégio da branquitude, especialmente, o material, como os gays brancos encaram isso e os benefícios advindos do racismo para os brancos.

Já na subseção 3.3, nomeada “A estética da branquitude. Quais homens *gays* são (in)desejados em grupos de aplicativos de relacionamento?”, discutiremos sobre as relações construídas pelos gays em torno de uma estética branca entendida como padrão e como esta estética afeta gays brancos e de outros grupos étnicos.

3.1. Qual a sua identidade étnico-racial? As incertezas de alguns sujeitos da pesquisa em se reconhecerem como brancos

Ao serem questionados sobre o pertencimento étnico-racial, alguns dos participantes do grupo do *WhatsApp* “Bate papo no Vale” entrevistados apresentaram, inicialmente, certa relutância e inquietação em se reconhecerem como brancos, sempre desviando ou evitando falar sobre isso quando questionados por meio de perguntas e postagens sobre o tema. Dentre os 06 (seis) entrevistados, a maioria, totalizando 05 (cinco), alegou ter dúvidas sobre isso, por causa da dificuldade em se compreender como brancos e entender que a posição social que ocupam tem relação com o seu privilégio étnico-racial. Mas, o que é ser branco? Segundo Schucman (2020), para além das características fenotípicas, os brancos são sujeitos que estão ocupando lugares sociais e subjetivos, com maiores vantagens em relação aos outros grupos étnico-raciais, como os negros.

Vedete Champagne é o único que se identifica como branco desde criança. Além dos aspectos fenotípicos, como a cor da pele, Vedete Champagne define-se como branco por conta de sua genealogia, ou seja, ele provém de uma família de brancos:

Ah, então! Eu sempre me identifiquei como branco desde criança, não só por conta da pele, mas também por conta da família, em que todo mundo é branco. (Vedete Champagne, 21 anos, Aurelino Leal (BA), namorando).

Vedete Champagne não hesita ao entender que ter a cor branca e ser de origem branca definem a sua identidade étnico-racial. Portanto, Vedete nos traz questões pertinentes para pensarmos em relação ao lugar que ele ocupa na sociedade. A primeira é o pertencimento familiar, na qual todos da família dele são brancos e a segunda é identificação da cor da pele. Além disso, segundo ele, nunca passou por situações constrangedoras, sempre conseguiu as coisas com facilidades, entrando e saindo de lugares sem ser barrado ou visto como um suspeito, mesmo sendo de família classe popular.

As dúvidas em relação à categorização étnico-racial por parte dos demais entrevistados advêm do fato deles não reconhecerem sua cor como branca e, em alguns casos, por apresentarem, segundo eles, traços fenotípicos compreendidos como pertencentes aos negros e não aos brancos. Isso acontece com Juraci e Donizete:

Eu me considero branco. Apesar de ter dúvidas quanto a isso. Mas sempre me identifiquei como branco, olhando a cor da pele, o que me faz sempre me identificar. Mas, por conta das características, como por exemplo, meu nariz, minha boca, fico em dúvida se realmente sou branco. Ou, talvez, eu me ache branco só pra não ser chamado de pardo (Juraci, 19 anos, Jequié (BA), solteiro).

Eu me considero branco, mas antigamente eu me considerava pardo. [Pesquisador: Para você existe etnia/raça branca? Por quê? Quem são as pessoas que você considera serem brancas? Detalhe mais]. Olha só! Pra mim o branco não é voltado só a tonalidade da pele. Sobre... eu acredito que, desde os primórdios do mundo, já tivemos problemas com isso em relação às guerras em países, como guerras na Alemanha. Mas, eu acredito que a pessoa branca é aquela que tem a tonalidades da pele clara. (Donizete, 22 anos, Jequié (BA), solteiro).

Sobre os ditos acima, Juraci e Donizete, a princípio, têm dúvidas em relação à sua identidade étnico-racial, considerando-se, de início, como pardos, mas se declarando brancos por conta de sua cor da pele, embora reconheçam que apresentem algumas características fenotípicas não lidas como brancas. Para além disso, Juraci relata que, além do fenótipo, as questões socioeconômicas e culturais também definem a distinção entre brancos e negros:

As pessoas que acho que são brancas são aquelas que têm uma pele bem clara, casca de ovo pra cima ...um bege pra cima, aí já considero branco. Acho meio errado [...] outros aspectos culturais também definem, se a pessoa é branca ou

não. As questões sociais também se definem (Juraci, 19 anos, Jequié (BA), solteiro).

Já para Lady Elza e Safira Cyan, que se reconhecem como pardos, ser branco engloba um conjunto de pessoas que, além de terem a cor branca, apresentam olhos claros, cabelos loiros ou ruivos e com ascendência europeia.

[Pesquisador: Quem são as pessoas que você considera brancas?] As pessoas que têm uma cor de cabelo clara, olhos claros, as pessoas mais altas e vejo, que são as pessoas da Europa. Tem pessoas que têm cabelos pretos, mas, pra mim, o branco é o cara que tem que ter o cabelo loiro, ruivo e também os olhos claros (Lady Elza, 25 anos, Redenção (CE), solteiro).

E pra mim quem são os brancos? São basicamente os caucasianos, de ascendência europeia. São pessoas que demonstram o fenótipo de pele clara, não basicamente de olhos claros, mas basicamente, o contexto. A gente não pode falar basicamente de melanina, porque se não falar apenas de melanina, a gente vai esquecer os negros albinos, porque existe os negros albinos. Então, não é só a melanina em si, o tom de pele. Então pra mim, os brancos são aqueles que têm as características europeias, nariz afilado, peles claras, traços finos (não gosto muito de usar esse termo) que remete ao povo europeu (Safira Cyan, 32 anos, Salvador (BA), solteiro).

As narrativas de Vedete Champagne, Juraci, Donizete e Lady Elza me levam a questionar: Quais elementos definem a identidade étnico-racial, especialmente, o ser branco em nossa sociedade brasileira? De maneira geral, os nossos entrevistados entendem que ser branco está, predominantemente, associado à cor branca, embora também mencionem outras características fenotípicas como cor dos olhos e do cabelo e a ascendência europeia.

De acordo com Munanga (2004b) e Schucman (2014a), no Brasil, o ser branco está associado, sobretudo, às características fenotípicas e ao status, diferente dos EUA, onde ser branco é ter origem étnica branca. Lá não basta ter a cor branca. Desta maneira, no EUA, algumas pessoas de cor branca que tenham ascendência negra podem se reconhecer e, muitas vezes, são lidas como negras.

No Brasil, as características fenotípicas, como cor da pele, cor e tipo de cabelo, olhos, formato do nariz, definem a identidade étnico-racial, e ao mesmo tempo, designam os elementos culturais, estéticos, os valores morais, intelectuais e também a posição social do sujeito (MUNANGA, 2004a).

Kabengele Munanga (2004b) já dizia que, a princípio, era difícil definir quem era negro, sobretudo por conta do desejo do branqueamento e da própria política do

embranquecimento que ocorreu no início do século XX, incentivando a miscigenação a fim de diminuir a população de negros e mestiços e embranquecer a população brasileira.

Contudo, entendemos que, embora, algumas vezes, o pertencimento étnico-racial possa gerar dúvidas em determinadas pessoas, especialmente, naqueles considerados mestiços ou pardos, a nossa sociedade sabe reconhecer quem é negro, haja visto o quanto os negros são abordados violentamente pela polícia, lidos como criminosos, impedidos de adentrarem em espaços sociais de classe média e alta, não reconhecidos para assumir as chefias nas diferentes instituições públicas e privadas, tratados de forma inferiorizada nos espaços escolares ao serem lidos como incapazes e indisciplinados etc.

Da mesma forma que o negro, o branco está bem marcado e racializado no Brasil, embora ainda se passe uma ideia de que apenas o negro tenha etnia/raça. Isso me leva a questionar: O que significa se reconhecer como branco na sociedade brasileira? Por que quando o outro lhe identifica como branco, isso pode gerar impacto nas pessoas?

A racialização entre brancos e negros refere-se ao processo em que grupos raciais são construídos e percebidos de forma diferenciada com base em características raciais específicas. Nesse contexto, a racialização refere-se à atribuição de características, estereótipos, privilégios ou discriminação com base na raça (BENTO, 2014a).

No contexto da sociedade ocidental, a racialização de brancos e negros tem sido historicamente desigual. A partir da era colonial, os europeus brancos estabeleceram sistemas de supremacia branca que promoveram a ideia de superioridade branca e inferioridade negra. Esse processo resultou em privilégios sistemáticos para as pessoas brancas, em detrimento das pessoas negras, em várias esferas da vida, como acesso às oportunidades de educação, emprego e justiça (BENTO, 2014a; CARDOSO, 2020).

Enquanto as pessoas brancas frequentemente têm suas características raciais lidas como neutras ou positivas, as pessoas negras têm sido estigmatizadas, enfrentando estereótipos negativos e sendo alvo de discriminação e preconceito. Esse tratamento diferencial persiste até hoje em muitas partes do mundo.

Em nosso país, ser branco significa apresentar vantagens materiais e simbólicas que favorecem em detrimento de outros grupos étnico-raciais, como os negros e indígenas. Essas vantagens advêm do processo de colonização que produziu uma hierarquia étnico-racial e relações de poder em que os brancos são, continuamente, beneficiados sem, inclusive, reconhecer os seus privilégios e, com isso, contribuem para as desigualdades étnico-raciais no Brasil (BENTO, 2014a; SCHUCMAN, 2014a; 2014b).

De acordo com Schucman (2020), o projeto de racialização serviu para hierarquizar os grupos humanos. Essa hierarquização se deu a partir de dois critérios, primeiro foi a cor para classificar a racialização do indivíduo e segundo foi o acréscimo dos parâmetros morfológicos, os traços físicos como dos lábios, do queixo, cabelo, ângulo facial e dentre outros.

Embora, em nossa pesquisa, Lady Elza e Safira Cyan ressaltem que o branco, em si, é aquele que apresenta cabelos loiros ou ruivos, cor branca e olhos claros e com maior ascendência europeia, entendemos que, no Brasil, a cor ainda é um dos elementos mais preponderantes para designar essa identidade étnico-racial.

Sodré (2018, p. 15) nos relata que “a cor clara é, desde o seu nascimento, uma vantagem patrimonial”. Assim, compreendemos que, mesmo que o indivíduo não tenha cabelos loiros ou olhos claros, mas tenha cor branca, ele também é visto como branco, ainda que distinto desse outro idealizado com base nos fenótipos europeus.

Como nos apresenta Schucman (2018, p. 145), “os significados da branquitude têm camadas complexas e variam localmente e entre os locais”, ou seja, não há uma uniformidade na produção do ser branco no Brasil, ocorrendo diferenciações intragrupo. Podemos entender que, na branquitude, há graus de brancura e, portanto, alguns são mais brancos do que outros, dependendo de quanto tenham de origem étnica europeia (SCHUCMAN, 2020).

Conforme nos traz Munanga (2019):

[...] dependendo do degrau de branquitude que os caracterizam, brancos propriamente ditos que confirmam sua ascendência europeia, brancos brasileiros que teriam sofrido alguma mestiçagem com negros e indígenas embora apresentem um fenótipo europeu, os chamados morenos, sararás, entre outros, eles/elas participam desigualmente da distribuição das vantagens e privilégios que a brancura lhes oferece na sociedade. Alguns recebem mais e outros menos, de acordo com a intensidade da brancura ou da variabilidade de tons da cor branca e de outras características morfológicas que acompanham a cor (p. 163).

Diante disso, entendemos que não há uma uniformidade em termos de características fenotípicas entre os brancos, no Brasil, porém, essa diferença intragrupo não retira os privilégios simbólicos e materiais dos brancos em relação aos negros.

Bento (2014a) e Schucman (2014a) nos lembram que quase nunca perguntamos sobre quem é branco e o que é ser branco no nosso país, diferente do negro e, talvez, também por isso, tenhamos dificuldades em entender e, mais do que isso, se reconhecer como branco. Há um silêncio sobre o ser branco no Brasil.

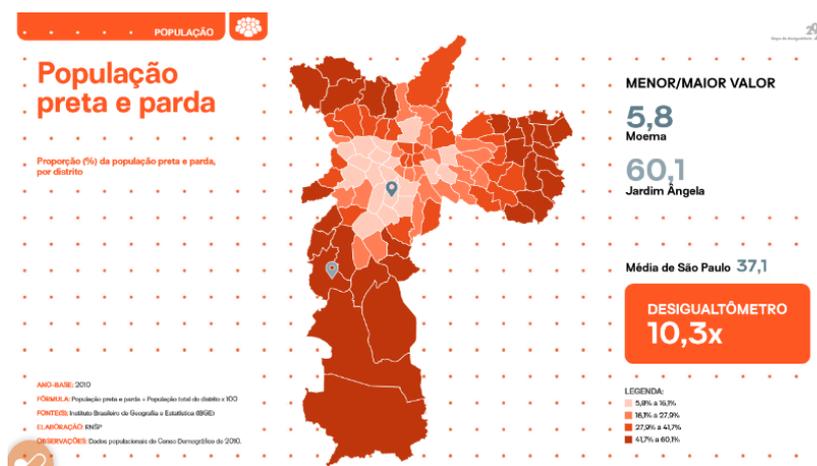
Juraci traz uma questão relevante para o nosso debate que diz respeito ao branco e as questões socioeconômicas. Diante das vantagens que os brancos construíram ao longo dos séculos no Brasil, especialmente, a material, a parte considerável das pessoas que estão em condições econômicas favoráveis é branca e, portanto, os mais pobres continuam sendo os negros.

De acordo com o documento Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, publicado em 2022, em 2021, o rendimento médio mensal de pessoas brancas com ocupações foi de R\$3.099,00, o de pessoas pretas R\$1.764,00 e pardas R\$1,814,00. Em 2021, a taxa de desocupação foi menor para a população branca (11,3%) do que para a população preta (16,5%) e parda (16,2%). Quanto ao trabalho informal, enquanto em 2021, 32,7% da população branca estava em ocupações informais, o percentual de pessoas pretas era de 43,4% e de pardas 47% (BRASIL, 2022).

Segundo o Mapa da Desigualdade de 2022³ abaixo, que faz estudos anualmente desde de 2012 sobre a maior Cidade/Capital do Brasil em relação ao número populacional, a população preta e parda de São Paulo está mais concentrada nos bairros periféricos e ou mais pobres da capital paulista, em destaque para o bairro Jardim Ângela que tem 60,1% de seus moradores pretos e pardos. Já o Moema é o bairro com a maior quantidade de pessoas brancas e também o mais rico. Neste bairro há 5,8% de pessoas autodeclaradas pretas e pardas. O relatório também mostra que a maioria das pessoas que mora nos lugares periféricos e/ou pobres são os que, na maioria das vezes, não têm uma moradia adequada, recebendo menos de três salários mínimos e tendo serviços de transporte, educação, saúde, e a segurança precários.

³ Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Mapa-da-Desigualdade-2022_Mapas.pdf. Acesso em: 09 de julho de 2023.

Figura 1 - População preta e parda da cidade São Paulo.



Fonte: MAPA DA DESIGUALDADE (2022, p. 9).

Por isso, não se pode desconsiderar as questões étnico-raciais como estruturantes da nossa sociedade e, ao mesmo tempo, entender que não é possível a justiça social por meio apenas das questões de classe social, sem combater o racismo. Como nos traz Bento (2014a):

Mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da branquitude, o que não é pouca coisa. Assim, tentar diluir o debate sobre raça analisando apenas a classe social é uma saída de emergência permanentemente utilizada, embora todos os mapas que comparem a situação de trabalhadores negros e brancos, nos últimos vinte anos, explicitem que entre os explorados, entre os pobres, os negros encontram um déficit muito maior em todas as dimensões da vida, na saúde, na educação, no trabalho (p. 30).

Ainda nesta questão sobre como a branquitude mantém suas vantagens, independente da classe social, na pesquisa realizada por Schucman (2014b), ela nos apresenta que, ao entrevistar um homem branco em situação de rua, ele relatou ter privilégio em relação aos amigos dele negros, também em situação de rua, por ser branco e poder usar o banheiro do shopping, sem ser impedido pelos seguranças.

Quanto à questão da dúvida em relação à identidade étnico-racial, Schucman (2014a) nos traz que essa própria possibilidade de indecisão sobre a identidade étnico-racial diz de um privilégio dos brancos que os(as) negros(as), de fato, não têm. Por onde eles(as) passam, são lidos, percebidos e apontados como negros(as), já os(as) brancos(as), não estão acostumados(as) a se reconhecer como tais, pois, por serem a referência, não se pensam racializados, não teriam raça ou cor, como os negros e indígenas e, assim, não precisariam ser nomeados(as).

Talvez, a dificuldade de alguns de nossos entrevistados em se reconhecerem como brancos também tenha relação com o receio de, ao se perceberem brancos, entenderem que são privilegiados e usufruem do racismo. Assumir-se branco significa assumir que é beneficiado pela norma, sendo visto, na maioria das vezes, como mais inteligente, mais belo, mais honesto, mais capaz de liderar etc. Portanto, se reconhecer branco significaria tomar partido, se posicionar diante da luta antirracista e, portanto, defender ou não o desmantelamento dos privilégios da branquitude, pois a insistência pelo silêncio pode ser entendida como o desejo de que as vantagens prevaleçam (BENTO, 2014a).

A princípio, Goldiva se reconheceu como mestiço por ter uma pele mais escura e não ter privilégios sociais, embora o cabelo não fosse crespo e não tivesse o formato dos lábios e nariz tidos como tipicamente negros.

Eu me identifico como mestiço, mais especificamente eu me identifico mais como negro, mas pela questão de tom de pele e também pela questão social, de não ter privilégio, apesar de ser considerado como se tivesse privilégio demais. Uma questão que eu acho que não deveria deixar de aparecer na entrevista que é a questão de cotas para negros. Hoje em dia, a gente tem as cotas para negros e muita gente vê como um privilégio. E eu nunca recorri a essa cota na minha educação. Mas, eu me vejo como um homem miscigenado. Mais especificamente negro. Minha família é da mesma origem étnicas que a sua, é indígena e negra, sabe. Mas, eu acho que eu tenho mais traços que são mais negros. [Pesquisador: Quais os traços em você que são mais negros em você?] A cor da pele. Meu cabelo não é crespo, mas ele é bem grossinho, mas não é crespo, não, mas é a cor da pele, por exemplo, eu não tenho lábios grandes, eu não tenho o nariz aberto, não, como tem o biótipo da negritude, pronto (Goldiva, 39 anos, Belo Jardim (PE), solteiro).

No caso de Goldiva o reconhecimento como pardo também se deu por ele ter uma ascendência negra, referente à família do pai, inclusive, ele presenciou situações de racismo relacionadas a essa procedência negra:

A minha mãe, a vida inteira, sempre, fez muitos comentários racistas contra o meu pai. Por ele ser extremamente violento, ela ficou muito frustrada, aí ela se referia a família do meu pai, como aquele negro, se referia a família dele como aquela raça. Eu sinto nojo da frustração dela, e depois de muitos anos, eu fui ter uma conversa com minha tia que é negra retinta, do cabelo bem crespinho, e descobri através da minha tia que eles eram pessoas muito amadas, só não o meu pai, que pareciam ser a ovelha negra da família. Mas todos os vizinhos amavam a família do meu pai, os meus avós, meus tios e minhas tias. Fui visitá-la em São Paulo, e pude perceber que ela era muito amada. (Goldiva, 39 anos, Belo Jardim (PE), solteiro).

Em uma das perguntas feitas para Goldiva, ele entendeu que não vivenciava o racismo e, que, passava a repensar sua identidade étnico-racial, embora tivesse uma origem familiar mestiça.

[Pesquisador: Na sua opinião, você se sente privilegiado, em relação a sua identidade étnico racial?]. *Sim, e isso foi descoberto nessa conversa que tive com você agora, pelo fato de não sofrer de forma ostensiva a questão do racismo (Goldiva, 39 anos, Belo Jardim (PE), solteiro).*

Safira Cyan não se reconhece como branco e ressalta que nunca se enxergou dessa forma em razão de ter a pele mais escura, quando comparado aos demais membros de sua família, nos dizeres dele, ser o mais “encardidinho”. Considerando-se pardo, ele afirma que a identificação como branco representa-lhe um “choque de realidade”:

Então, como a maioria das pessoas da minha família eram mais claras que eu, eu nunca me enxerguei como uma pessoa branca, tipo assim, eu era o mais sujinho, o mais encardidinho, podemos assim dizer, sabe? Então eu nunca me enxerguei como branco. Bastava apenas que algumas pessoas dissessem que eu sou branco, e eu tomava um choque de realidade: como assim, sou branco? Ai atualmente eu me considero hoje como pardo, sabe? [Pesquisador: Por causa disso?] Hum, hum! Porque assim, eu não me vejo totalmente negro, mas eu também não me vejo totalmente branco, sabe? É como se eu passeasse entre esses dois mundos, pode assim dizer... (Safira Cyan, 32 anos, Salvador (BA), solteiro).

Lady Elza também se reconhece como pardo, pois não se vê nem como branco e nem como negro.

Eu me considero pardo, e etnia... não acho que tenho [...] etnia está ligado a quilombolas e essas coisas, né? Não, não sou e não me considero de nenhuma etnia. [Pesquisador: E sobre sua cor, falou que se considera pardo, por quê?] É uma identificação que vejo tanto para o branco como para o negro, eu não me acho uma pessoa branca e não me acho uma pessoa negra, então vamos considerar a pessoa parda mesmo (Lady Elza, 25 anos, Redenção (CE), solteiro).

As narrativas de Goldiva, Safira Cyan e Lady Elza também nos inquietaram para pensar sobre as construções identitárias do ser pardo. Problematizamos: o que significa ser pardo, no Brasil? Como as pessoas compreendem os sentidos de ser pardo e como a literatura analisa esta questão?

No Brasil, ser pardo ainda gera muitas incertezas, pois é um termo que abarca pessoas que apresentam algum grau de miscigenação, podendo ter origens étnicas diversas como negras, brancas, indígenas, árabes etc. (MARCELO PAIXÃO; LUIZ MARCELO FERREIRA CARVANO, 2008). A discussão em torno do conceito de "pardo" destaca a

importância de questionar a construção social das categorias étnico-raciais e refletir sobre como essas classificações podem afetar a identidade e o tratamento de indivíduos em uma sociedade.

O termo pardo surge como "fronteira", ou seja, da complexidade em categorizar pessoas que possuem uma ascendência mista, especialmente em sociedades com alta miscigenação. Essa categoria pode criar um limiar vago entre diferentes grupos étnico-raciais, pois nem sempre é possível ou apropriado definir a identidade étnico-racial das pessoas devido à diversidade de suas origens.

Como nos traz Alessandra Devulsky (2021), ser pardo significa ter algum grau de mestiçagem, porém, os traços peculiares associados ao ser negro ainda são preponderantes. Portanto, os pardos e pretos seriam lidos como negros. E para além disso, os pardos também vivenciam o racismo embora, em certas situações, possam se beneficiar da mestiçagem. Aqui, a autora ressalta que, em um país marcado pelo racismo estrutural, ter algum benefício, em determinadas circunstâncias, por ser pardo, não quer dizer que este(a) goze do privilégio branco, são coisas distintas.

Há algumas décadas, muitas pessoas preferiam se assumir pardas (ou nomeações como moreno jambo, marrom bombom, cabo verde e entre outras) do que pretas, pois, o desejo do embranquecimento era mais operante e, mesmo, alguns que apresentavam a cor preta, preferiam se entender como pardos (CARNEIRO, SUELI, 2011). Durante a maior parte do século XX, o [...] "embranquecimento" passou, portanto, a significar a capacidade da nação brasileira (definida como uma extensão da civilização europeia, onde uma nova raça emergia) para absorver e integrar mestiços e pretos (GUIMARÃES, 1995, p. 39). Ao buscar o embranquecimento, se estava fortalecendo o racismo no Brasil, pois se continuava entendendo que ser negro ou enegrecer era manter-se como inferior e subordinado ao branco.

Contestando este ideário do embranquecimento e, em busca da afirmação da identidade negra, no final do século XX, o movimento negro no Brasil, tomando como leitura os movimentos negros norte-americanos, passou a defender uma nova compreensão da identidade negra que incluiria não apenas os pretos, mas também os mestiços descendentes de pretos, mesmo que tivessem alguma ascendência europeia, ou seja, os pardos. Para o ativismo negro, entender pardos e pretos como negros foi uma qualificação política a fim de afirmar a identidade negra (MUNANGA, 2019).

Neste debate sobre a mestiçagem e o ser pardo, também há reflexões sobre o chamado colorismo. Alessandra Devulsky (2021) traz o debate do colorismo para pensar o racismo no Brasil. Ela argumenta que o colorismo não foi construído pelo negro, mas pelos brancos por

meio da miscigenação compulsória. Primeiramente por meio dos estupros feitos pelos homens brancos colonizadores às mulheres negras e também indígenas e depois pela política de incentivo à miscigenação para o branqueamento, no início do século XX.

Embora o colorismo possa ser visto por alguns como benéfico, por reiterar uma ideia de miscigenação da sociedade, isto se torna uma armadilha. Como destaca Devulsky (2021), o colorismo se trata de uma estratégia de opressão do racismo que produz uma hierarquização da população negra. Por meio do colorismo, o racismo opera vulnerabilizando e promovendo maiores restrições para as(os) negras(os) retintos. Isso não significa que os(as) negros(as) não retintos(as) não vivenciem o racismo ou que não sejam negros(as), mas que o colorismo os(as) posiciona de forma distinta dos(as) pretos(as).

Ao mesmo tempo, é importante entender que o colorismo não se restringe à cor. “Para além da pigmentação da pele, o colorismo leva em conta toda e qualquer marca de africanidade relevante na indicação de seu pertencimento não branco, hierarquizando os sujeitos de acordo com o número e a intensidade dessas características” (DEVULSKY, 2021, p. 44). Outras características compreendidas como negras, inclusive culturais, são utilizadas para hierarquizar a diversidade da população negra.

Combater o colorismo também se torna relevante a fim de não dividir a negritude, o que impactaria, inclusive, na luta antirracista. Há uma diversidade intragrupo na população negra que precisa ser considerado e isso não pode ser utilizado para impedir a construção coletiva do movimento.

Retomando as análises sobre a identificação de ser pardo, Safira Cyan e Lady Elza também se autorreconheceram como pardos por terem vivenciado o preconceito racial. No caso de Safira Cyan ocorreu quando foi rejeitado por um rapaz que havia conhecido virtualmente. Segundo ele, o rapaz desejava pessoas com cor mais branca do que a dele.

Por exemplo, teve uma pessoa que eu conheci que só gostava de pele branca, alva, aí tal, me conheceu tal, me viu por algumas fotos, aí teve aquele interesse inicial, mas aí quando me viu pessoalmente, viu que eu não era tão clarinho como algumas fotos mostravam. Aí a pessoa ficou desconfortável e... conversa vai, conversa vem, aí eu comecei a perceber que o padrão de pessoa que ele gostava, era de pessoas com pele bastante clara, alva. E foi algo que me incomodou muito, e me deixou um tanto abalado por dentro, porque depois eu virei amigo dessa pessoa (Safira Cyan, 32 anos, Salvador (BA), solteiro).

No caso de Lady Elza, ele foi abordado pelo funcionário de uma loja, que o questionou se havia mais alguém em sua companhia:

Apesar de que eu já vi na internet que o pardo é uma pessoa negra, e são um tipo subgrupo. [Pesquisador: Se você entrar em uma loja, você será visto como negro ou como branco?] Vou ser visto como uma pessoa negra, porque não sei se você viu que eu comentei lá no grupo. Certo dia, entrei em uma loja e a pessoa "funcionário da loja" ficou meio que me perseguindo, ficou tipo assim, meio que de vigília e observando. Até falou comigo assim [...], mas vi que não foi uma aproximação (...) como posso dizer [...] uma aproximação amigável. Da minha parte não vi como uma aproximação amigável. Ele estava duvidando de alguma coisa, perguntando se eu estava com alguém (Lady Elza, 25 anos, Redenção (CE), solteiro).

Diante do que trazemos para este debate, entendemos que identificar-se como pardo é reconhecer o pertencimento étnico-racial negro por meio das características fenotípicas, mas sobretudo, entender que ser pardo é não gozar dos privilégios estruturais simbólicos e materiais que os brancos usufruem. Então, não basta reconhecer-se por meio da aparência física, mas compreender como o racismo afeta o sujeito.

Safira Cyan e Lady Elza mencionaram, durante a entrevista que, de alguma forma, vivenciaram o racismo, consigo mesmo ou com familiares. Para nós, vivenciar o racismo é evidenciar o pertencimento étnico-racial negro, inclusive porque os brancos, além de não serem discriminados, se beneficiam do racismo.

Inclusive, Donizete nos disse que se reconhecia como pardo, mas, depois de presenciar uma situação de racismo com seu namorado negro, ao adentrarem separadamente em uma loja, ele notou que as pessoas o viam como branco, uma vez que não foi vítima de racismo.

O racismo é um fenômeno que visa a justificar a dominação étnico-racial dos brancos em relação aos outros grupos étnico-raciais, especialmente, os negros. Em seu livro “O que é racismo estrutural?”, Silvio Almeida (2019, p. 64) aborda tal fenômeno e afirma que: “A supremacia branca é uma forma de hegemonia, ou seja, uma forma de dominação que é exercida não apenas por exercício bruto do poder, pela força, mas também pela formação de consensos ideológicos”. No Brasil, as desigualdades, a violência e a discriminação racial são assimiladas como componentes da vida social.

Ancorada na ideia de democracia racial, a negação do racismo no Brasil constitui uma ferramenta racionalmente manipulada para a segregação de negros, ou seja, para a reprodução do próprio racismo, e para a perpetuação da desigualdade entre negros e brancos. “Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal” (SILVIO LUIZ ALMEIDA, 2019, p. 63).

Intensamente difundida, a ideia enganosa de que existe uma democracia racial, além de anular quaisquer ações de combate ao racismo e negar políticas de inclusão, tem como função manter a impunidade da violência étnico-racial:

O fato de uma parte expressiva da sociedade considerar ofensas raciais como “piadas”, como parte de um suposto espírito irreverente que grassa na cultura popular em virtude da democracia racial, é o tipo de argumento necessário para que o judiciário e o sistema de justiça em geral resistam em reconhecer casos de racismo, e que se considerem racionalmente neutros (ALMEIDA, 2019, p. 48).

Portanto, o racismo se constitui um valor eurocêntrico, entendido como universal, que atribui ao diverso o estatuto de inumano “(MUNIZ SODRÉ, 2018).

No Brasil, historicamente, o racismo constitui-se, de maneira singular porque não houve uma legitimação por parte do Estado, ou seja, ainda se nega, permanentemente que o racismo esteja impregnado no pensamento e nas práticas sociais e, portanto, nas próprias instituições do Estado (SCHUCMAN, 2014a).

Diante das informações apresentadas nesta primeira subseção de análise, percebemos que, com exceção de Vedete Champagne que, desde jovem se percebeu branco, os demais entrevistados tinham dificuldade em se identificar em relação às questões étnico-raciais.

No caso de Juraci e Donizete, reconhecer-se branco ocorreu mais por meio do outro, do que de si mesmo. Já Safira Cyan ainda tem dúvidas sobre ser branco e prefere se identificar como pardo. Os dois participantes que evidenciam ascendência negra, sendo que um deles vivenciou o racismo, foram Lady Elza e Goldiva.

Percebemos que reconhecer a branquitude, em nosso país, ainda é uma questão não enfrentada por boa parte dos brancos que, preferem não problematizar seus privilégios e as vantagens advindas do racismo.

Na seção seguinte, trataremos de como os participantes da pesquisa compreendem a intersecção entre a homossexualidade e as questões étnico-raciais, pensando esse lugar da branquitude.

3.2. Como os gays autorreconhecidos brancos percebem/lidam com o privilégio da branquitude?

Autoras e autores como Maria Aparecida da Silva Bento (2014a), Lia Vainer Shucman (2018) e Lourenço da Conceição Cardoso (2011; 2020) têm nos mostrado como a

branquitude apresenta vantagens estruturais materiais e simbólicas que possibilitam aos brancos ocuparem as posições mais privilegiadas na sociedade, sem que isso seja reconhecido como oriundo da hierarquização racial e, desta forma, mantendo a população negra em lugar de subordinação.

Entre os nossos seis entrevistados, somente Lady Elza, que se considera pardo, disse não se sentir privilegiado em nenhum aspecto:

Porque tudo o que eu tenho não foi cedido, fui eu que conquistei, nunca tive assim facilidade para ter, é mais questão financeira e por outros motivos, mas, assim, nunca tive privilégio em nada e nem facilidade em conquistar algo (Lady Elza, 25 anos, Redenção (CE), solteiro).

Pensando sobre os privilégios da branquitude, percebemos que dos nossos entrevistados, Vedete Champagne, Donizete, Safira Cyan e Juracy reconheceram alguma das vantagens materiais. Quanto ao privilégio socioeconômico, incluindo o de estudar em escolas particulares ou de não trabalhar quando estudava, trouxemos os relatos daqueles que reconheceram esta vantagem.

“Bom, eu tenho uma boa condição financeira, tenho acesso à internet, celular, TV por assinatura, tenho uma casa, tenho o que comer, tenho acesso aos estudos, tenho uma casa. [Pesquisador: Você é visto como nas ruas?]. Eu sou tímido, e me comunico com poucas pessoas, mas sempre falo com as pessoas. As pessoas, acho que me veem como classe média (Vedete Champagne, 21 anos, Aurelino Leal (BA), namorando).

Eu me considero um pouco privilegiado, por várias coisas, como por exemplo, de relacionamento, de moradia, de oportunidades de emprego, essas coisas. Oportunidade de educação. Eu tive muitas oportunidades, ao contrário de outras pessoas, como por exemplo, as pessoas negras. Eu, por exemplo, estudei em escola particular até o quinto ano. Portanto, existem muitas pessoas que nem têm a oportunidade de terminar o Ensino Médio, como as pessoas negras. Isso é cultural, os privilégios têm a ver com as questões raciais, onde os privilegiados são a maioria branca, cerca de apenas um por cento é de etnia negra (Juraci, 19 anos, Jequié (BA), solteiro).

Olha, eu já tive muitos privilégios, sabe! Eu acho que é importante que a gente saiba reconhecer esses privilégios. Durante minha graduação eu tive o privilégio de apenas estudar. E eu reconheço isso como um privilégio, e via muitos colegas meus que trabalhavam e estudavam. Aí por exemplo, em provas eu me saía bem, com notas maiores. Só que eu tinha o privilégio, a vantagem. O privilégio, ele conta mais como vantagem, a vantagem de apenas estudar. Não ter responsabilidades mais pesadas, compromissos (Safira Cyan, 32 anos, Salvador (BA), solteiro).

De acordo com Schucman (2012, p. 25): “diferentes pesquisas demonstram que há para os brancos mais facilidades no acesso à habitação, à hipoteca, à educação, à oportunidade de emprego e à transferência de riqueza herdada entre as gerações”.

Assim, o privilégio da branquitude se sustenta por meio da discriminação étnico-racial em que o branco é visto como superior, enquanto os demais estão subjugados a ele. Esse processo de hierarquização racial contribuiu para que os brancos operassem com o poder econômico, garantindo para eles, as vantagens financeiras.

No Brasil, a branquitude serviu-se da escravidão para perpetuar os seus privilégios, inclusive os econômicos, mas não se reconhecendo como descendentes de escravocratas. Como consequência, os brancos continuam tendo as melhores condições socioeconômicas, enquanto os negros vivem de subempregos e a maioria não consegue a garantia de conclusão de seus estudos.

Na verdade, o legado da escravidão para o branco é um assunto que o país não quer discutir, pois os brancos saíram da escravidão com uma herança simbólica e concreta extremamente positiva, fruto da apropriação do trabalho de quatro séculos de outro grupo (BENTO, 2014a, p. 30).

Em nosso país, a riqueza tem cor, ela é branca. Não trabalhar para estudar, por exemplo, ainda, é um privilégio de uma grande parte dos brancos, uma questão pouco problematizada em nosso país, enquanto a maioria dos negros têm dificuldades para finalizar as etapas básicas da educação.

Goldiva nos disse, durante a entrevista que, embora não tenha vivenciado situações de discriminação étnico-racial, compreende que por ter tido ascendência negra e, portanto, desprivilegiada das condições socioeconômicas, teve dificuldade para acessar uma educação de qualidade.

Há outros aspectos em que não me sinto privilegiado, como por exemplo, na questão de acesso a uma educação de qualidade, por ter vindo das raízes negras faço parte da classe econômica menos favorecida desse país, o que me faz acreditar que não tenho privilégio por isso. Não tive acesso a uma ascensão social em tempo hábil, isso se deve pelo fato de ter vindo de uma família negra que não teve acesso a uma formação educacional de qualidade, não eram pessoas de posses, não tinham nenhuma formação. Cheguei eu e aqui estou. Dessa forma, qualquer coisa que eu queira fazer, sempre vai ser difícil (Goldiva, 39 anos, Belo Jardim (PE), solteiro).

Ao mesmo tempo, Bento (2014a) também nos provoca a pensar que, mesmo quando o negro consegue ascender economicamente, ele sofre mais o racismo, pois a branquitude

também reitera que as classes mais altas são um mundo dos brancos e que os negros não devem acessar, não é o lugar deles. Segundo Cardoso (2018, p. 42): “[...] uma pessoa não se torna branca ao enriquecer, torna-se um “não branco” rico, ou “um negro rico”, se for o caso”.

Essa relação entre a questão étnico-racial e classe social levou Lady Elza a refletir sobre a distinção entre gays brancos e gays negros: *“Assim, pensando a questão da cor da pele e alguns atributos físicos, a diferença também está na localização, onde eles habitam. Os gays brancos moram lugares valorizados e os gays negros vivem em periferia/favela”* (Lady Elza, 25 anos, Redenção (CE), solteiro).

Ainda, a desigualdade social ligada ao aspecto étnico-racial é justificada por Lady Elza em termos históricos:

É uma condição que foi dada a eles a anos atrás. É algo que a mídia mostra com muita frequência, embora, onde eu moro, não tenha essa divisão. [...] Tipo assim, os brancos moram em condomínios, apartamentos de luxos, bem estruturados, têm oportunidade, um cargo bom e ganham bem. Os negros moram em lugares periféricos, são de classe baixa e recebem menos (Lady Elza, 25 anos, Redenção (CE), solteiro).

Segundo Schucman (2020), no Brasil, embora saibamos que os brancos vivem as melhores condições de vida em relação aos negros, não é interessante naturalizar que os negros moram em bairros periféricos e os brancos em bairros centrais e em condomínios com poder aquisitivo alto. Ainda, para a autora, a divisão dos espaços sociais legitima e naturaliza de tal forma essa ideia que os brancos e negros dificilmente enxergam a segregação racial.

Em relação ao privilégio de não ter vivenciado alguma situação de discriminação étnico-racial no que se refere, em especial, à entrada em estabelecimentos ou abordagem policial, Goldiva, Safira Cyan e Donizete apresentaram alguns relatos:

Sim, eu acabo sendo privilegiado. Parando pra pensar, eu nunca sofri, mesmo tendo uma raiz negra, nenhum constrangimento pelo tom da minha pele, e não tenho cabelo crespo. O privilégio que eu tenho é de ser mais claro, de nunca ter passado por nenhum constrangimento por conta da minha raiz étnica em relação ao racismo (Goldiva, 39 anos, Belo Jardim (PE), solteiro).

Aí quer ver mesmo, outros privilégios: eu nunca me senti incomodado de ser seguido ou perseguido dentro de uma loja sabe, eu nunca tive a preocupação que certas pessoas têm de por exemplo, adentrar em uma determinada loja, ou estabelecimento, e ter necessariamente comprar algo porque senão (...). Eu já tive privilégio de abordagens policiais, de os policiais olharem pra mim e dizer, deixa ele passar. Privilégios, diversas vezes, eu consegui adentrar em alguns espaços

com maior facilidade. Eu já tive diversos privilégios e querendo ou não, eu já tive diversos privilégios (Safira Cyan, 32 anos, Salvador (BA), solteiro).

Eu sinto [privilégio] por nunca ter tido problemas em relação à nada, nem entrada sabe, a relacionamentos, sabe! Eu nunca senti preconceito com relação a minha pele. [Pesquisador: Quando se fala em entrada, você se refere a que?]. Em relacionamento e ambientes (Donizete, 22 anos, Jequié (BA), solteiro).

Além de reconhecer que não vivenciou situações de racismo, Donizete mencionou como se deu conta de sua identidade étnico-racial e seu privilégio, quando seu namorado foi vítima de racismo.

Eu me considero privilegiado de uma certa forma. Já me relacionei com pessoas com tonalidade de pele mais escura que a minha, até então eu não entendia direito sobre o racismo, por que foi algo que eu nunca vivenciei, eu acho que só quem sabe é quem já sentiu na pele isso, entendeu? E no caso que eu vivenciei, eu estava namorando na época um rapaz e ele me disse que mesmo estando os dois bens vestido, eu conseguiria entrar numa determinada loja com a sacola e ele não. E na hora eu achei uma bobagem, rapaz, como é que você não vai conseguir entrar na loja só por causa disso? E aí entramos juntos, e aí eu entrei com a sacola e ele não. Ele foi barrado. Pediram pra ele guardar a sacola no guarda volume e eu consegui entrar livremente com a sacola. Por isso eu me sinto privilegiado nesse sentido, entendeu? (Donizete, 22 anos, Jequié (BA), solteiro).

Por que o branco não é barrado na entrada de um estabelecimento ou seguido por seguranças quando está em uma loja? Por que, nas poucas vezes que o branco é abordado pela polícia, esta abordagem é feita de forma não violenta?

Essas são perguntas importantes para pensarmos alguns privilégios simbólicos da branquitude. Sendo considerado o ideário e padrão normativo do que seja o humano, inclusive não racializado, o branco nunca é lido com desconfiança ou suspeita e, mesmo se for, o tratamento dado a ele é distinto de sujeitos de outros grupos étnico-raciais (CARDOSO, 2011). Neste processo de discriminação étnico-racial, há um silêncio em relação ao branco que o beneficia.

Como nos diz Bento (2014a, p. 33):

O silêncio, a omissão, a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil têm um forte componente narcísico, de autopreservação, porque vem acompanhado de um pesado investimento na colocação desse grupo como grupo de referência da condição humana.

Goldiva também disse em sua entrevista que,

As pessoas que têm a pele branca. Mesmo que elas tenham uma raiz negra, só pelo fato de terem a pele branca, elas não irão passar pelos constrangimentos que uma pessoa de pele retinta irá passar. Na escola, no mercado de trabalho, ela não irá passar pelos constrangimentos que uma pessoa negra retinta passa. Nós sabemos que nos grandes centros, por exemplo, nas entrevistas de empregos, em universidades também até onde sei, ainda se tem essa discriminação. E a pessoa negra, é muito difícil elas chegarem aos grandes cargos socialmente, e ainda que chegam não são tratados como os brancos. Ainda que possuam a mais alta qualificação uma situação econômica muito favorável, eles não fogem do racismo, da discriminação racial, da piadinha, da ideia de que é negro é isso, negro é aquilo, ou seja, das falas menosprezadas que são construídas socialmente. Foi negro por um determinado momento, vai passar por constrangimento. Até a palavra “denegrir”, graças a Deus, hoje nós não devemos mais usá-la. Porque até nas palavras nós agredimos a negritude (Goldiva, 39 anos, Belo Jardim (PE), solteiro).

Goldiva, Safira Cyan e Donizete têm o privilégio de entrar e sair dos lugares sem se sentirem desconfortáveis em relação à sua cor/raça/etnia, pois ser branco significa apresentar valores morais inquestionáveis como honestidade e integridade, não sendo compreendidos como suspeitos.

Analisamos que, diferente dos sujeitos de outros grupos étnico-raciais, o branco é protegido e blindado pelo racismo e, por isso, nunca o reconhece, insistindo que não há racismo no Brasil. Conforme nos relata Carone (2014, p. 23): “[...] a neutralidade de cor/raça protege o indivíduo branco do preconceito e da discriminação raciais na mesma medida em que a visibilidade aumentada do negro o torna um alvo preferencial de descargas de frustrações impostas pela vida social”.

Outro privilégio simbólico dos brancos, trazido por um dos participantes, diz sobre a maior facilidade que o gay branco tem em relação a se assumir e vivenciar a homossexualidade do que os gays de outros grupos étnicos, em especial, os negros. Durante a entrevista, Lady Elza nos disse que:

Porque eles [brancos] são mais aceitos do que os outros, no sentido de ter oportunidades, ter uma vida mais normal. Ele pode até sofrer discriminação por ser gay, mas, por ser branco não. Vai ser bem mais aceito, vai ter uma experiência de vida mais parecida como de uma pessoa hétero. Os gays negros são considerados abomináveis (Lady Elza, 25 anos, Redenção (CE), solteiro).

Este relato de Lady nos provoca a pensar como é lidar com a homossexualidade para os gays brancos? Embora a heteronormatividade e a homofobia atuem sobre todos os gays, arriscamos a pensar que, no contexto brasileiro, há distinções em termos étnico-raciais.

A homossexualidade é compreendida como menos problemática em se tratando dos brancos e, talvez até mais esperada para esses do que para os negros. A produção da hipervirilidade e da hipersexualidade no negro reitera a ideia de que este não pode ser gay, já que a produção da identidade gay foi associada a não virilidade e a passividade (PINHO, 2011b). No trabalho desenvolvido por Vitor Tadeu Nascimento Santos e Marcos Lopes de Souza (2022), o primeiro autor, gay e negro, relata o quanto teve dificuldades em lidar com a sua homossexualidade, pois, ouviu de sua família, especialmente, dos homens negros heterossexuais, que lá não havia preto viado, pois com isso estaria negando a raça, ou seja, indo contra a sua negritude.

Musskopf (2019), ao analisar experiências autobiográficas em relação à sua sexualidade e identidade étnico-racial, destaca que, por ser um homem branco, nomeado desde mais novo como “alemãozinho” e gay, a sua branquitude lhe conferia privilégios que gays com outros marcadores étnico-raciais não tinham. Mesmo sendo um gay branco de família pobre, a percepção social da branquitude, pautada também no privilégio simbólico, o garantiria ser bem tratado em diferentes instâncias sociais. E quando estava com outros grupos étnico-raciais não hegemônicos, a branquitude o colocava em um lugar de maior aceitação da sua sexualidade.

Na pesquisa, identificamos outros privilégios simbólicos dos gays brancos, como, por exemplo, a estética compreendida como padrão e ser desejado para além dos relacionamentos casuais. Desta maneira, na próxima subseção, faremos uma discussão sobre os efeitos da branquitude nos relacionamentos gays.

3.3. Como a branquitude opera na produção e vivência dos relacionamentos gays?

Como apresentado no capítulo dois desta dissertação, a comunidade gay tem utilizado os aplicativos e os grupos das redes sociais como espaços de construção de sociabilidades, envolvendo os relacionamentos sexuais, sejam eventuais ou não.

Autores como Couto, Souza e Nascimento (2013) destacam que esses aplicativos também externam a cultura do “hiperconsumismo”, mostrando os corpos de forma erotizada nos perfis, como mercadorias prontas para o consumo. Assim, os aplicativos não escapam de uma demanda atual que possibilita a visibilidade, o consumo e o prazer do gozo. Nesses aplicativos e nos grupos busca-se ser mais desejado possível pelos outros. Quanto mais desejado, mais chance de ter as relações sexuais, sejam pontuais ou não (PARANHOS; NERY, 2020).

Há aplicativos e grupos mais propícios para a pegação e, portanto, focalizados para o prazer rápido e passageiro e também aqueles em que se deseja construir relações com maior duração e vínculo afetivo. Não desejamos aqui hierarquizá-los, nem muito menos valorá-los. São formas de produção e vivência dos desejos singulares.

Sobre os aplicativos de relacionamentos como ferramenta para estabelecer relações com outros homens, durante a entrevista, Donizete disse:

Foi ali que eu pude me relacionar de fato. Foi ali que eu comecei me relacionar com outras pessoas. Meu primeiro beijo foi através desses aplicativos de relacionamentos (Donizete, 22 anos, Jequié (BA), solteiro).

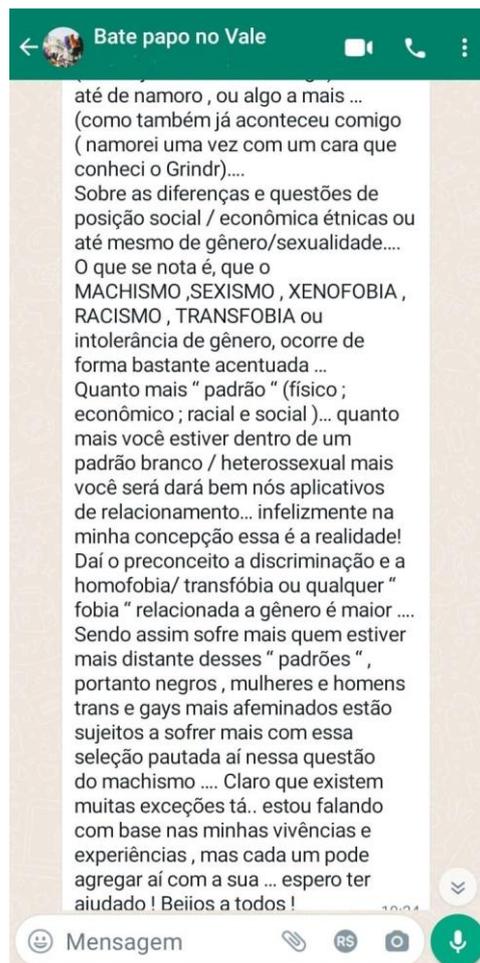
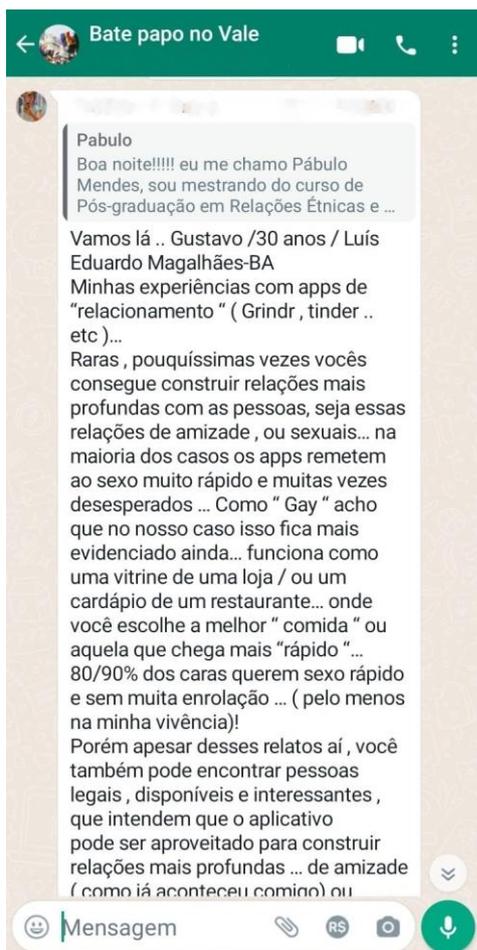
O relato de Donizete nos provoca a pensar o lugar que os aplicativos de relacionamentos têm para a comunidade gay, especialmente, para aqueles que estão em locais com poucos espaços de sociabilidade como boates, bares, saunas, cinemas etc. No caso de Donizete, que reside em Jequié (BA), nem sempre é possível a construção de relacionamentos sem a vivência de espaços de socialização como os aplicativos e grupos de relacionamentos, mesmo com uma maior visibilidade das sexualidades dissidentes, nos últimos anos.

Para muitos gays que vivem em regiões interioranas, onde há poucos ou nenhum espaços específicos para a comunidade LGBTTQIAPN+, os aplicativos de relacionamentos e os grupos de aplicativos de comunicação instantânea se constituem como locais de homosociabilidades, possibilitando a inclusão social de gays e bissexuais, estreitando laços de amizade e de relacionamentos afetivo-sexuais entre eles e, em alguns casos, se produzindo como ambientes com menor LGBTTQIAPN+fobias, diferente dos espaços públicos (PARANHOS; NERY, 2020).

Donizete também reconhece que, embora os aplicativos sejam interessantes e relevantes para os gays, há limitações.

É... vejo que muitas pessoas procuram, usam como se o aplicativo fosse uma vitrine. [...] Muitas estão ali pra sexo, sexo rápido. Cada aplicativo tem interação diferente, porém existem pessoas que buscam conversas e tudo mais, outras pessoas vão logo mandando nudes nesses aplicativos. Muitas pessoas acabam se machucando (Donizete, 22 anos, Jequié (BA), solteiro).

No grupo organizado no *WhatsApp*, Bate papo no Vale, no primeiro dia de diálogo (6 de julho de 2022), um dos participantes também trouxe reflexões como apresentado por Donizete. Após minha apresentação no grupo, ele se posicionou:



Podemos problematizar a fala de Donizete, na entrevista, e de Gustavo, no grupo do *WhatsApp*, nos questionando: como a comunidade gay lida com os aplicativos e grupos de relacionamento? Entendemos que há relações sexuais prazerosas e passageiras que, não se restringem apenas à comunidade gay e, que se constituem como uma dessas possibilidades de vivência dos desejos. Muitos homens heterossexuais também vivenciam relações sexuais casuais, contudo, não carregam o estigma de promiscuidade, como associado aos gays e bissexuais, por exemplo.

Tomando os escritos de Bauman (2013) como referências para esse debate, podemos entender que esses encontros casuais e passageiros fazem parte do “[...] líquido mundo moderno que detesta tudo o que é sólido e durável, tudo que não se ajusta ao uso instantâneo nem permite que se ponha fim ao esforço, tal perspectiva pode ser mais do que aquilo que estamos dispostos a exigir numa barganha (BAUMAN, 2013, p. 23).

Nesta perspectiva do relacionamento instável e momentâneo, há desejo e prazer insaciáveis, dando vontade de consumir mais e mais. Para Couto, Souza e Nascimento (2013, p. 8) “cada um exhibe, se vende e é consumido por ilimitadas pessoas nas redes e conexões”.

Então, essa prática nos faz refletir que os sujeitos podem tornar-se corpos desejáveis nas vitrines virtuais, prontos para o consumo insaciável dos desejos, a princípio, instáveis e rápidos.

No dia em que iniciou o Bate Papo no Vale, postei uma imagem com um questionamento.

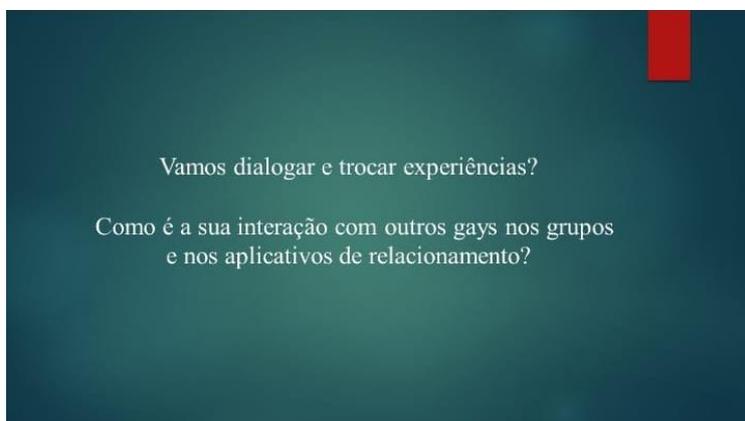
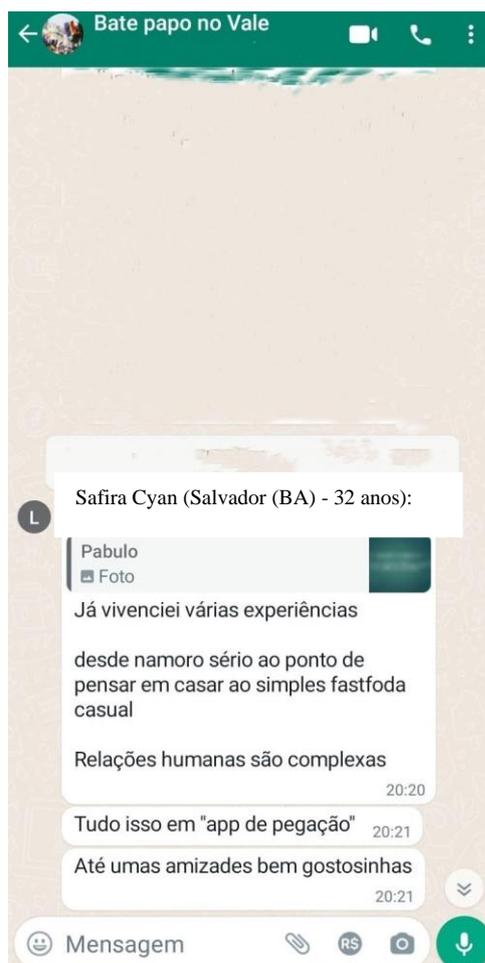
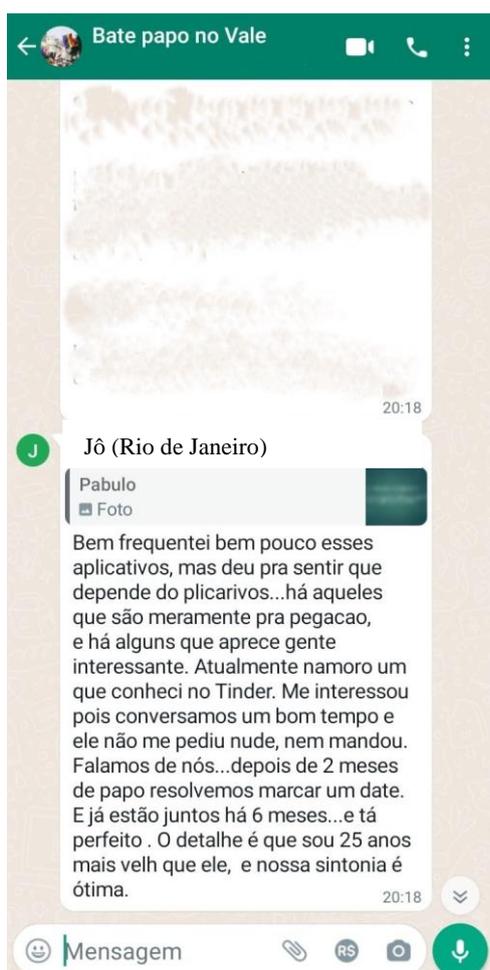
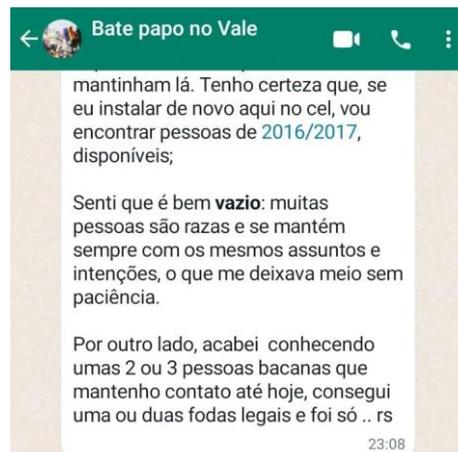
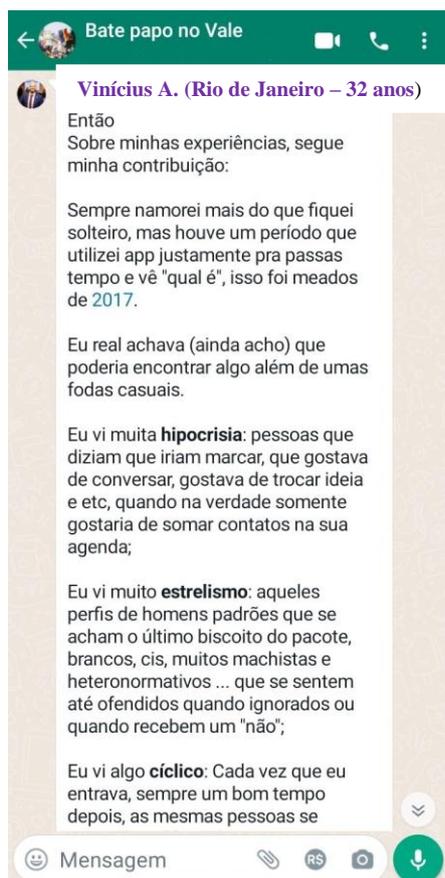


Figura 2 – Imagem postada pelo pesquisador no Grupo Bate Papo no Vale (06/07/22 – 20:13).

Alguns participantes se posicionaram diante da pergunta e trarei dois comentários para a discussão:



Ainda neste dia, outras pessoas entraram no grupo, se apresentaram e, mais tarde, houve outro comentário provocativo de Vinícius.



Os comentários trazidos por Jô, Safira Cyan e Vinícius apontam questões já trazidas sobre alguns aplicativos se constituírem como espaços para a procura de sexo casual, o que se constituiu como uma das formas de vivência das relações e que, nem por isso, deve ser desqualificada frente a outros modos de se relacionar.

Paranhos e Nery (2020) nos apontam que os aplicativos de relacionamentos, a princípio, foram produzidos em uma compreensão da “cultura de pegação” e, portanto, associados a construção de relacionamentos pautados em práticas sexuais rápidas e descompromissadas. Por outro lado, os próprios usuários ressignificam esses relacionamentos.

Assim, embora, nos aplicativos e grupos de *WhatsApp* e *Telegram* predominem relacionamentos pontuais, que não passam do primeiro encontro, nos próprios relatos dos participantes desta pesquisa também se percebeu a construção de outras relações como namoro, pluralizando os sentidos que a comunidade gay constrói sobre essas mídias sociais.

Além de serem vistos como uma ferramenta prática para os flertes, encontros casuais ou não e para socializarem os nudes, os aplicativos de relacionamentos também têm aproximado as pessoas que estão perto e longe, criando laços afetivos de amizades, por meio de contatos individuais ou até mesmo em grupos criados.

Entendemos que, às vezes, as redes sociais são usadas como diário público onde as pessoas contam sobre suas experiências, vivências, angústias, trocas de conselhos, fazem apelos/reclamações e dentre outros.

Os participantes também dialogaram sobre o padrão estético construído nos aplicativos, ressaltando que os gays mais próximos do modelo têm mais sucessos nesses aplicativos. Porém, também tem havido rupturas advindas dos gays mais jovens, especialmente, os que fogem dos padrões como os efeminados, gordos e negros.

No caso dos participantes que entrevistamos, estes associam o padrão estético branco europeizado como outro privilégio simbólico da branquitude. Schucman (2020) nos diz que a branquitude tem uma estética hipervalorizada, não porque seja a única existente no mundo, mas por se considerar a mais “bela”, tida como uma verdade absoluta, estabelecida por uma hierarquia acima dos não brancos.

Vedete Champagne e Goldiva ressaltam a questão de ser branco, ter olhos claros e ser magro ou malhado como características do gay desejado nos aplicativos de relacionamentos.

O gay branco e padrão, ele tem mais opções de pessoas, as pessoas desejam [...] também, pela aparência. [Pesquisador: Quem seriam esses gays padrão para você?] Pessoas magras, malhadas. (Vedete Champagne, 21 anos, Aurelino Leal (BA), namorando).

Eu acho que é o branco de olho claro, que é o estereótipo de beleza que temos na nossa sociedade, como uma construção cultural. Embora tenhamos a beleza negra, mas a beleza negra, ela ainda é muito incipiente na nossa mídia. Veja que no século XXI, a formação da nossa sociedade é mais midiática. No final do século XX e início do século XXI, quem formou a nossa opinião enquanto país, enquanto sociedade, foram as mídias, os canais de comunicação. Então é isso, essa ideia, do bom, do belo, é veiculada através das mídias, o que aparece aí é a beleza branca (Goldiva, 39 anos, Belo Jardim (PE), solteiro).

Lourenço Cardoso (2018) nos inquieta para pensar em como, na nossa sociedade, o corpo ainda permanece como um elemento importante para marcar a diferença étnico-racial. Nesta perspectiva, a branquitude também se manifesta na corporeidade dos brancos e vai para além da aparência física, pois se produz determinados valores e qualidades para esse corpo que não são atribuídos a outros.

A herança do colonialismo produziu uma determinada estética como desejável e bela e, com isso, marginalizou outras, constituindo-as em outro lugar como o de beleza exótica ou não belo. Schucman (2020) diz que há uma beleza hegemônica potencializada pelas diferentes instâncias sociais, um modelo de estética branca pautada em ter uma pele clara, cabelos lisos, especialmente, loiros, olhos claros e traços nomeados de afilados.

Safira Cyan e Lady Elza ressaltam que além de ser branco, o gay que performatiza o modelo masculino de virilidade e não efeminado, bem-sucedido no campo profissional e que tenha uma condição socioeconômica favorecida está mais próximo do que se compreende como um gay desejável para um relacionamento.

Para mim o perfil de gay que apresenta mais privilégio é o gay branco, é aquele o tipo padrão que é aquele modelo musculoso, que o pessoal chama de “Barbie” [...] aquele tipo de gay branco, com corpo de academia, que é o ativo, performance ativo, que tenha dinheiro, entendeu? (Safira Cyan, 32 anos, Salvador (BA), solteiro).

O que tem um comportamento heteronormativo, a pessoa bem-sucedida, independente financeiramente e branco, assim como eu vejo. [Pesquisador: Quando você fala de heteronormativo, em qual sentido você se refere?] Ele não apresenta características femininas. É aquele gay com jeito de hétero, mas é gay. Você acha que ele sempre vai ter mais privilégios? Ele vai ser mais aceito (Lady Elza, 25 anos, Redenção (CE), solteiro).

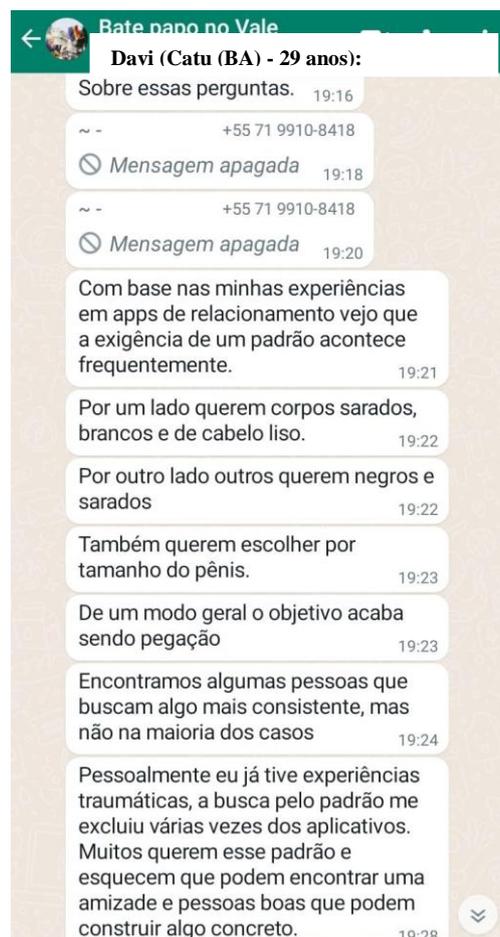
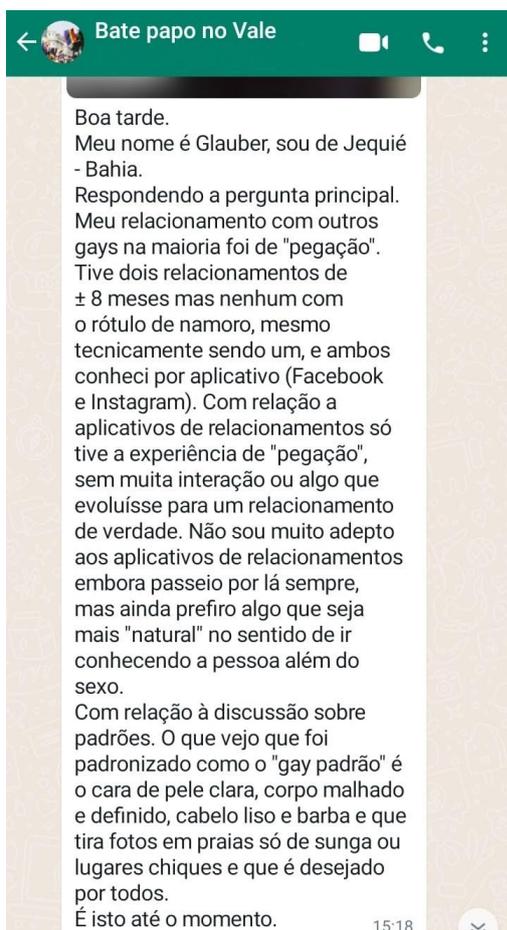
Na pesquisa feita por Keith Diego Kurashige (2015) com gays que se relacionam em salas de bate-papo, ele percebeu que há uma busca por homens brancos com condições socioeconômicas mais favorecidas. Também discutiu que, muitas vezes, os gays brancos escolhem os seus parceiros, enquanto os não brancos esperam ser escolhidos.

Nesse mesmo pensamento, para Juraci, os gays brancos são privilegiados por conta de uma cultura estética que valoriza a branquitude. Ele também resalta que, embora muitos gays façam críticas a esse padrão, são capturados por esse ideário:

Eu diria que apesar de que, as pessoas dizem que não querem ficar com os tais padrões, esses são o tipo de gays mais populares, os gays, que é branco, que vai na academia, que..., é basicamente isso. É todo malhado, sarado e não é afeminado e na sua maioria branca (Juraci, 19 anos, Jequié (BA), solteiro).

O relato de Juraci nos provoca a pensar que há um investimento permanente neste padrão de corpo, que o mantém como referência.

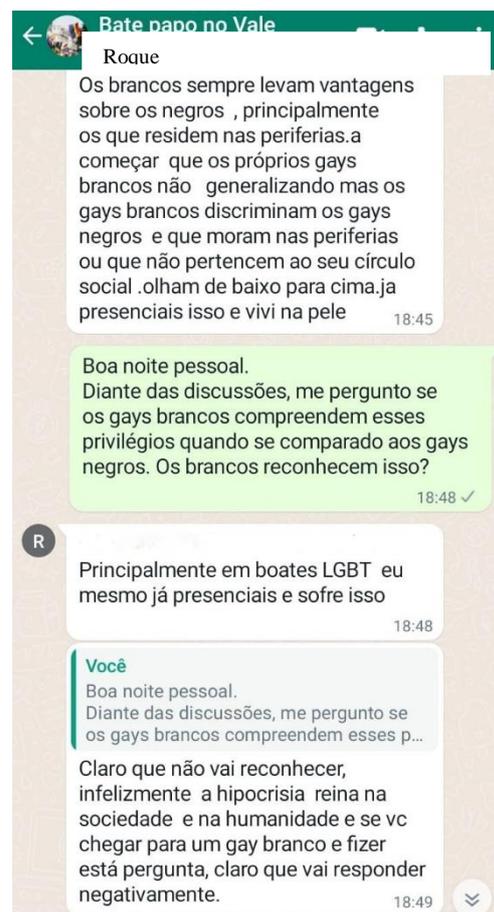
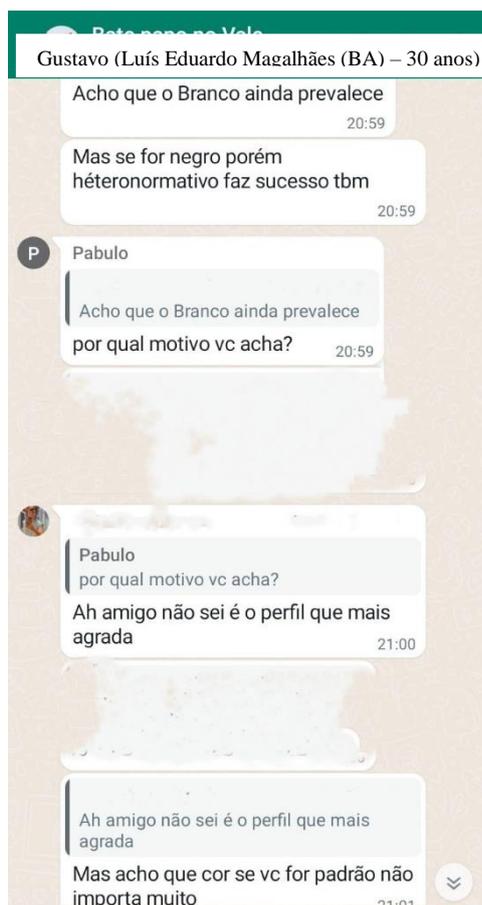
Traremos um trecho do grupo Bate papo no Vale, a fim de pensar mais sobre como os gays lidam com esse modelo estético tido como referência.



Uma das leituras que fazemos dos diálogos no grupo Bate papo no Vale é a de como a estética da branquitude é normalizada. Isso faz com que as pessoas sejam capturadas por uma beleza acentuada como padrão e nos leva a reiterar que os nossos desejos não são naturais, mas produzidos por meio dos investimentos feitos em determinados corpos, ao mesmo tempo, que produzimos outros como feios, anormais e indesejados.

Assim, compreendemos que apesar de alguns gays questionarem o padrão, há uma retroalimentação desses corpos, reforçando o desejo por aqueles que estão visivelmente expostos como belos, atrativos e sedutores.

No grupo Bate Papo do Vale houve outros comentários sobre os gays que estão em determinados lugares de privilégio.



Alguns dos participantes do Bate Papo do Vale, como Gustavo, entendem que, se porventura, o gay tenha uma estética padronizada, no caso, ser malhado e viril, aproximando-se de um padrão lido como heterossexual, a identidade étnico-racial interfere pouco, ou seja, apesar de ainda o branco ser a referência, quando o negro corresponde ao padrão heteronormativo, ele pode ser mais desejado.

Na etnografia virtual feita por Luiz Felipe Zago (2016), em um site de relacionamento gay – *Manhunt*, durante os anos de 2009 e 2012 e analisando 302 perfis que apresentavam imagens e textos, ele identificou que os usuários valorizam um corpo mostrável, geralmente, malhado/definido e viril, e que é autorizado a ser postado nos perfis, sem receio. Por outro lado, há corpos considerados indesejáveis e não exibíveis, geralmente, os gordos, velhos e afeminados. Estes corpos são lidos como desimportantes e não constroem a atração e o desejo dos gays cadastrados no site.

Paranhos e Nery (2020) ao entrevistarem vinte homens gays e bissexuais, usuários de aplicativos de relacionamentos (Grindr, Scruff e Hornet), na região do Recôncavo Baiano, perceberam que o homem desejável nos aplicativos é aquele que apresenta elementos da masculinidade hegemônica como a virilidade, pênis avantajado e a posição ativa na relação

sexual, mas não necessariamente branco. Inclusive, é possível desejar homens passivos, desde que sejam másculos.

Vedete Champagne, Donizete, Juraci e Safira Cyan reconheceram que, por serem brancos, geralmente, apresentam o privilégio estético e são, muitas vezes, mais preteridos para os relacionamentos.

Eu me sinto privilegiado, pois entre todos os meus amigos que tive, que conheceram alguns negros, que até na questão de sexo não consegue tantos parceiros, quanto eu consegui. Porque até eu não sendo padrão de beleza, mas eu ainda sou branco, e.. e tenho um certo corpo que torna um certo tipo de atrativo (Juraci, 19 anos, Jequié (BA), solteiro).

Porque assim, eu acabo tendo muitas características, que são muito desejáveis, sabe! Tipo, cara de novo, pele clarinha, sabe! E eu acabo despertando o interesse, a vontade, o desejo do outro. É... e tipo assim, as pessoas acabam chegando em mim, não esperando que eu vá agir de determinada maneira, eu ocupo um determinado papel, uma determinada função (Safira Cyan, 32 anos, Salvador (BA), solteiro).

Acho que sim. Por ser branco e por ser mais novo. Numa festa também. Você é um perfil de cara não afeminado... é. (Vedete Champagne, 21 anos, Aurelino Leal (BA), namorando).

Além de, de... quando era solteiro, recebia muitas mensagens, de pessoas me procurando e tudo mais... aí acredito que a cor da pele influencia muito nisso (Donizete, 22 anos, Jequié (BA), solteiro).

A estética branca é tida como ideário de beleza, contudo, ressaltamos, com base em Schucman (2014a) que para além da cor branca, há os traços e feições lidos como brancos que são desejáveis esteticamente e que, inclusive, são utilizados para nomear, por exemplo, negros como belos ou não.

Neste íterim nos questionamos: Todos brancos se encaixam nesse padrão de estética da branquitude? E quando o branco não apresenta os elementos pensados para uma estética padrão europeizada, ele continua sendo mais preterido que os gays de outros grupos étnico-raciais?

Ser afeminado, delicado e passivo sexualmente são características indesejadas e desvalorizadas por boa parte dos gays e bissexuais que acessam aos aplicativos de relacionamentos e grupos de *WhatsApp* e *Telegram*. Há uma abjeção e violência em relação aos afeminados marcada pela bloqueamento do perfil e interrupção das interações, justificada, inclusive por uma suposta naturalização do desejo. São vários perfis que

expressam sua não preferência por gays femininos, ressaltando não terem nada contra os afeminados, mas que não os curtem por uma questão de gosto. Os afeminados são constituídos no lugar do insuportável (PARANHOS; NERY, 2020; FELIPE; TAKARA, 2018).

Ainda nesta discussão sobre a estética da branquitude e os relacionamentos, Juraci entende que há uma distinção entre negros e brancos em relacionamentos gays:

Na minha opinião, pessoas negras têm com certeza uma dificuldade maior em conseguir relacionamento, pois tem que ter muito mais requisitos para conseguir um parceiro, tipo: peso, musculatura, beleza, entre outros... O que acaba tornando bem mais complicado arrumar um parceiro, que pode só querer pelo tamanho do seu membro, e é o que também pode ser pensado por quem ver o relacionamento de fora (Juraci, 19 anos, Jequié (BA), solteiro).

[...] o que mais pesa para o homem gay negro, é que é negado muitas coisas... O racismo acaba animalizando o homem negro. [...] O homem negro gay, sempre vai ter que ser visto como o forte, malhado, que tem o “pirocão”. Porque, geralmente, o afeto acaba se resumindo a relações sexuais, no caso, além da animalização, a objetificação do corpo do homem negro gay. O homem gay branco, independentemente de ele ser ativo ou passivo, de ter um corpo escultural ou não, ele sempre vai ser um objeto de desejo. Enquanto o homem negro [...] precisa atender a um padrão, um papel, de ser o musculoso, o forte, ter a “piroca” grande, de ser o animal, que faz horas de sexos e sexo sem parar. E tudo tem a raiz fixada no racismo que reduz o homem negro gay a um pênis e a um desempenho sexual (Safira Cyan, 32 anos, Salvador (BA), solteiro).

Juraci e Safira Cyan trazem questões relevantes para se pensar na produção do negro em relação à estética da branquitude. Diante da objetificação e hipersexualização construída para o corpo negro, no caso dos gays, há uma busca para que o gay negro desejado coadune com esse estereótipo, assim, quando o negro tem pau grande, é ativo, viril, malhado e bom na cama, é mais desejado pelos gays, especialmente, os brancos. No caso dos brancos, embora também se construa uma estética hegemônica branca, não se cobra dele, do mesmo jeito que para os negros, ou seja, ter uma piroca grande, ser masculinizado e ativo.

Nessa mesma linha, Goldiva menciona a ideia de fetiche associada aos corpos negros

Eu acho que as pessoas vão para o lado do fetiche. As questões da fetichização do corpo negro. Que o branco vai estar com o negro porque o negro é um fetiche para ele. e nunca o objeto do seu amor, não vou colocar com um alvo. As pessoas não vão imaginar que o negro é o alvo do afeto do cara branco, sabe? (Goldiva, 39 anos, Belo Jardim (PE), solteiro).

Ainda, a propósito da erotização, Goldiva completa:

A ideia colonial de que aquele corpo negro me pertence, ou seja, eu não gosto, ele é feio, é sujo, mas é o meu objeto de prazer. Ele não serve para ser apresentado para meus amigos, para a minha família, mas serve para o meu sexo serve (Goldiva, 39 anos, Belo Jardim (PE), solteiro).

A construção do homem negro como um objeto sexual, um fetiche erótico e, portanto, reduzido à genitália é discutido por Franz

(2008), em *Peles negras, máscaras brancas*. A animalização do homem negro o produziu como aquele que é reconhecido pelo tamanho do pênis e pela potência sexual exacerbada que, inclusive, em determinadas circunstâncias, é lido como tendo um instinto sexual incontrolável. Conforme Fanon (2008, p. 152): “Para a maioria dos brancos, o negro representa o instituto sexual (não educado). O preto encarna a potência genital acima da moral e das interdições”.

A compreensão do corpo negro como viril, dotado, dominador e violento o constitui em um lugar não humano, de selvageria, animalidade e, portanto, torna-se um fetichização. Ao produzi-lo desta forma, o colonizador o desumanizou, retirando dele o direito aos sentimentos, a amar e ser amado. Ele é reduzido ao falo (FELIPE; TAKARA, 2018).

Ao analisar os perfis de usuários autoidentificados como negros nos apps de relacionamentos gays (Grindr e Scruff) em uma localidade interiorana do Paraná, Felipe e Takara (2018) destacam que os corpos negros são associados ao ser másculo, dotado, dominador e praticar o sexo selvagem. Esses perfis reiteram uma lógica de associação das masculinidades negras a uma virilidade e a uma pulsão sexual incontrolável. A produção dessas masculinidades negras nos perfis dos aplicativos pode estar relacionada à busca de um corpo atraente para ser consumido e à fuga das representações indesejáveis, dos corpos que não importam, especialmente, afeminados, negros, passivos e gordos.

Nas análises das entrevistas percebeu-se que a produção do racismo nas vivências dos relacionamentos conferiu o privilégio do branco em ser visto como aquele que se assume para ter uma relação estável e mais duradoura, com maior afetuosidade, inclusive de ser apresentado à família, o que nem sempre acontece com o negro. Donizete e Vedete apontam elementos para esta discussão.

“Porque a sociedade sempre vai enxergar o branco como se fosse para casar, e o negro como um passa tempo, uma diversão” (Vedete Champagne, 21 anos, Aurelino Leal (BA), namorando).

Em se tratando de relacionamento, eu acho que justamente que gays procuram mais as pessoas brancas pelo menos no meu ponto de vista, é... por experiências próprias, de conviver com pessoas que ficavam com pessoas negras, mas não queriam assumir... já aconteceu também, eu já presenciei isso, por isso que eu acho que os brancos têm mais privilégios que os negros (Donizete, 22 anos, Jequié (BA), solteiro).

A branquitude também opera nas vivências das homossexualidades, produzindo uma objeção em expor relacionamentos estáveis com homens negros. Donizete já presenciou episódios de racismo, quando um amigo branco se envolveu numa relação com um rapaz negro:

É... meu amigo, ele possui uma família extremamente preconceituosa, tanto com relação à sexualidade dele, quanto aos relacionamentos dele. Só que também a família também é muito racista. Então, ele tinha ficado com um gay, ele gostava muito, porém ele não assumia pelo fato da cor do menino (Donizete, 22 anos, Jequié (BA), solteiro).

O racismo também construtor dos relacionamentos gays atua de maneira que os relacionamentos homossexuais com negros sejam, em geral, ocultados.

Ainda nas análises das entrevistas, Safira Cyan traz outra estratégia do racismo que opera em gays negros, muitos desses nem percebendo essas situações.

[...] muitos gays negros acabam tendo namorados brancos por questão de validação, questão de serem mais bem vistos na sociedade, questão cultural, que assim... o Brasil foi bastante criado essa questão da miscigenação racial, com a influência forçada de relacionamento de brancos com negros. (Safira Cyan, 32 anos, Salvador (BA), solteiro).

O ideário do branqueamento, já discutido em outros momentos do texto, também opera nos relacionamentos gays e, em alguns casos, os negros gays buscam relacionamentos com os brancos para que tenham alguma validação social, o que, por outro lado, não é garantido, já que o racismo continua operando. O gay branco, por sua vez, por estar no lugar de privilegiado, não precisa de nenhuma validação social na produção dos seus relacionamentos.

Lady Elza trouxe outra questão relevante para o debate sobre branquitude e os relacionamentos gays.

[...] é o costumeiro que se vê. O negro é uma pessoa à margem, nem sempre tem uma condição financeira boa e estável. Se o negro estiver com o cara branco, vão dizer que é por causa da condição financeira, é essa lógica (Lady Elza, 25 anos, Redenção (CE), solteiro).

O estereótipo do negro como aquele que é de classe popular e sem condições financeiras estáveis é ainda presente nas relações sociais, inclusive, entre os gays. Desta forma, o gay negro, quando se relaciona com um branco de classe média ou alta, geralmente, é lido como aquele que está com algum interesse econômico, colocando-se em xeque ou sempre duvidando do envolvimento amoroso. Já o branco tem o privilégio de, poucas vezes ser questionado neste sentido.

QUAIS OS RASTROS DEIXADOS PELA PESQUISA? QUE NOVAS QUESTÕES SE ABREM COM ESTE TRABALHO?

O conceito de branquitude refere-se ao conjunto de características, privilégios e significados associados à categoria étnico-racial branca em determinada sociedade. É importante ressaltar que ser branco não é apenas uma questão de cor da pele, mas uma identidade construída em oposição a outras. Essa construção influencia a percepção do mundo, a formação de valores e o posicionamento nas estruturas sociais.

A branquitude é uma construção social complexa que influencia a percepção de si mesmo e do outro, moldando as relações étnicas-raciais em uma sociedade.

De acordo com o resultado da pesquisa, compreendemos que os gays brancos carregam consigo uma série de privilégios e vantagens que são, muitas vezes, invisíveis para quem os possui. Esses privilégios se manifestam em diversos aspectos da vida, como no acesso a oportunidades educacionais, profissionais, representatividade nos meios de comunicação, relacionamento, tratamento diferenciado pelas instituições, menor suscetibilidade à violência policial, entre outros.

Desconstruir a branquitude não significa negar a própria identidade, mas reconhecer os seus privilégios e trabalhar para o fim deles, inclusive, contestando os estereótipos e preconceitos étnico-raciais fixados na sociedade. A importância da desconstrução da branquitude é essencial para combater o racismo sistêmico/estrutural e construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Assim como em outros grupos sociais, na comunidade gay há desigualdades relacionadas à etnia/raça, e não é diferente nos aplicativos/grupos de relacionamentos homossexuais, onde as preferências étnico-raciais influenciam nas interações (bate-papo, sexo e namoro), principalmente, com base nos estereótipos físicos e sexuais. Nas discussões em volta do homem branco gay destaca-se a importância de reconhecer essas desigualdades e nos leva a repensar sobre o lugar de uma comunidade mais inclusiva, onde todas as vozes e vivências possam ser reconhecidas sem a hierarquização étnico-racial.

Quando se tratam de relacionamentos gays, a branquitude pode afetá-los de várias maneiras. Homens brancos gays podem experimentar menor discriminação em comparação com homens negros gays devido ao privilégio branco. Isso cria desigualdades nos relacionamentos gays.

A forma como os gays autorreconhecidos brancos lidam com o privilégio branco pode variar de pessoa para pessoa. No entanto, muitos deles enfrentam questões semelhantes àqueles que não são gays e são brancos quando se trata de lidar com o privilégio branco. Portanto, o não reconhecimento da branquitude pode dificultar o reconhecimento e o entendimento das suas vantagens sociais que gays de outros grupos étnico-raciais não têm.

Os privilégios também se dão em virtude da estética da branquitude, embora a atração também seja subjetiva e varie de pessoa para pessoa. Em aplicativos de namoro ou relacionamento gays, há um padrão de beleza constituindo aqueles homens gays considerados "indesejados" ou "desejados". A preferência e a atração são influenciadas por uma série de fatores pessoais, culturais, econômicas e individuais, não sendo, portanto, algo fixo e determinado.

No entanto, é importante reconhecer que, como em qualquer contexto social, aplicativos de relacionamentos gays podem refletir ou amplificar preconceitos e estereótipos. Alguns homens gays podem enfrentar discriminação ou estigmatização com base em características como idade, raça/etnia, aparência física, deficiência ou status socioeconômico.

Uma das questões operantes nesses aplicativos e grupos de relacionamento diz respeito à estética desejável. Assim, o corpo marcado pela cor branca, cabelos lisos e louros, olhos claros (verdes ou azuis), másculo, viril, malhado/musculoso e ativo, se aproximando daquilo se lê como cisheteronormativo, ainda é construído como o mais desejável para a comunidade gay e, quanto mais se distancia disso, sobretudo, sendo preto, efeminado, gordo e passivo, em geral, é menos desejado e, portanto, nem sempre sendo correspondido.

Nesta pesquisa também pudemos dialogar sobre outros privilégios da branquitude expressos nos relacionamentos gays mais estáveis, como ser assumido e reconhecido pela família e amigos(as) do companheiro; não necessitar de uma validação social na construção dos relacionamentos e não ser caracterizado como aquele que tem interesse econômico na relação.

Ressalto que realizar esta pesquisa não foi fácil, sobretudo porque discutir a identidade étnico-racial branca ainda é desafiador, já que muitos não se reconhecem como tais, inclusive porque se identificar como branco também é perceber que se tem privilégios em relação a outros grupos étnico-raciais. Nos grupos de relacionamento que busquei, antes de criar um espaço para o diálogo, percebi que as questões étnico-raciais não eram destacadas, como se fossem irrelevantes, sabendo que não é bem assim, já que nosso país foi estruturado por meio do racismo que garantiu privilégio ao grupo étnico-racial do colonizador, ou seja, os brancos de ascendência europeia.

Mesmo com a realização desta pesquisa, algumas questões ainda me inquietam, sobretudo pensando em gays brancos com outros marcadores sociais. Perguntas ainda em aberto: Como os gays brancos (interseccionados com outros marcadores sociais) lidam com o privilégio da branquitude nas relações afetivo e sexuais, sejam casuais ou mais duradouras? Quais estratégias utilizadas por gays de outros grupos étnico-raciais, como negros, indígenas, ciganos, quilombolas, para enfrentarem os mecanismos da branquitude? Essas e outras questões podem ser revisitadas para o desenvolvimento de novas investigações no campo dos estudos das sexualidades e as relações étnico-raciais.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Márcia Adriana Brasil; GONÇALVES, Josiane Peres. Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e propostas. **Revista Conhecimento Online**, v. 1, p. 36-44, 2017.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALENCAR, V. L. O. Identidades e imaginários em aplicativos de encontros gays. *In*: FERRARI, A.; CASTRO, R. P. (orgs.). **VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO: ABEH e a construção de um campo de Pesquisa e Conhecimento: desafios e potencialidades de nos re-inventarmos** [Livro eletrônico]. Campina Grande: Realize Editora, 2017, p. 46-53.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BASTOS, G. G. **Os sujeitos gays nas tramas da(s) rede(s): um discurso sobre os aplicativos de relacionamento**. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2013.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In*: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes Limitadas, 2014a, p. 28-63.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. Branquitude - o lado oculto do discurso sobre o negro. *In*: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes Limitadas, 2014b, p. 168-186.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. Notas sobre a branquitude nas instituições. *In*: SILVA, Maria Lucia; FARIAS, Marcio; OCARIZ, Maria Cristina; STIEL NETO, Augusto (orgs.). **Violência e sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro**. São Paulo: Escuta, 2018, p.115-136.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. IBGE. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. 2 ed, n.48. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101972>. Acesso em: 10 set. 2023.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 11-33.

CARDOSO, Lourenço da Conceição. O branco-objeto: o movimento negro situando a branquitude. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.** Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 81-93, jan./jun. 2011.

CARDOSO, Lourenço da Conceição. O modo de pensar da razão dual racial: a branquitude e o mestiço-lacuna. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, PE, ano I, v.1, nº 2, p. 33-48, mai./ago. 2018.

CARDOSO, Lourenço da Conceição. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto científico tradicional**. A branquitude acadêmica, v. 2. Curitiba: Appris, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARONE, Iray. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes Limitadas, 2014, p. 15-27.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes Limitadas, 2014.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282, 2013.

COSTA, Ana Maria Nicolaci da; DIAS, Daniela Romão; DI LUCCIO, Flávia. Uso de entrevistas on-line no método de explicitação do discurso subjacente (MEDS). **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 22, p. 36-43, 2009.

COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

COSTA; V. P.; CRUZ, J. L. M. Gaydárpio: estigmatização de corpos no aplicativo *Grindr*. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 20., 2018, Campo Grande, MS. **Anais eletrônicos [...]**. Campo Grande: INTERCOM, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2018/resumos/R61-0283-1.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2021.

COUTO, E. S.; SOUZA, J. D. F.; NASCIMENTO, S. P. Grindr e Scruff: amor e sexo na cibercultura. In: SIMPÓSIO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS E SOCIABILIDADE, 3., 2013, Salvador, BA. **Anais eletrônicos [...]**. Salvador: GITS, 2013. Disponível em: http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/13n1_grindr_49464.pdf. Acesso em: 02 jul. 2021.

CRUZ, M. S. Masculinidades e discrição em aplicativo de relacionamento: discursos sobre identidades homossexuais masculinas. **Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem**, v. 2, n. 2, p. 1-19, 2020.

CERQUEIRA, Daniel Atlas da Violência 2021 / Daniel Cerqueira et al., — São Paulo: FBSP, 2021. Inclui Bibliografia. 1. Violência. 2. Segurança Pública. 3. Políticas Públicas. 4. Brasil. Disponível em: file:///C:/Users/Pabulo/Downloads/Atlas%20da%20viol%C3%Aancia%20-%202021.pdf. Acesso em: 09 de Jul.2023.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Por que a arte-educação?** 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FELIPE, Delton Aparecido; TAKARA, Samilo. Corpos Negros nos Aplicativos de relacionamento gays: entre discursos, dinâmicas e subjetivações. In: GENÚ, M.; ABREU, M. P.; TEIXEIRA, C. L. (orgs.). **Práticas corporais, cultura e diversidade**. 3. ed. Belém: Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade Estadual do Pará, 2018, p. 75-92.

FRAGOSO, P. A. D. Enquadramento de corpos desmembrados e autoapresentados em perfis de aplicativos móveis para relacionamentos gays. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., MUNDO DAS MULHERES, 13., 2017, Florianópolis, SC. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em:

http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498861040_ARQUIVO_PAULOFRAGOSO-Enquadramentodecorposdesmembradoeautoapresentadosemperfisdeaplicativosmoveispararelacionamentosgays.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

FRITZEM, Celdon; MOREIRA Janine. **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papirus, 2008. (Coleção Ágere).

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. **Novos estudos CEBRAP**, n. 43, p. 26-44, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HERDERSON; Alexandre; FERNADES, Filipe. **Jovem que foi agredido e ameaçado com arma em shopping do Rio diz que 'chorou muito'**; mãe fala em racismo. G1.globo.com/Rj, 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/07/jovem-que-foi-agredido-e-ameacado-com-arma-em-shopping-do-rio-diz-que-chorou-muito-mae-fala-em-racismo.ghtml>. Acesso em: 01/10/2020.

KURASHIGE, Keith Diego. O desejo pela branquitude e o fantasma das diferenças raciais: negociações das diferenças a partir do uso dos bate-papos na cidade de São Carlos. **NORUS - Novos Rumos Sociológicos**, v. 3, n. 3, p. 20-50, 2015.

- LABORNE, Ana Amélia de Paula. Branquitude, colonialismo e poder: a produção do conhecimento acadêmico no contexto brasileiro. In: MÜLLER, Tânia M. P.; CARDOSO, Lourenço (orgs.). **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017, p. 91-105.
- LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever. **Educação, sociedade & Cultura**, nº. 25, p. 235-245, 2007.
- MELO, T. B.; SANTOS, M. H. “Macho discreto”: heteronormatividade, identidades silenciadas e representações (homos)sexuais nos perfis do aplicativo de relacionamentos Grindr. **Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras**, v. 16, n. 2, p. 76-98, jul./dez., 2020.
- MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Pesquisa qualitativa online utilizando a etnografia virtual. **Revista Teias**, v. 13, n. 30, p. 169-183, set./dez., 2012.
- MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. Modos de ver e se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 23-44.
- MEYER, Dagmar Estermann Meyer; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou *Sobre como fazemos* nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann Meyer; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologia de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições 2012, p. 15-22.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.
- MISKOLCI, Richard. Estranhos no paraíso: notas sobre os usos de aplicativos de busca de parceiros sexuais em San Francisco. **Cadernos Pagu** [online], n. 47, e164711, 2016.
- MÜLLER, Tânia M. P.; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017.
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira)**, UFF, Rio de Janeiro, n. 5, p. 15-34, 2004a.
- MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 18, n. 50, p. 51-66, 2004b.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MUSSKOPF, A. S. Interrogando a branquitude: experiências formadoras em raça, etnia, religião e sexualidade de um garoto branco, cristão e gay. **Momento - Diálogos em Educação**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 208–229, 2019. DOI: 10.14295/momento.v28i1.8752.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Editora Perspectiva SA, 2016.

OLIVEIRA, Marcos Irondes Coelho de. **Identidade sexuais em “sigilo”**: aplicativos de relacionamentos online e suas opressões interseccionadas de gênero-religião-família-cultura-educação. 2018. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação). Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO, 2018.

PADILHA, Felipe André. **Entre macacos velhos e queerpiras**: uma etnografia por entre as interfaces dos aplicativos de busca por parceiros online no interior paulista. 2019. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2019.

PAIXÃO, Marcelo; CARVANO, Luiz Marcelo Ferreira. Censo e Demografia. A variável cor ou raça no interior dos sistemas censitários brasileiros. *In*: PINHO, Osmundo; SANSONE, Lívio (orgs). **Raça**: novas perspectivas antropológicas [online]. 2 ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 25-61.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. *In*: MEYER, Dagmar Estermann Meyer; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologia de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições 2012, p. 23-45.

PARANHOS, M. A. O.; NERY, M. S. S. Os usos sociais dos aplicativos de relacionamento: intersecções entre gênero, sexualidade e raça no Recôncavo Baiano. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 6, n. 04, p. 200-227, out./dez., 2020.

PASSOS, Ana Helena Ithamar. **Um estudo sobre branquitude no contexto de reconfiguração das relações raciais no Brasil, 2003- 2013**. 2013. Tese (Doutorado em Serviço Social). Departamento de Serviço Social do Centro de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2013.

PEREIRA, Samira Cristina Silva; MENDES, Sérgio Procópio Carmona. Um debate sobre o campo online e a etnografia virtual. **TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 21, p. 196-212, jan./jun., 2020.

PINHO, Osmundo de Araújo. Qual é a identidade do homem negro? **Democracia Viva**. Rio de Janeiro, p. 64-69, 2004.

PINHO, Osmundo. Relações raciais e sexualidade. *In*: PINHO, Osmundo; SANSONE, Lívio (orgs). **Raça**: novas perspectivas antropológicas [online]. 2 ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 257-283.

PINHO, Osmundo. Heróis ultramodernos: raça, gênero e modernização desigual na periferia do Rio de Janeiro. *In*: HERINGER, Rosana; PINHO, Osmundo (orgs.). **Afro Rio século XXI: modernidade e relações raciais no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011a, p. 167-243.

PINHO, Osmundo. Desejo e poder: racismo e violência estrutural em comunidades homossexuais. In: CÁCERES, Carlos F.; MOGOLLÓN, María Esther; PÉREZ-LUNA, Griselda; OLIVOS, Fernando. **Sexualidad, Ciudadanía y Derechos Humanos en América Latina: un quinquenio de aportes regionales al debate y la reflexión**. Lima: IESSDEH, UPCH, 2011b, p. 121-124. Disponível em:

<http://www.iessdeh.org/usuario/ftp/integrado1.pdf>. Acesso em 05 jan. de 2023.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FERNART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras**. Tradução Elcio Fernandes. – 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ROCHA, D.; COELHO, M. I. Manda nudes: os *crushs* gays nos aplicativos *fast* foda de relacionamentos. **Revista Unilab**, v. 1, n. 04, p. 5-17, out./dez., 2018.

ROSA, F. M. **Não existe amor em app?** Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 2017.

SANTOS, D. C. “**Mas e você, tá a fim de que?!**”. Encenando no *grindr* e *hornet*: análise da sociabilidade masculina na rede dos aplicativos. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, Vitor Tadeu Nascimento; SOUZA, Marcos Lopes de. “Você estava queimando o filme dele, por ele ser branco e bonito e você ser negro e feio”: a reiteração dos discursos etnocêntricos, racistas e homofóbicos frente às homossexualidades negras. In: REIS, Alessandra Crystian Engles dos; SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari; MARTELLI, Andréa Cristina; GARCIA, Dantielli Assumpção; MOLINA, Luana Pagano Peres; CONTERNO, Solange de Fátima Reis (orgs.). **Diálogos pedagógicos: sexualidade, gênero e formação docente**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 133-150.

SANTOS, E. S. VIEIRA, M. C. As experiências afeto-sexual na contemporaneidade. In: ENCONTRO DE ANTROPOLOGIA VISUAL DA AMÉRICA AMAZÔNICA, 3., 2018, Belém, PA. **Anais eletrônicos** [...]. Belém: UFPA, 2018. Disponível em: <http://www.evaam.com.br/2018/anais/index.html>. Acesso em: 29 jun. 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo":** raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 83-94, 2014a.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 6, n. 13, p. 134-147, 2014b.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Branquitude e privilégio. In: SILVA, Maria Lucia; FARIAS, Marcio; OCARIZ, Maria Cristina; STIEL NETO, Augusto (orgs.). **Violência e sociedade: o**

racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro. São Paulo: Escuta, 2018, p.137-150.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Veneta, 2020.

SODRÉ, Muniz. Uma lógica perversa de lugar. **Revista Eco-Pós**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 9-16, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O Adeus às metanarrativas educacionais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 247-258.

SILVA, V. N.; PAIVA, S. R. O. A construção do corpo masculino como objeto de consumo e identidade gay através do aplicativo Grindr. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 20., 2018, Juazeiro, BA. **Anais eletrônicos** [...]. Juazeiro: INTERCOM, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0006-1.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2021.

SOARES, Samara Sousa Diniz; STENGEL, Márcia. Netnografia e a pesquisa científica na internet. **Psicologia USP**, v. 32, p. 1-11, 2021.

SOUZA, Rolf Malungo de. As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Fórum Identidades**, v. 6, p. 98-115, 2009.

SOUZA, Rolf Malungo de. Falomaquia: Homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. **Antropolítica -Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 34, 2014.

SOUZA, A. R.; SANTOS JUNIOR, F. J. N.; MOTA, T. N. Expressões de Masculinidades de Homens Usuários do Aplicativo Grindr. **Cadernos de gênero e diversidade**, v. 6, n. 03, p. 57-75, jul./set., 2020.

VASCONCELLOS, Marcelo Simão de; ARAÚJO, Inesita Soares de. Usos da etnografia em mundos virtuais baseados na imagem. **RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 75-85, jun., 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 23-38.

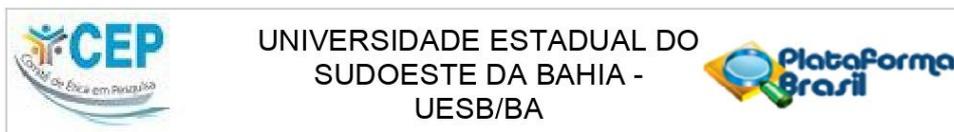
VICENTE, André Luíz Coutinho. Desejo e “aplicativos de pegação” gays: a busca de contatos (homo) sexuais baseada em imagens heterossexualizadas. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 10, p. 59-72, 2020.

VIEIRA, M C; CORRADI, A; SANTOS, L C G. Aplicativos *mobile* LGBT e a vitrine de corpos: identidades, performances e sociabilidades a partir de representações imagéticas. In: ENCONTRO DE ANTROPOLOGIA VISUAL DA AMÉRICA AMAZÔNICA, 2., 2016, Belém, PA. **Anais eletrônicos...** [...]. Belém: UFPA, 2016.

ZAGO, Luiz Felipe. Gênero, sexualidade e corpo-currículo na sociabilidade de um site de relacionamentos gay. **Em Aberto**, Brasília, v. 29, n. 95, p. 109-120, jan./abr. 2016.

ANEXO A

PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ANÁLISE DA BRANQUITUDE EM RELACIONAMENTOS GAYS COM BASE NAS INTERAÇÕES EM UM GRUPO DAS REDES SOCIAIS

Pesquisador: PABULO GUIMARAES MENDES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 57363522.7.0000.0055

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.347.772

Apresentação do Projeto:

“Trata-se de uma pesquisa qualitativa, preocupada em compreender as relações étnico-raciais, especificamente sobre o homem branco e gay em aplicativos de relacionamentos gays. Para o embasamento teórico metodológico serão utilizados autores e autoras conforme os temas: Redes sociais em aplicativos de relacionamentos e globalização: {...}. Tem como metodologia a etnografia virtual e seus principais instrumentos de pesquisa: a observação de interação mediadas pelas ferramentas comunicacionais; os documentos digitais; o diário de campo virtual; os registros visuais e as entrevistas online (semiestruturadas). Ressaltamos que as entrevistas serão gravadas em áudio com a autorização prévia dos/das participantes e posteriormente transcritas na íntegra, objetivando não esquecer nenhum teor das falas dos entrevistados e das entrevistadas”.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

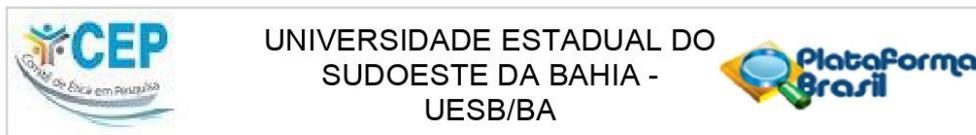
“Investigar os efeitos da branquitude nos relacionamentos gays tomando como base as interações produzidas em um grupo criado por meio das redes sociais”.

Objetivos Secundários:

Analisar como o marcador étnico-racial atravessa as construções identitárias dos homens gays acessados via redes sociais;

Investigar como os homens brancos gays reagem quando confrontados sobre a sua identidade

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 5.347.772

étnico-racial se comparados com os gays com outros pertencimentos étnico-raciais;
 Discutir como a branquitude interfere nos relacionamentos entre homossexuais considerando as diferentes identidades étnico-raciais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

“O participante poderá se sentir constrangido ao responder as perguntas do roteiro, e ao relatar suas impressões sobre o assunto discutido. Nesse caso, deixaremos o colaborador ciente de que ele pode desistir ou se isentará responder as perguntas da pesquisa. Será salientado que as respostas serão arquivadas em caráter sigiloso e utilizadas especificamente para o resultado da pesquisa”.

Benefícios:

Do ponto de vista científico e acadêmico, esta pesquisa pretende contribuir para ampliar as análises sobre os possíveis privilégios que os brancos gays possuem em relação aos gays de outros pertencimentos étnico-raciais. O levantamento feito em bancos de dados de pesquisa online mostrou que há poucos trabalhos que tratam dessa temática, existindo, portanto, uma carência de discussões que abordem tais privilégios em relação à sociabilidade entre os gays de diferentes identidades étnico-raciais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de pesquisa de Mestrado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), nas áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Campus de Jequié, UESB.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

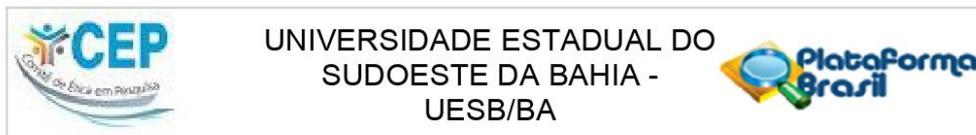
PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1774891.pdf OK

termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.pdf OK

declaracao_individual_do_pesquisador.pdf Ver conclusões

declaracao_de_compromisso_uso_de_imagem.pdf Ver conclusões

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 5.347.772

declaracao_de_compromisso_pesquisa_com_serres_humanos.pdf OK

Proposta_de_projeto.docx OK

folha_de_rosto_assinada.pdf OK

Autorizacao_coleta_de_dados.docx Ver conclusões

ROTEIRO_DA_ENTREVISTA.docx OK

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Projeto apresentado pelo pesquisador Pabulo Guimarães Mendes atende a todas as exigências éticas das Resoluções CNS N° 466 de 2012 e N°510 de 2016.

Como medida de esclarecimento apontamos abaixo alguns documentos que foram anexados à Plataforma Brasil, mas que nesta pesquisa são desnecessários:

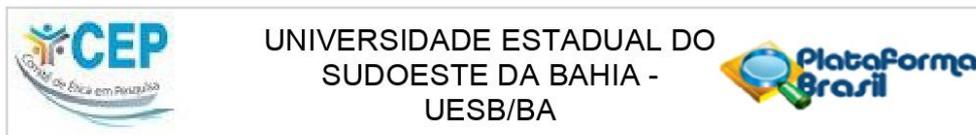
1. Autorização para coleta de dados. Neste caso como a pesquisa será realizada em um aplicativo de relacionamentos não seria necessário o documento de autorização nem a assinatura do orientador do projeto;
2. O termo de uso de imagens e depoimentos só deve ser usado se nos resultados da pesquisa forem usadas imagens e falas dos participantes;
3. A declaração individual do pesquisador deve ser usada quando houver a participação de outros colaboradores da pesquisa, além do pesquisador responsável e do orientador.

Durante a execução do projeto e ao seu final, anexar na Plataforma Brasil, por meio de Notificação, os respectivos relatórios parciais e final, de acordo com o que consta na Resolução CNS 466/12 (itens II.19, II.20, XI.2, alínea d) e Resolução CNS 510/16 (artigo 28, inciso V).

Considerações Finais a critério do CEP:

Em reunião realizada no dia 08/04/2022, por videoconferência autorizada pela CONEP, a plenária deste CEP/UESB aprovou o parecer do relator.

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 5.347.772

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|--|------------------------|-------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1774891.pdf | 05/02/2022 16:26:06 | | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.pdf | 05/02/2022 16:22:47 | PABULO GUIMARAES MENDES | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores | declaracao_individual_do_pesquisador.pdf | 05/02/2022 16:12:08 | PABULO GUIMARAES MENDES | Aceito |
| Outros | declaracao_de_compromisso_uso_de_imagem.pdf | 05/02/2022 13:55:23 | PABULO GUIMARAES MENDES | Aceito |
| Outros | declaracao_de_compromisso_pesquisa_com_seres_humanos.pdf | 05/02/2022 13:49:18 | PABULO GUIMARAES MENDES | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Proposta_de_projeto.docx | 05/02/2022 13:08:28 | PABULO GUIMARAES MENDES | Aceito |
| Folha de Rosto | folha_de_rosto_assinada.pdf | 05/02/2022 12:26:12 | PABULO GUIMARAES MENDES | Aceito |
| Outros | Autorizacao_coleta_de_dados.docx | 05/02/2022 11:12:27 | PABULO GUIMARAES MENDES | Aceito |
| Outros | ROTEIRO_DA_ENTREVISTA.docx | 05/02/2022 11:09:57 | PABULO GUIMARAES MENDES | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JEQUIE, 12 de Abril de 2022

Assinado por:

**Leandra Eugenia Gomes de Oliveira
(Coordenador(a))**

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

APÊNDICE A

ROTEIRO DA ENTREVISTA

PARTE A

Nome:

Idade:

Cor/raça:

Etnia:

Estado civil: Solteiro () Casado () Outro ()

Onde mora (cidade e estado)?

ESCOLARIDADE

Ensino médio Completo: () Não () Sim

Ensino Fundamental Completo: () Não () Sim

Curso Técnico: () Não () Sim.

Se sim, qual?

Graduação: () Sim () Não.

Se sim, qual?

Especialização: () Sim () Não.

Se sim, qual a área?

Mestrado: () Sim () Não.

Se sim, qual a área?

Doutorado: () Sim () Não.

Se sim, qual a área?

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Trabalha: () Sim () Não.

Se sim, em quê?

Qual a sua carga horária de trabalho?

Trabalho: Contrato () Efetivo () CLT ()

PARTE B

- 1 - Como você se identifica em relação à etnia/raça? Por quê?
- 2 - Para você existe etnia/raça branca? Por quê? Quais pessoas você considera brancas? Detalhe mais.
- 3 - O que você entende por privilégio?
- 4 - Você se considera uma pessoa com privilégios? Por quê? Quais privilégios você têm?
- 5 - Na sua opinião, qual o perfil de gay que apresenta mais privilégios? Por quê?
- 6 - Você se sente privilegiado em relação à sua identidade étnico-racial? Por quê?
- 7 - Quais as diferenças entre homens gays brancos e homens gays pretos? Explique:
- 8 - Você considera que os gays brancos apresentam privilégios em relação aos gays negros? Por quê? Comente.
- 9 - Já presenciou alguma situação em que a cor/raça/etnia gerou sensação de desconforto ou conflitos?
- 10 - Para você, como o fato de ser branco interfere nos relacionamentos gays?
- 11 - Para você, como o fato de ser negro interfere nos relacionamentos gays?
- 12 - Como é a sua interação com outros gays nos grupos dos aplicativos de relacionamento?
- 13 - Como a sua identidade étnico-racial branca interfere nesses momentos de interação nos aplicativos?
- 14 - Para você, como os homens brancos gays reagem quando confrontados sobre a sua identidade étnico-racial se comparados com os gays com outros pertencimentos étnico-raciais?
- 15 - Você namoraria com homem gay negro? Por quê?
- 16 - Você namoraria com homem gay branco? Por quê?
- 17 – Conte-me um pouco sobre os relacionamentos que você já teve.

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

Este documento é um CONVITE ao(à) Senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar da pesquisa abaixo descrita. Por favor, leia atentamente todas as informações abaixo e, se você estiver de acordo, rubrique as primeiras páginas e assine a última, na linha “Assinatura do participante”.

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Pábulo Guimarães Mendes

1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: Marcos Lopes de Souza

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

2.1. TÍTULO DA PESQUISA

ANÁLISE DA BRANQUITUDE EM RELACIONAMENTOS GAYS COM BASE NAS INTERAÇÕES EM UM GRUPO DAS REDES SOCIAIS

2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):

A motivação em realizar esta pesquisa partiu da minha vivência enquanto militante e pesquisador e também de uma fala de um amigo preto, quando estávamos, em seu apartamento, conversando sobre o racismo. Ela me disse que os pretos têm vantagens, enquanto os brancos apresentam privilégios. A partir daquele momento, comecei a questionar o meu lugar de homem branco e gay e como a branquitude atua nas relações de poder, favorecendo, incondicionalmente, a população branca em detrimento daquelas com outras identidades étnico-raciais, como a negra e a indígena. Com base no exposto, esse trabalho se justifica na medida em que pretende entender como ser branco interfere nos relacionamentos gays, identificando as situações de privilégio dos gays brancos e, ao mesmo tempo, analisando os efeitos disso para os gays com outras identidades étnico-raciais.

2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):

Este trabalho tem como objetivo geral investigar os efeitos da branquitude nos relacionamentos gays tomando como base as interações produzidas em um grupo criado por meio das redes sociais. Também pretendo alcançar alguns objetivos específicos, no caso, analisar como a raça/etnia atravessam as construções das identidades dos homens gays acessados via redes sociais, investigar como os homens brancos gays reagem quando confrontados sobre a sua identidade étnico-racial se comparados aos gays com outros pertencimentos étnico-raciais e discutir como a branquitude interfere nos relacionamentos entre homossexuais considerando as diferentes identidades étnico-raciais.

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. ;)

Página 1

3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

3.1 O QUE SERÁ FEITO:

Nesta pesquisa, criarei um grupo aberto em um aplicativo de relacionamento para homens gays maiores de 18 anos, com o objetivo de discutir como as relações étnico-raciais afetam as vivências homossexuais. Os participantes serão informados que este grupo está atrelado a uma pesquisa de mestrado e seu funcionamento será de seis meses. Na descrição do grupo haverá uma breve apresentação, a finalidade e as regras de convivência. Para organização e desenvolvimento do grupo, buscarei os participantes com base nos contatos nos grupos dos quais já faço parte, como por exemplo: Facebook, *WhatsApp* e *Telegram*. Anteriormente à criação deste grupo será feito um diagnóstico visando sondar os grupos já existentes nos aplicativos de relacionamentos e verificar como se dão as relações entre os gays nestes espaços considerando o marcador étnico-racial.

Ao longo dos seis meses, estarei acompanhando esse grupo aberto no aplicativo de relacionamento observando o movimento do grupo, as postagens feitas pelos participantes entre outras coisas. Elaborarei um diário de campo sobre as observações feitas no grupo. Nessas observações, analisarei as imagens, vídeos e outros documentos postados.

Ao longo das observações, enviarei convites para alguns dos membros participarem de uma entrevista online, cujo propósito será o de conhecer mais profundamente as perspectivas desses sujeitos sobre os efeitos da branquitude nos relacionamentos homossexuais. A entrevista será realizada com base em um roteiro prévio de questões e será feita individualmente pela plataforma do Google Meet. Os participantes serão escolhidos conforme sua participação no grupo. Portanto, aqueles que participarem mais efetivamente serão convidados para a entrevista. Pretende-se entrevistar, a princípio, dez homens, sendo que este número pode variar conforme a dinâmica do grupo. Reforço que as entrevistas serão gravadas em áudio com a autorização prévia dos participantes e, posteriormente, transcritas na íntegra, objetivando não esquecer nenhum teor das falas dos entrevistados.

3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:

As coletas ocorrerão no grupo de aplicativo e nas entrevistas no Google Meet, com datas a serem definidas com os participantes

3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:

O grupo criado no aplicativo funcionará por um período de seis meses e as entrevistas online com cada participante durará, em média, uma hora.

4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

MÍNIMO MODERADO ALTO

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

O participante poderá se sentir constrangido ao responder as perguntas do roteiro e ao relatar suas impressões sobre o assunto discutido. Nesse caso, deixaremos o colaborador ciente de que ele pode desistir ou se insentará de responder as perguntas da pesquisa. Será salientado que as respostas serão arquivadas em caráter sigiloso e utilizadas especificamente para o resultado da pesquisa.

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

Ao longo da pesquisa, buscarei fortalecer a confiança com os entrevistados para evitar qualquer desconforto durante a investigação, reforçando o anonimato dos depoimentos e também esclarecerei que, mesmo assim, a qualquer momento os participantes poderão desistir de participar da pesquisa, caso desejem, e que não serão impedidos e nem sofrerão penalidades por tal decisão.

5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

Esta pesquisa pode contribuir para que os participantes repensem sobre seu lugar de branco, reconhecendo sua identidade étnico-racial e como ela interfere nos seus relacionamentos. Além disso, espera-se que a pesquisa contribua para melhorar os relacionamentos dos gays brancos, em especial, com os gays de outras identidades étnico-raciais a fim de diminuir os processos discriminatórios existentes nesses relacionamentos.

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

Do ponto de vista científico e acadêmico, esta pesquisa pretende contribuir para ampliar as análises sobre os possíveis privilégios que os brancos gays possuem em relação aos gays de outros pertencimentos étnico-raciais. O levantamento feito em bancos de dados de pesquisa online mostrou que há poucos trabalhos que tratam dessa temática, existindo, portanto, uma carência de discussões que abordem tais privilégios em relação à sociabilidade entre os gays de diferentes identidades étnico-raciais.

Em relação aos benefícios sociais, esta pesquisa busca colaborar para que a comunidade homossexual possa entender de que forma a etnia/raça interfere nos relacionamentos afetivo-sexuais desse grupo, focalizando os privilégios dos gays brancos e, a partir daí, diminuam as violências que possam ocorrer internamente entre os gays no que tange às relações étnico-raciais.

6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: *Nenhum dos dois.* A participação na pesquisa é voluntária.

6.2. Mas e se acabarmos gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: *O pesquisador responsável precisará lhe ressarcir estes custos.*

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: Você pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R: Não. Só se precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.

6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

R: Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R: Nenhum.

6.7. Os participantes não ficam expostos publicamente?

R: Não. A privacidade é garantida. Os dados podem ser publicados ou apresentados em eventos, mas o nome e a imagem dos voluntários são sigilosos e, portanto, só serão conhecidos pelos pesquisadores.

6.8. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídos.

6.9. Qual a “lei” que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?

R: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Ambas podem ser encontradas facilmente na internet.

6.10. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?

R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.

7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: *Pábulo Guimarães Mendes*

Endereço: *Av Rio Branco, 1849, Joaquim Romão, Jequié/Bahia.*

Fone: *(73)99133-2460 / E-mail: pabulo_mendes@yahoo.com.br*

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP), Jequiezinho, Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: *(73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br*

Horário de funcionamento: *Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00*

8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

em participar do presente estudo;

com a participação da pessoa pela qual sou responsável.

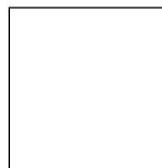
Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Jequié, 5 de fevereiro de 2022

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 4

Assinatura do(a) participante (ou da pessoa por ele responsável)



Impressão Digital
(Se for o caso)

9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

Jequié, 5 de fevereiro de 2022

Assinatura do(a) pesquisador

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. ;)

Página 5

